Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: http://www.ppgll.ufba.br - E-mail: pgletba@ufba.br

A INACUSATIVIDADE NA FALA DE COMUNIDADES RURAIS AFRO-BRASILEIRAS ISOLADAS

por

GUILHERMINA MARIA BASTOS MENDES DE CARVALHO

Orientador: Profª. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Salvador
2006

GUILHERMINA MARIA BASTOS MENDES DE CARVALHO

A INACUSATIVIDADE NA FALA DE COMUNIDADES RURAIS AFRO-BRASILEIRAS ISOLADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Profª. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro
Co-orientador: Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotte

Salvador
2006

RESUMO

Esta dissertação analisa a variação da ordem SV/VS em construções com verbos inacusativos de 18 (dezoito) entrevistas, extraídas do Corpus Base do Dialeto Rural Afro-Brasileiro, da região da Bahia, procurando conciliar uma abordagem sociolingüística variacionista com um aparato teórico gerativista. O *corpus* analisado reúne três comunidades localizadas em regiões diferentes do estado da Bahia, em que se fixou mão-de-obra escrava: Helvécia, no extremo-sul do Estado; Cinzento, no semi-árido; e Sapé, no Recôncavo Baiano. Assume-se, como objeto de estudo, a perspectiva de uma das ordens, a ordem VS, procurando caracterizar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que a condicionam, estes últimos em função de motivações externas (sócio-históricas), ligadas a essas comunidades rurais afro-brasileiras, vivendo em relativo isolamento. A análise estatística demonstra que há fatores sintáticos e semântico-discursivos relevantes no condicionamento da ordem VS, sobrelevando a natureza do verbo inacusativo em relação com o argumento interno que seleciona. Esta análise conclui que as ordens SV e VS não constituem propriamente um caso de variação, mas sim, um fenômeno de configuração heterogênea, em distribuição complementar.

Palavras-chave: Verbo inacusativo. Argumento interno. Ordem SV/VS.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the SV/VS order variations in inaccusative verb constructions in 18 (eighteen) interviews, taken from The Basic Corpus of the Rural Afro-Brazilian Dialect, in the State of Bahia, trying to reconcile a variational socio-linguistic approach (cf. LABOV, 1972) with a theoretical generative apparatus (cf. CHOMSKY, 1981; 1986). The analyzed *corpus* deals with three communities in different parts of the State of Bahia, in which slave workers were settled: "Helvécia," in the far south of the State; "Cinzento," in the semiarid; and "Sapé," on the environs of the All Saints Bay. As object of this study, the perspective of one of the orders – the VS order – is taken, aiming to characterize the linguistic and extra-linguistic factors that condition it, the latter ones in function of the external motivations (social-historical), linked to these rather isolated rural Afro-Brazilian communities. The statistical analysis shows that there are syntactic and semantic-discourse factors, relevant to the VS order, predominating over the inaccusative verb nature, in relation to the argument it selects. This analysis concludes the SV/VS orders are not exactly a case of variation, but a phenomenon of heterogeneous configuration, in complementary distribution.

Keywords: Inaccusative verb. Internal Argument. SV/VS Order.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é fruto de um envidado esforço pessoal que teve como maior estímulo o meu interesse pelo tema da pesquisa. No entanto, não teria chegado a bom termo sem a contribuição de todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a sua concretização:

A Deus, por me dar forças e inspiração.

A meus pais, Luiz e Romilda, *in memorian*, sem a ajuda dos quais não teria chegado a esta etapa gratificante da minha vida profissional.

A meu dileto esposo e eterno companheiro Almir e a meus amados filhos e netos, pelo apoio e carinho.

A minha orientadora, a Profª Dra. Ilza Ribeiro, pela valiosa participação durante todo o desenvolvimento do trabalho, atuando de modo firme, prestimoso e competente, visando à melhor produção científica possível.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Dante Lucchesi, pela atenção e ajuda prestadas na construção deste trabalho, sempre acompanhadas de comentários pertinentes.

À Profª Dra. Emiliana Passos, pela contribuição com a língua estrangeira e pelos textos disponibilizados.

No plano institucional, agradeço o apoio recebido do Magnífico Reitor da Universidade Católica do Salvador, Prof. José Carlos Almeida da Silva.

No desenvolvimento da pesquisa, agradeço, de modo especial, à colega Neila, pela sua constante disponibilidade, bem como à colega Cristina, por sua atenção, e aos demais colegas da Pós-Graduação, com os quais tive o prazer de conviver durante o período da creditação.

Finalmente, agradeço a todo o corpo docente deste Mestrado, na pessoa da então coordenadora, a Profª Dra. Ilza Ribeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico 1 – Percentual de VS por comunidade em relação ao total de verbos inacusativos 102

Figura 2: Gráfico 2 – Percentagem de VS em relação a SV segundo o tipo de verbo inacusativo 112

Figura 3: Gráfico 3 – cruzamento função semântica pressuposição e tipo de verbo inacusativo 135

Figura 4 – Gráfico 4: Cruzamento função semântica foco no sujeito e tipo de verbo inacusativo 135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representações formais para as quatro classes verbais 43

Quadro 2 – As comunidades e os informantes selecionados 63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pronomes pessoais no PB 78

Tabela 2: Pronomes pessoais no PE 79

Tabela 3: Distribuição dos dados por comunidade 101

Tabela 4: A inversão VS segundo o tipo de sujeito 104

Tabela 5: A inversão VS segundo o tipo de verbo inacusativo 111

Tabela 6: A inversão VS segundo o sujeito quantificado 121

Tabela 7: Cruzamento de tipo de sujeito com sujeito quantificado 125

Tabela 8: A inversão VS segundo a função semântica do sujeito 129

Tabela 9: Cruzamento função semântica do sujeito e tipo de verbo inacusativo 133

Tabela 10: A inversão VS segundo a definitude do sujeito 136

Tabela 11: A inversão VS segundo o número de sílabas no sujeito 140

Tabela 12: A inversão VS segundo o traço semântico animacidade do sujeito 142

Tabela 13: Cruzamento de animacidade com função semântica do sujeito 143

Tabela 14: A inversão VS segundo o tempo do verbo 145

Tabela 15: Cruzamento de função semântica com tempo do verbo 148

Tabela 16: A inversão VS segundo a concordância sujeito-verbo 150

Tabela 17: A inversão VS segundo o traço escolaridade 153

Tabela 18: A inversão VS segundo a estada fora da comunidade 154

Tabela 19: A inversão VS segundo a faixa etária dos informantes 155

Tabela 20: A inversão VS segundo o gênero dos informantes 155

Tabela 21: A inversão VS segundo as comunidades 156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1 VERBOS INACUSATIVOS **13**

1.1 PROPRIEDADES DOS VERBOS INACUSATIVOS 13

1.2 CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS 15

1.3 CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS PESSOAIS E IMPESSOAIS 16

1.4 INACUSATIVIDADE LEXICAL E INACUSATIVIDADE ESTRUTURAL 18
1.4.1 Inacusatividade lexical: a classe dos verbos inacusativos 18
1.4.1.1 Verbos inacusativos de movimento 20
1.4.1.2 Verbos de existência e de aparição 20
1.4.1.3 Verbos que denotam eventos com causa interna 22
1.4.2 Inacusatividade estrutural 23
1.4.2.1 Construções ergativas 24
1.4.2.2 As construções copulativas 27
1.4.2.3 Construções passivas – sintáticas, de se e adjetivais 29
1.4.2.4 Construções médias 33

1.5 ABORDAGENS TEÓRICAS DO FENÔMENO DA INACUSATIVIDADE 35
1.5.1 As abordagens sintáticas da inacusatividade 35
1.5.1.1 Burzio 35
1.5.1.2 Belletti 38
1.5.1.3 Eliseu 40
1.5.2 Uma proposta semântica – Van Valin 42
1.5.3 Uma abordagem sintático-semântica – Levin e Hovav 45

1.6 A INACUSATIVIDADE NO PB – UMA PROPOSTA SEMÂNTICA 50
1.6.1 Márcia Cançado e a Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos 50

1.7 CONSIDERAÇÕES 54

2 O MÉTODO **56**

2.1 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* – AS COMUNIDADES 57
2.1.1 A comunidade de Cinzento 58
2.1.2 A comunidade de Helvécia 59
2.1.3 A comunidade de Sapé 60

2.2 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* – OS INFORMANTES 62

2.3 A SELEÇÃO DOS DADOS A SEREM INVESTIGADOS 63
2.3.1 Critérios para a seleção dos dados 64

2.4 A VARIÁVEL DEPENDENTE 66
2.4.1 Sobre a ordem SV/VS no PB 67

2.5 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES 69
2.5.1 A concordância 70
2.5.2 Tipo de sujeito 72
2.5.3 Sujeito pronominal (realizado ou não) 77
2.5.4 Traço semântico animacidade 80
2.5.5 Preenchimento do sujeito 82
2.5.6 Definitude do sujeito 84
2.5.7 Sujeito quantificado 86
2.5.8 Número de sílabas no sujeito 87
2.5.9 Tipo de verbo inacusativo 89
2.5.10 Tempo do verbo 92
2.5.11 Função semântica do sujeito 93

2.6 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS (VARIÁVEIS SOCIAIS) 95
2.6.1 Faixa etária 96
2.6.2 Gênero 96
2.6.3 Estada fora da comunidade 97
2.6.4 Comunidades 97
2.6.5 Escolaridade 98

2.7 O VARBRUL 98

2.8 CONSIDERAÇÕES 99

3 ANÁLISE DOS DADOS **101**

3.1 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS 103
3.1.1 Tipo de sujeito 103
3.1.2 Tipo de verbo 111
3.1.3 Sujeito quantificado 120
3.1.4 Função semântica do sujeito 128
3.1.5 Definitude do sujeito 136
3.1.6 Número de sílabas no DP sujeito 139
3.1.7 Animacidade do sujeito 141
3.1.8 Tempo do verbo 145
3.1.9 Concordância sujeito-verbo 150

3.2 AS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS OU SOCIAIS 153

4 CONCLUSÃO **157**

REFERÊNCIAS **162**

INTRODUÇÃO

Entre os lingüistas, tem-se destacado o interesse por certas construções reveladoras de um fenômeno lingüístico que afeta muitas línguas, hoje conhecido como "inacusatividade". A constatação desse fenômeno impõe uma revisão na classificação dos verbos plenos[1], que se dividem, tradicionalmente, em dois tipos básicos: transitivos e intransitivos.

Adotando um critério notadamente semântico, é possível distinguir um verbo transitivo de um intransitivo pelo número e tipo de argumentos que cada um seleciona. Um verbo transitivo seleciona dois argumentos nucleares, um dos quais exerce função temática de Tema[2], enquanto o outro é tipicamente um Agente[3]. Já o verbo intransitivo seleciona um único argumento nuclear, tipicamente um Agente. Em uma abordagem de cunho sintático, pode-se dizer simplesmente que o verbo transitivo é o que subcategoriza um argumento interno, além do argumento externo. Desse modo, o argumento interno com a relação de Tema é o elemento identificador da classe dos verbos transitivos, em contraponto com a dos verbos intransitivos (cujo único argumento não é subcategorizado pelo verbo e não apresenta a relação temática de Tema).

Assim, entre os chamados "intransitivos" observou-se a existência de verbos que, por possuírem um único argumento com a função temática de Tema, não se enquadram nessa classe, tampouco na dos transitivos: são os verbos inacusativos. Exemplificando em (1):

(1) [**A criança**]$_{\text{TEMA}}$ caiu.

---

[1] O verbo pleno, também chamado verbo principal, é o que constitui o núcleo semântico da oração, apresentando propriedades de seleção semântica (número de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração).

[2] Tema é o papel temático do argumento que designa a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado, em frases que descrevem situações dinâmicas; pode também designar uma entidade criada pela atividade expressa pelo verbo; pode, ainda, ser atribuído à entidade não controladora nem experienciadora de uma situação não dinâmica. (DUARTE, 2003, p.190)

[3] Agente é o papel temático do argumento que designa a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação. (DUARTE, 2003, p.188)

Em (1), *a criança*, exercendo a função temática de Tema é o argumento único do verbo *cair*, um verbo monoargumental que pertence à classe dos verbos inacusativos, conforme se irá demonstrar adiante.

Esta Dissertação está dividida em três capítulos, além da Conclusão e Referências.

No capítulo 1 – Verbo Inacusativo – é apresentado, inicialmente, um estudo sobre os verbos inacusativos, destacando as propriedades que os distinguem, principalmente, dos verbos intransitivos. Em seguida, apresenta-se um breve estudo das construções inacusativas (inacusatividade estrutural), ressaltando que esta pesquisa vai se deter sobre os verbos inacusativos (inacusatividade lexical). Por fim, comentam-se alguns trabalhos teóricos sobre o fenômeno da inacusatividade, em três abordagens: sintática, semântica e sintático-semântica.

O capítulo 2 – O Método – trata da metodologia que deve embasar este trabalho, esclarecendo que, embora seja de base gerativista, esta pesquisa se utiliza do modelo variacionista de quantificação dos dados, ao tempo em que se justifica essa abordagem gerativo-sociolingüística. Em seguida, faz-se um breve relato das comunidades que integram o corpus da pesquisa, explica-se a escolha dos informantes e o estabelecimento das células na composição do *corpus*, constituído de 18 entrevistas. Define-se a variável dependente e suas variantes, o critério de seleção dos dados e as variáveis independentes, lingüísticas e extralingüísticas. Conclui-se com uma breve explanação sobre o pacote de programas VARBRUL, utilizado na quantificação e análise dos dados.

No capítulo 3 – Análise de Dados – procede-se à análise dos dados, em que se testam as hipóteses levantadas no capítulo 2, comentando-se sobre cada um dos resultados selecionados como estatisticamente relevantes pelo pacote de programas VARBRUL. As variáveis e seus resultados são apresentados em tabelas e gráficos.

Na Conclusão, são comentados os resultados considerados mais relevantes para o estudo do fenômeno em foco.

1 VERBOS INACUSATIVOS

Esses verbos, examinados mais atentamente, são verbos que revelam características idiossincráticas, por apresentarem certas propriedades que os identificam com os verbos transitivos, enquanto outras são comuns aos verbos intransitivos, além de algumas que lhes são particulares, como se verá a seguir, no seu estudo.

Tendo em vista a dificuldade de distinguir, muitas vezes, um verbo inacusativo de um verbo intransitivo (uma vez que ambos selecionam um único argumento) tornaram-se necessários testes mais confiáveis que demonstrassem as propriedades que caracterizam um verbo inacusativo.

1.1 PROPRIEDADES DOS VERBOS INACUSATIVOS

É possível elencar as seguintes propriedades dos verbos dessa classe:

a) Construção de particípio absoluto: ao contrário do sujeito dos verbos intransitivos, que não aceitam a construção no particípio absoluto, como em (2), o sujeito final dos verbos inacusativos admite essa construção, ilustrada em (3), tal como o argumento interno direto dos verbos transitivos, conforme se ilustra em (4):

(2) * **Corrido** [o atleta],... ([O atleta]$_{SU}$ **correu**.)
(3) **Chegadas** [as alunas],... ([As alunas]$_{SU}$ **chegaram**.)
(4) **Revistos** os exercícios,... ([O professor]$_{SU}$ **reviu** [os exercícios]$_{OD}$.)

É agramatical a construção em (2) com o verbo intransitivo *correr* no particípio; já o verbo inacusativo *chegar*, em (3), tal como o verbo transitivo *rever*, em (4), admitem a construção com o verbo no particípio. Este teste demonstra que o sujeito em (3) se comporta como o objeto de (4), ao contrário do que ocorre com o sujeito em (2).

b) Posição predicativa e atributiva: contrariamente aos verbos intransitivos, em (5), as formas participiais dos verbos inacusativos em (6), tanto quanto as dos verbos transitivos em (7), podem ocorrer em posição predicativa e atributiva[4]:

(5) a. *O rapaz [*está corrido*]$_{\text{PRED.}}$
b. *[O rapaz *corrido* $_{\text{ATRIB.}}$] é meu aluno.
(6) a. O rapaz [*está adormecido*]$_{\text{PRED.}}$
b. [O rapaz *adormecido*$_{\text{ATRIB.}}$] é meu aluno.
(7) a. A porta [*está aberta*]$_{\text{PRED}}$.
b. [A porta *aberta*$_{\text{ATRIB.}}$] está empenada.

São agramaticais em (5) as formas participiais em posição predicativa e atributiva do verbo intransitivo *correr*. Já as formas participiais do verbo inacusativo *adormecer* em (6) revelam a mesma propriedade daquelas do verbo transitivo *abrir* em (7), em relação aos argumentos *rapaz* e *porta*, respectivamente.

c) Nominalizações em *–or*: os verbos inacusativos não podem ser a entrada de nominalizações com o sufixo agentivo *–or* , como indicado em (8), diferentemente do que ocorre com os verbos intransitivos e transitivos, conforme exemplos em (9). Esse processo derivacional só se aplica a verbos que selecionam um argumento externo:

(8) *caidor (cair)
(9) a. corredor (correr)
b. construtor (construir)

d) Seleção de auxiliar: no português antigo era selecionado o verbo *se(e)r* como auxiliar dos tempos compostos com verbos inacusativos, conforme ilustrado em (10a), assim como ocorre nas construções passivas, enquanto com verbos transitivos e inergativos[5] os auxiliares eram *(h)aver* e *ter*, conforme exemplos em (10 b), tal como ocorre ainda hoje no francês e no italiano, como está ilustrado a seguir em (11e 12):

(10) a. "... O meu filho *he morto*. Vem tu e resuscita-o[6]".
b. "... os serviços que *avian feitos* a seu padre[7]."

[4] As formas participiais exemplificadas definem-se catagorialmente como [+N, +V], sendo, pois, adjetivos derivados a partir de categorias [-N, +V].
[5] Verbo inergativo ou verdadeiro intransitivo é o verbo que seleciona um argumento externo com a relação gramatical de sujeito. Ex.: *O rapaz* $_{\text{sujeito}}$ *trabalhou*.
[6] Exemplo retirado dos *Diálogos de São Gregório apud* MATTOS E SILVA, 1994, p.63.

(11) a. Il *est parti* hier soir. (Ele partiu ontem à noite.)
b) Nous *avons vu* ce filme là. (Nós vimos aquele filme)
(12) a. Molti studenti *sono arrivati*. (Muitos estudantes chegaram)
b. Giacomo *ha telefonato*. (Giacomo telefonou)

Assim, os exemplos, tanto em (10a), como em (11a) e (12a), demonstram que o sujeito do verbo inacusativo comporta-se como um argumento interno do verbo. Por outro lado, os exemplos em (10b), (11b) e (12b) mostram que o sujeito dos verbos transitivos (*fazer*, em (10b) e *ver* em (11b)) e do intransitivo (*telefonar*, em (12b)) se comporta como um verdadeiro sujeito.

Tendo sido apresentadas as propriedades dos verbos inacusativos, que servem para distingui-los, sobretudo dos verbos intransitivos (os quais também selecionam um argumento único), convém chamar a atenção para o emprego da expressão "construções inacusativas", que pode designar, em sentido amplo, não só as construções com verbos inacusativos, mas também certas construções assim chamadas por apresentarem as duas propriedades básicas que revelam a ocorrência do fenômeno da inacusatividade. Por conta disso, Duarte (2003) inclui umas e outras no que denomina de "a família das construções inacusativas".

1.2 CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS

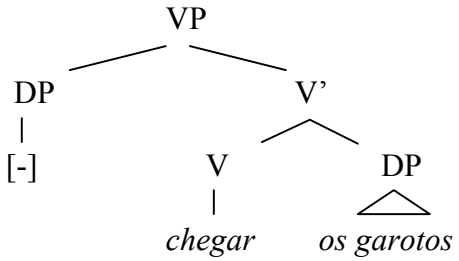
Tomando a expressão em sentido amplo, nela incluem-se, portanto, não só as construções com verbos inacusativos, mas também as chamadas "construções inacusativas", ou seja, construções que apresentam as duas propriedades básicas que caracterizam o fenômeno da inacusatividade: a) o verbo não atribui caso acusativo a seu argumento interno direto[8]; b) o verbo não atribui papel temático externo à posição de sujeito.

Na representação sintática inicial da construção inacusativa em (13a), o argumento interno do verbo inacusativo ocupa a posição de complemento do verbo (*os garotos*, em

[7] Exemplo retirado da *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes apud MATTOS E SILVA, 1994, p.64.
[8] O argumento interno direto do verbo é o DP com função de objeto direto.

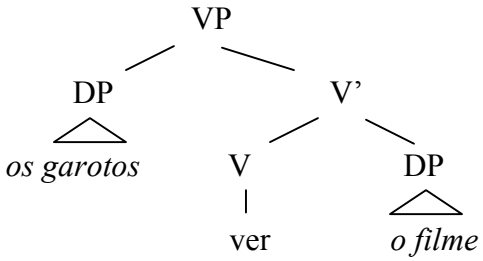
(13 a)), do mesmo modo que o argumento interno direto de um verbo transitivo (*o filme*, em (13 b)). Todavia, como o verbo inacusativo não seleciona argumento externo, a posição de Spec, VP está vazia (em (13 a)) e preenchida, na construção transitiva, pelo argumento externo *os garotos* (em (13 b)); o argumento interno do verbo inacusativo não recebe caso do verbo que o seleciona (compare-se (13 a) com (13 b)):

(13) a. Os garotos chegaram.



[- caso acusativo]

b. Os garotos viram o filme.



[+ caso acusativo]

Em (13a), o DP[9] *os garotos*, argumento interno direto do verbo inacusativo *chegar*, porque não recebe caso acusativo na posição em que é gerado, vai se deslocar para a posição de sujeito a fim de receber caso nominativo, enquanto *o filme*, argumento interno do verbo transitivo *ver,* permanece na sua posição de base, onde recebe caso acusativo, atribuído pelo verbo.

1.3 CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS PESSOAIS E IMPESSOAIS

Nas línguas de sujeito nulo, como o português, as construções inacusativas podem ser de dois tipos: pessoais, como em (14a), e impessoais, como em (14b):

(14) a. Os garotos chegaram.
b. Chegaram os garotos.

[9] Usa-se aqui a categoria sintagmática DP (Determiner Phrase) para designar sintagma nominal, e não NP, porque, para efeitos de referencialidade, um NP é sempre não-referencial, pois a ele faltam traços de definitude, enquanto um DP pode ser tanto referencial como não-referencial.

Em (14a), o argumento único do verbo se encontra em posição pré-verbal, enquanto em (14b), a posição é pós-verbal.

As construções inacusativas pessoais resultam do movimento do argumento interno direto do verbo para a posição de Spec, IP, a fim de receber caso nominativo, desencadeando a concordância verbal. A obrigatoriedade da marcação de caso dos DP's realizados foneticamente (Filtro do Caso)[10] explica o movimento do DP em posição de objeto direto nessas construções. Esse movimento realiza-se para uma posição não-temática, visto que a posição de sujeito definida em (15 a), que não corresponde a nenhum argumento do verbo, é requerida pelo Princípio da Projeção Estendida[11]. A posição de sujeito é marcada casualmente por Infl. O argumento interno direto alçado à posição pré-verbal é interpretado como tópico,[12] no português europeu, segundo Duarte (2003):

(15) a. $[_{IP}$ e $[_{I'}$ $[_{VP}$ V DP]]]
b. $[_{IP}$ DP_i $[_{I'}$ $[_{VP}$ V t_i]]]

Conforme se observou em (14b), as construções inacusativas impessoais têm o argumento interno direto na posição pós-verbal, sendo interpretado como foco informacional[13]. Como esse argumento interno não recebe caso acusativo do verbo (daí o nome dado ao verbo inacusativo), há diferentes propostas explicativas de atribuição de caso ao argumento interno pós-verbal, nesse tipo de construção inacusativa. Essa questão será retomada mais adiante, a propósito dos enfoques sintáticos da inacusatividade.

Neste trabalho, os verbos inacusativos são identificados como uma classe de verbos distinta daquela dos verbos "verdadeiramente" intransitivos, ou ainda, inergativos – designação pela qual também são conhecidos esses últimos – e são justamente os primeiros

[10] De acordo com o Filtro do Caso, todo DP realizado foneticamente deve receber caso (CHOMSKY, 1981).
[11] Segundo o Princípio da Projeção Estendida, toda sentença deve ter sujeito (CHOMSKY, 1981).
[12] Um texto fala sempre de um ou mais assuntos – o(s) tópico(s), que corresponde(m), em geral, à informação de que já dispõem os interlocutores, e o que é dito acerca dele é o comentário, por isso, interlingüisticamente, há a tendência para o tópico preceder o comentário (DUARTE, 2003, p.121).
[13] O foco corresponde à informação nova, contida no comentário (DUARTE, 2003, p.122).

que, neste trabalho, vão ser objeto de análise em um *corpus* rural do português afro-brasileiro. Todavia, considerando que as propriedades básicas do fenômeno da inacusatividade são observadas em outras construções conhecidas, como se mencionou acima, incluem-se neste capítulo uma abordagem teórica, além dos verbos inacusativos, um breve estudo sobre as construções que compõem, juntamente com os primeiros, a denominada "família das construções inacusativas": são as construções ergativas, passivas, copulativas e médias.

1.4 INACUSATIVIDADE LEXICAL E INACUSATIVIDADE ESTRUTURAL

Assim é que, participando das propriedades que identificam o fenômeno da inacusatividade, é possível identificar, de um lado, os verbos inacusativos (inacusatividade lexical) e, de outro, as "construções inacusativas" (inacusatividade estrutural).

1.4.1 Inacusatividade lexical: a classe dos verbos inacusativos

Inicialmente, cumpre esclarecer uma questão terminológica a respeito desses verbos: inacusativo e ergativo são os termos usados na literatura para designar os tipos de verbos relacionados ao fenômeno da inacusatividade. O termo inacusativo, em razão da propriedade que têm esses verbos de não atribuir caso acusativo a seu argumento interno; o termo ergativo, em razão da similaridade existente entre esse tipo de verbos e as línguas ergativas, ou seja, pelo fato de o sujeito desses verbos corresponder ao objeto do verbo transitivo-causativo em termos de papel temático. Observe-se, por exemplo, as sentenças em (16):

(16) a. Paulo quebrou [a vidraça]$_{\text{TEMA.}}$
b. [A vidraça] $_{\text{TEMA}}$quebrou.

Em (16a), *a vidraça* é o argumento interno de quebrar e tem a função temática de Tema. Em (16b), *a vidraça* ocupa a posição de sujeito do mesmo verbo e mantém a mesma função temática, quer dizer, há uma correspondência quanto ao papel temático de Tema nos dois casos.

De acordo com Dixon (1994), as línguas ergativas prototípicas têm o mesmo caso para o objeto do verbo transitivo e o sujeito do verbo intransitivo (caso absolutivo), diferentemente do caso do sujeito do verbo transitivo (caso ergativo). As línguas nominativas, como o português, ao contrário, marcam com o mesmo caso nominativo o sujeito do verbo transitivo e do intransitivo.

Assim, para designar os diferentes tipos de verbos que manifestam o fenômeno da inacusatividade, alguns autores preferem a designação de "inacusativos", como Perlmutter (1978) e Duarte (2003), por exemplo; outros, a de ergativos, como Burzio (1981/1986) e Eliseu (1984); outros, ainda, distinguem inacusativos de ergativos, conforme Haegeman (1996) e como é o caso deste trabalho.

Portanto, nesta pesquisa, que tratará, na Análise dos seus Dados (capítulo 3), somente de verbos inacusativos, identifica-se o verbo inacusativo como o verbo monoargumental cujo argumento interno único pode se deslocar para a posição de sujeito a fim de receber caso nominativo; já o verbo ergativo é o verbo de alternância transitivo-ergativa, isto é, o verbo transitivo que pode apresentar uma variante ergativa/inacusativa, como no exemplo em (16b). No primeiro caso, a inacusatividade é lexical; no segundo, é estrutural.

Os verbos inacusativos subdividem-se em: verbos de movimento (*ir, vir, cair*), verbos de existência (*existir, viver, constar*) e de aparição (*aparecer, desaparecer, sumir*), e verbos que denotam eventos com causa interna (*nascer, morrer, crescer*).[14]

[14] Os verbos de mudança de estado devida a causa externa são geralmente verbos ergativos, como se verá adiante.

1.4.1.1 Verbos inacusativos de movimento

São verbos de movimento que denotam direção inerente, como: *cair, chegar/partir, descer/ subir, entrar/sair, ir/vir*[15].

Aplicando-se as propriedades dos verbos inacusativos aos verbos de movimento com direção inerente, observa-se que esses verbos aceitam a construção com o particípio absoluto (como nos exemplos em (17)), mas não admitem facilmente a posição predicativa, como se pode conferir nos exemplos em (!8). A seguir, ilustra-se com exemplos em (17) e (18):

(17) a) Chegado José, ...
b) Descida a cortina, ...
(18) a) A bicicleta está caída no chão.
b) *José está chegado. (DUARTE, 2003, p.520)

Em (17), os verbos *chegar* e *descer* encontram-se empregados em construções de particípio absoluto, que correspondem a uma das propriedades apresentadas em 1.1; em (18a), o verbo *cair* admite a posição predicativa, outra das propriedades, que não ocorre com o verbo *chegar* em (18b). Portanto, há propriedades que não se aplicam a todos os subtipos de verbos inacusativos, como é o caso dos verbos de movimento.

1.4.1.2 Verbos de existência e de aparição

Entre os verbos de existência encontram-se os essencialmente existenciais, como *existir, constar, perdurar*[16]; os chamados existenciais locativos, como *residir, viver, morar*; e os que denotam ausência ou carência, a saber, *escassear, faltar.*

[15] Cf. Levin e Hovav (1996), para o inglês. Os verbos de movimento que denotam modo do movimento, como *andar, correr, nadar*, são intransitivos.
[16] A propósito do verbo *haver* existencial, Duarte (2003) observa que esse verbo atribui caso acusativo a seu argumento interno, apesar de não selecionar argumento externo, constituindo-se em exceção à chamada Generalização de Burzio (1986), que será tratada adiante.

Os verbos de aparição são os que denotam: a) a entrada em cena de uma entidade, como *aparecer, brotar, surgir*; b) o desaparecimento de uma entidade, a saber, *desaparecer, sumir*; c) a decorrência de um evento, como *acontecer, ocorrer, passar (-se).*

Apesar de esses verbos não se enquadrarem em todas as propriedades comuns aos verbos inacusativos (os existenciais locativos, por exemplo, não ocorrem em construção de particípio absoluto), uma série de características comuns a esse subtipo de verbos justifica a sua inclusão na classe dos inacusativos, tais como:

a) Apresentam seu sujeito final no papel temático Tema, que é típico dos argumentos internos diretos;

b) Como ocorre normalmente com a classe dos verbos inacusativos por razões obvias, esse subgrupo não permite, em geral, nominalizações com o sufixo agentivo *–or*: **existidor, *resididor, *eclipsador, *acontecedor,*aparecedor.* Duarte (2003, p.546) detecta uma exceção, *morador,* a que se acrescenta *passador.*[17];

c) Ao contrário dos inergativos, como no exemplo em (19), esses verbos, via de regra, não aceitam objetos cognatos, conforme exemplo em (20):

(19) a. O Figo jogou um jogo brilhante.
b. Às vezes, sonhamos sonhos aterradores.
(20) a. * O fantasma desapareceu um desaparecimento fugaz.
b. * Os colecionadores de selos existem uma existência pacata.

(DUARTE, p.547);

d) Admitem, mais facilmente do que as construções inergativas, a ordem VS com nomes simples[18] como sujeitos em contextos neutros. Observe-se, a seguir, o contraste entre os exemplos em (21) e (22):

(21.) a. Aconteceram **acidentes**.
b. Surgiram **problemas**.
(22) a. */? Telefonaram professores.
b. */? Nadaram rapazes.

[17] A forma *passador* encontra-se dicionarizada em novo Aurélio, 1999, p.1507. Exemplificando:
(i) O **passador** do cheque sem fundos desapareceu.
[18] Adota-se, neste trabalho, a denominação *nomes simples*, de Duarte (2003), para os DPs desacompanhados de determinantes, também chamados de DPs nus ou despojados.

Enquanto em (21), com verbos inacusativos, as construções são gramaticais, o mesmo não se pode dizer das construções em (22), com verbos intransitivos.

Esses verbos têm a particularidade de poder apresentar um locativo como parte da eventualidade que denotam. Quando o locativo aparece em posição pré-verbal, a construção é denominada de "inversão locativa". Essa propriedade aponta para o fato de esses verbos selecionarem uma minioração, cujo predicado é o locativo. Duarte (2003, p.548) salienta que são construções semelhantes às construções com verbos copulativos. Ilustrando, apresentam-se os exemplos a seguir:

(23) a. Apareceu um colega novo **na sala**.
b. Surgiram boatos de greve **no pátio da escola**.
(24) a. **Na sala**, apareceu um colega novo.
b. **No pátio da escola**, surgiram boatos de greve.

Em (23), os locativos se encontram em posição pós-verbal, enquanto em (24) ocorre a inversão locativa, com os locativos em posição pré-verbal.

Os verbos de existência e de aparição constituem um subgrupo numeroso e eclético da classe dos verbos inacusativos, compartilhando propriedades comuns a todo o grupo, ao tempo em que revelam características peculiares.

1.4.1.3 Verbos que denotam eventos com causa interna

Dentre os verbos que denotam eventos com causa interna encontram-se: os verbos que exprimem uma reação física ou psíquica (como *empalidecer, desmaiar*); os verbos de emissão perceptível através dos sentidos[19], como *explodir, flamejar*; e os verbos de mudança de estado devida a uma causa interna, a exemplo, *morrer, nascer, crescer, florescer.*

Seguem-se exemplos em (25):

(25) a. O avião explodiu no ar.

[19] A maioria dos verbos dessa classe é inergativa, como: *brilhar, cintilar, faiscar, crepitar, chorar, gemer*.

b. O paciente desmaiou.
c. A Maria empalideceu.

Para Duarte (2003), os verbos que denotam eventos com causa interna não aceitam uma variante causativa[20], de modo que o exemplo em (26a) é agramatical. De acordo com a teórica, esses verbos só permitem uma interpretação causativa em construções complexas, como em (26b):

(26) a. * O susto empalideceu a Maria.
b. O susto fez a Maria empalidecer. (DUARTE, 2003, p.159)

Entendendo-se, todavia, que, no português brasileiro, doravante PB[21], a construção em (26a) seja possível, esse verbo se torna ergativo, com sua contra-parte ergativa em (25c). O mesmo pode-se dizer, então, do verbo *explodir*, exemplificado em (27):

(27) a. José explodiu a bomba
b. A bomba explodiu.

Os verbos que denotam eventos com causa interna são um subgrupo pouco numeroso dos verbos inacusativos.

1.4.2 Inacusatividade estrutural

Sob essa denominação, apresenta-se um estudo das construções que, em decorrência de processos sintáticos e morfossintáticos, participam do fenômeno da inacusatividade. São as construções ergativas, passivas, copulativas e médias.

[20] A respeito de variante causativa, leia-se, em 1.4.2.1 , o estudo sobre as construções ergativas.
[21] Doravante, a expressão português brasileiro será identificada como PB, em oposição a português europeu, designada como PE.

1.4.2.1 Construções ergativas

Tais construções ocorrem com os também chamados verbos de alternância causativa, porque alternam uma variante transitiva/causativa e outra ergativa/inacusativa. São, portanto, verbos transitivos de mudança de estado com causa externa, cujo sentido permite seu emprego na contra-parte ergativa. Para Duarte[22] (2003), são os seguintes verbos:

a) aqueles em que a mudança de estado afeta a rigidez/solidez do objeto (*fracionar, rasgar, romper*);

b) os que exprimem a forma como a mudança de estado deteriora/destrói o objeto (*apodrecer, atrofiar, queimar*);

c) aqueles em que a mudança de estado afeta a forma/consistência do objeto em função do modo de sua manipulação (*cozer, cozinhar, fritar, dobrar*);

d) os que exprimem o modo como aparece/desaparece ou se restabelece a sua integridade (*cicatrizar, derreter, dissolver, dissipar*);

(e) os que expressam o aspecto do objeto resultante da mudança (*cristalizar, estilhaçar, fossilizar*);

f) os que exprimem transições de vários tipos (*abrir, aumentar).*

Ilustrando com exemplos, apresenta-se, em (28a), a forma transitiva/causativa do verbo e, em (28b), a variante ergativa/inacusativa:

(28) a. Maria derramou [o leite]$_{\text{TEMA}}$.
b. [O leite]$_{\text{TEMA}}$ derramou.

Em (28a), o verbo transitivo *derramar* apresenta seu argumento interno (*o leite*) na função temática de Tema; em (28b), esse argumento interno do verbo apresenta-se na mesma função

[22] Em Duarte (2003), esses verbos estão incluídos entre os verbos inacusativos de mudança de estado devida a causa externa, uma vez que a autora, como já se esclareceu, não usa a denominação de "verbos ergativos', a eles se referindo como "verbos de alternância causativa", por apresentarem "uma variante inacusativa e uma variante transitiva" (p.515).

de Tema, mas, dessa vez, ocupando a posição de sujeito, na ausência do elemento agentivo/causativo (*Maria*) que, em (28a), ocupa essa posição.

Os verbos ergativos apresentam as seguintes propriedades que os identificam:

a) O argumento interno direto da variante transitivo-causativa apresenta-se como sujeito da variante inacusativa, sendo pronominalizável pela forma nominativa do pronome, como no exemplo em (29):

(29) Ele derramou.

b) O argumento externo da variante transitivo-causativa não se faz presente na variante inacusativa, nem mesmo como sujeito implícito impedindo a ocorrência de um sintgma preposicional agentivo, de advérbios orientados para o agente (como *deliberadamente, intencionalmente*), ou de orações finais, conforme ilustram os exemplos em (30), (31) e (32), respectivamente, o que distingue essa construção da frase passiva em (33):

(30) a. * O leite derramou **por Maria**.
b. * O leite derramou **intencionalmente**.
c. * O leite ferveu **para tomar no café**.
d. O leite foi derramado **por Maria**.

c) A variante ergativa/inacusativa só admite a expressão de uma causa externa não intencional (31), ou de uma causa interna com estrutura de adjunto preposicional (32a), segundo Duarte (2003). Daí alguns autores denominarem esse componente causativo de "causatividade estática", em oposição à causatividade dinâmica do componente causativo da variante causativa:

(31) O leite azedou *com o calor*.
(32) a. A porta abriu *por si só*.
b. * A porta abriu *a si mesma*.

Em (31), o adjunto adverbial *com o calor* traduz uma causa externa não-intencional, não-volitiva. Em (32a), a expressão *por si só,* segundo Levin e Rovav (1996, p.88)[23], é, na verdade, um modificador adverbial que reflete a presença de um argumento de causa interna no uso "intransitivo" de um verbo transitivo-causativo, impedido o emprego da expressão reflexiva de redobro (32 b), que imprimiria no sujeito Tema uma feição agentiva, enquanto a expressão *por si só,* parece ser o modificador de uma causa que, em razão de sua natureza anafórica, se identifica com o próprio tema.

Levin e Hovav (1996, p.89) observam que, no inglês, esse modificador não aparece com verbos intransitivos que não participam regularmente da alternância causativa. No caso da frase do inglês *Molly laughed by herself,* entende-se sua interpretação como *Molly riu sozinha*, isto é, *desacompanhada*, e não "sem ajuda externa".

A diferença entre esses dois tipos de causatividade se reflete nos diferentes tipos de adjuntos que podem ocorrer com essas construções (como em (33) e (34 a)) e as verdadeiras construções reflexas (ilustradas em 35).

(33) O leite derramou *com a fervura*.

(34) a. O leite derramou *por si só*.
b. * O leite derramou *a si mesmo*.

(35) José feriu-se *a si mesmo*.

Tendo em vista a possibilidade de alternância de usos (transitivo/causativo *versus* ergativo/inacusativo) de muitos verbos de mudança de estado com causa externa (conforme exemplos apresentados em (27) e (28)), levantam-se hipóteses sobre a estrutura lexical desses verbos, para decidir se apresentam duas entradas lexicais, uma transitiva e outra inacusativa, ou se têm apenas uma entrada lexical, transitiva ou inacusativa, de uma devendo derivar a outra.

[23] As autoras citam Chierchia, 1989.

Considerando o *Princípio da Uniformidade Lexical*, segundo o qual cada conceito verbal corresponde a uma entrada lexical com uma estrutura temática, assume-se, com Duarte (2003, p.517), que os verbos de alternância causativa têm só uma entrada lexical, a causativa, da qual deriva, por operações lexicais sobre os papéis temáticos, a variante inacusativa.

A entrada lexical de um verbo de alternância causativa seria então a seguinte:

(36) $\text{abrir}_v : 0_1 \quad 0_2$
[- DP]

Sobre essa entrada, realiza-se uma operação lexical de Redução no papel temático externo, resultando um predicado monoargumental, de um predicado de dois lugares.

Operação lexical de Redução Inacusativa:

(37) $V\ (0_1 \quad , \quad 0_2) \rightarrow R\ (V)\ (0_2)$

Tendo em vista a Generalização de Burzio (1986), segundo a qual *um verbo atribui caso acusativo a seu objeto se e só se atribuir papel temático externo*[24], a forma resultante da operação de Redução, com a supressão do papel temático externo, vai apresentar, então, as propriedades inacusativas daí decorrentes, ou seja, o verbo perde a capacidade de atribuir caso.

As possibilidades expressivas, por um lado, e as restrições de uso, pelo outro, da variante ergativa de verbos transitivos constituem um vasto campo de estudos sintático-semânticos.

1.4.2.2 As construções copulativas

São construções, como o nome já induz, com verbos copulativos ou predicativos (verbos de cópula, de ligação).

[24] Maiores explicações encontram-se na subseção 1.5.1.1

Os verbos copulativos apresentam as seguintes propriedades:

a) Apenas selecionam um argumento interno, uma mini-oração, cujo núcleo pode ser um DP (38a), um AP (38b), um PP (38c) ou um ADVP (38d):

(38) a. José é **professor**.
b. A criança está **enferma**.
c. Meus amigos estão **com pressa**.
d. O museu fica **perto da escola**.

b) Não é o verbo, mas o constituinte predicativo que impõe restrições ao DP sujeito, como em (39), e que também deve condicionar o tipo de verbo, cuja escolha vai depender do tipo de propriedade expressa por esse predicativo. Assim, os predicados de espécie[25] e de indivíduo constroem-se com o verbo *ser*, conforme exemplos em (40); os predicados de fase[26] constroem-se com *estar* ou *andar*, como em (41); os predicativos do sujeito com interpretação locativa constroem-se com *estar* quando exprimem propriedades de fase, e com *ficar* quando denotam propriedades do sujeito, ilustrando-se com exemplos em (42):

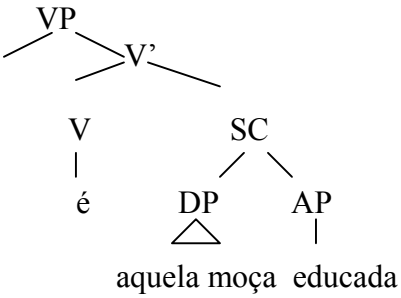
(39) a. * A casa é **magra**.
b. Maria é **magra**.
(40) a. A mosca é **um inseto**.
b. Jean é **francês**.
(41) Maria está/ anda **insegura.**
(42) a. O livro está **sobre a mesa**.
b. Salvador fica **no Nordeste**.

Nessas construções, o argumento interno do verbo copulativo é uma mini-oração, na qual existe uma relação de predicação direta entre o predicativo do sujeito e o sujeito. Como argumento a favor dessa estrutura sintática, pode-se apontar a existência de concordância entre o predicativo e o sujeito, em línguas como o português e o francês. Certamente, em uma relação de predicação, a existência de concordância do elemento, que é núcleo do predicado com o sujeito é uma das suas características marcantes. Assim é que, na construção

[25]Referem-se a um termo de espécie, isto é, a um nome que designa espécie, numa leitura genérica.
[26] Aplicam-se a situações de momento, temporárias, não-permanentes.

copulativa, observam-se os mesmos traços de gênero e número entre o nome ou adjetivo na posição de núcleo do predicado e o sujeito da construção. Exemplifica-se, a seguir, em (43):

(43) a. Aquela moça é educada.
b.



c) Os verbos copulativos apresentam propriedades de verbos inacusativos: não atribuem papel temático externo, nem caso acusativo a seu complemento temático. Desse modo, o constituinte nominal na posição de sujeito da mini oração deve receber caso nominativo, tal qual ocorre nas construções com verbos inacusativos.

1.4.2.3 Construções passivas – sintáticas, ***de se*** *e adjetivais*

Entre as construções passivas, identificam-se três tipos: as passivas sintáticas, as passivas de *se* e as passivas adjetivais, ou resultativas, ou de estado. São as seguintes as propriedades da passiva sintática:

a) O constituinte com a relação gramatical de sujeito tem, na ativa correspondente, a função gramatical de objeto direto, e o sintagma [$_{por}$ x] tem, na ativa correspondente, a função gramatical de sujeito conforme exemplos em (44):

(44) a. [**O presente**]$_{SUJ}$ foi dado a José [**por Maria**]$_{PP}$
b. [**Maria**]$_{SUJ}$ deu [**o presente**]$_{OD}$ a José.

b) Há constância no papel temático entre sujeito da passiva e objeto direto da ativa correspondente, e entre o sintagma [$_{por}$ x] e o sujeito da ativa que a ele corresponde, como ilustrado em (45):

(45) a. [O presente]$_{TEMA}$ foi dado a José por [Maria]$_{AGENTE}$.
b. [Maria] $_{AGENTE}$ deu [o presente]$_{TEMA}$ a José.

c) Constrói-se a passiva sintática com uma forma do verbo auxiliar *ser* mais uma forma participial,[27] observando-se, no dialeto culto, a concordância em gênero e número desta com o sujeito, como no exemplo em (46a); ou ausência de concordância, no dialeto popular ou rural, como no exemplo em (46b):

(46) a. *Os presentes foram dados* a José por Maria.
b. *Os presentes foi dado* a José por Maria.

d) A forma verbal de particípio passivo, morfologicamente derivada, combinada com o verbo auxiliar, perde a propriedade de marcar com caso acusativo o argumento interno direto, conforme está ilustrado em (47):

(47) a. Maria deu-*o* a José.
b. *Foi-*o* dado a José por Maria.

e) O sintagma *por* é opcional, como se pode ver em (48). De acordo com Raposo (1992, p.312), uma das propriedades universais da construção passiva é justamente a de permitir a omissão do argumento que recebe a função temática externa do verbo ativo, ou seja, do sintagma *por*; em certas línguas, como o turco, a omissão do sintagma [$_{por}$ x] é "altamente preferida", enquanto em outras línguas parece ser obrigatória[28]:

(48) O presente foi dado a José.

Para Chomsky (1981), essa propriedade se concretiza nas orações de particípio passivo das línguas românicas em função da não-atribuição de papel temático à posição de sujeito. Nesse tipo de estrutura, a morfologia passiva parece "bloquear" ou "cancelar" a atribuição da função temática externa à posição de sujeito, que passa a ser uma posição não-temática.

[27] O processo morfológico do particípio passivo consiste na junção do morfema de particípio passivo ao verbo.
[28] Raposo remete a Lyons (1968, p.378) para maiores informações.

f) Em línguas como o português, as passivas sintáticas só podem ocorrer com verbos transitivos e bitransitivos, vedado o uso com verbos inergativos, como está exemplificado em (49a), inacusativos, conforme exemplo em (49b) e verbos que selecionam argumentos internos preposicionais, como está ilustrado em (49c,d):

(49) a. * O João foi tossido (pelo fumo).
b. * O telhado foi caído (pelo vendaval).
c. * O João foi telefonado (pelo Pedro).
d. * O espetáculo foi gostado (pelos críticos). (DUARTE, 2003, p.529)

As passivas de *se* ou pronominais, por seu turno, como nas frases com verbos inacusativos e nas passivas sintáticas vistas acima, apresentam a propriedade segundo a qual o constituinte interpretado como o argumento interno direto do verbo apresenta a função de sujeito, ocorrendo a concordância verbal[29]. Observem-se, a propósito, os exemplos em (50):

(50) a. Publicaram-se **as notícias** em todos os jornais.
b. **O canivete** usou-se para cortar o pão. (DUARTE, 2003, p. 531)

Em (50 a) e (50b), *as notícias* e *o canivete*, respectivamente, funcionam como os sujeitos das sentenças, com os quais os verbos podem concordar. Vale observar, todavia, que, no PB popular, a concordância geralmente não se realiza.

É possível identificar, nesse subtipo de construção passiva, as seguintes particularidades:

a) Ao contrário do que acontece nas passivas sintáticas, o argumento interno direto tem obrigatoriamente traços de terceira pessoa gramatical, mas, como nas passivas sintáticas, há constância de papéis temáticos entre o constituinte com a relação gramatical de sujeito e o que, na ativa correspondente, tem o papel temático interno direto, como por exemplo em (51):

(51) a. [O canivete] INSTRUMENTO usou-se para cortar o pão.
b. Usaram [o canivete] INSTRUMENTO para cortar o pão.

[29] No PB oral coloquial, tanto quanto no dialeto popular, não costuma ocorrer concordância:
(i) Publicou-se as notícias.

b) Evidencia-se a presença do papel temático externo em face da possibilidade de ocorrerem advérbios relacionados com o Agente e adjuntos finais cujo sujeito é controlado pelo argumento implícito da passiva. Esse argumento Agente/Causador recebe uma interpretação arbitrária[30] e não pode ser expresso pelo sintagma *por* no PE contemporâneo, conforme ilustrado em (52):

(52) * O canivete usou-se *por alguém* para cortar o pão.

c) O clítico *se* recebe o papel temático externo do verbo, ocupando na representação sintática inicial a posição de Spec, VP. Para Duarte (2003), é possível atribuir à presença do *se* a impossibilidade de legitimar com caso Acusativo o argumento interno direto, assim como se admitiu, nas passivas sintáticas, à presença da morfologia passiva. O clítico passivo, comportando-se como o afixo de particípio passado inacusativo na passiva sintática, bloqueia a atribuição de relação temática à posição do argumento externo e de caso acusativo ao argumento interno direto que, por conta disso, é obrigado a deslocar-se a fim de receber caso nominativo.

Há ainda as chamadas passivas adjetivais, de estado ou resultativas. Como as passivas sintáticas e de *se*, nas passivas adjetivais, o constituinte com a relação gramatical de sujeito corresponde ao argumento interno direto do verbo.

A passiva adjetival ocorre com o verbo *estar* e outros verbos copulativos, daí sua estrutura sintática ser idêntica à das frases copulativas, conforme exemplos em (53):

(53) a. A vila ficou destruída pelo maremoto.
b. José anda preocupado com o aumento da violência.

Por fim, vale salientar que, do ponto de vista aspectual dessas construções, enquanto a passiva sintática evidencia a transição sofrida pelo argumento com o papel temático interno direto, a passiva adjetival salienta o estado resultante da transição sofrida.

[30] De acordo com Duarte (2003, p.839), o *se* passivo tem por referente uma entidade arbitrária que se identifica com o denominado "agente da passiva". A natureza argumental do clítico passivo tem sido defendida para várias línguas românicas.

1.4.2.4 Construções médias

Essas construções, tal como ocorre com a versão inacusativa dos verbos de alternância causativa e com as passivas sintáticas e de *se*, apresentam as seguintes propriedades:

a) Seus verbos são geralmente de uso transitivo (verbos que selecionam um argumento externo e outro interno direto), mas nelas só ocorre o argumento nominal com o papel temático interno. Ilustra-se, a seguir, em (54) e (55):

(54) a. Maria passa[esta roupa]$_{TEMA}$ com facilidade.
b. [Esta roupa]$_{TEMA}$ passa-se com facilidade.

(55) a. José lê [suas mensagens]$_{TEMA}$ com prazer.
b. [Suas mensagens]$_{TEMA}$ lêem-se com prazer.

b) Esse argumento interno direto apresenta a função de sujeito, sendo substituível pela forma nominativa do pronome pessoal, determinando a concordância verbal, como nos exemplos em (56). Também seu papel temático externo não pode ser expresso pelo sintagma *por*, conforme se verifica em (57):

(56) a. *Ela* passa-se com facilidade.
b. *Elas* lêem-se com prazer.
(57) * Suas mensagens lêem-se com prazer *por qualquer pessoa*.

Além dessas propriedades comuns às outras construções inacusativas, ocorre a seguinte peculiaridade com essas construções: a presença obrigatória de advérbios do tipo de *facilmente*, *bem*, ou de PP's com valor adverbial, como *com prazer*, *com facilidade*. Observem-se, a propósito, os exemplos a seguir:

(58) a. * Esta roupa passa-se.
b. * Suas mensagens lêem-se.
(59) a. Este pano encolhe **facilmente**.
b. Esta tinta seca **rapidamente.**

Em (59), verifica-se a presença dos advérbios *facilmente* e *rapidamente*; em (58), a ausência dos advérbios torna as sentenças agramaticais.

Por fim, costuma-se associar às construções médias uma interpretação estativa que talvez possa explicar a presença obrigatória dos advérbios, sintagmas preposicionais e outros constituintes que lhe reforçam o caráter genérico.

Essa revisão preliminar sobre os verbos e as construções inacusativas, focalizando as propriedades comuns que os identificam como partícipes do mesmo fenômeno e, ainda, atentando para as peculiaridades que os individualizam, tem o propósito de apresentar uma visão do fenômeno da inacusatividade, nas suas diferentes manifestações, a fim de se entender melhor suas idiossincrasias. Assim é que, após introduzir o fenômeno, foram apresentados os tipos de verbos inacusativos, da forma como foram identificados para análise nesta pesquisa; em seguida, completando o quadro, procedeu-se a um breve estudo das chamadas construções inacusativas, destacando-se as construções ergativas, as passivas, as copulativas e as construções médias.

A seguir, em 1.5, serão apresentadas diferentes abordagens do fenômeno da inacusatividade, em suas três modalidades: sintática, semântica e na interface sintático-semântica, com o simples intuito de mostrar os diferentes aspectos do fenômeno levantados nessas propostas, para uma maior compreensão das dificuldades encontradas na seleção e análise dos dados, em função de sua complexidade. Por fim, na seção 1.6, no âmbito do PB, a proposta semântica desenvolvida por Cançado.

1.5 ABORDAGENS TEÓRICAS DO FENÔMENO DA INACUSATIVIDADE

Dentre as abordagens teóricas do fenômeno, citam-se, nesta seção, as propostas sintáticas de Burzio (1981, 1986), Belletti (1988) e Eliseu[31] (1984); a teoria semântica de Van Valin (1990); e o enfoque sintático-semântico de Levin e Hovav (1996).

1.5.1 As abordagens sintáticas da inacusatividade

Na verdade, o primeiro a propor a distinção entre verbo intransitivo e verbo inacusativo foi Perlmutter (1978), no âmbito da Gramática Relacional. Essa proposta ficou conhecida como "Hipótese Inacusativa". Para Perlmutter, a inacusatividade ou a inergatividade de uma construção é um fenômeno representado sintaticamente, mas determinado por aspectos semânticos, sendo o critério essencial, nessa distinção, o da volição.

Os adeptos da abordagem sintática, embora reconheçam a ocorrência de certas correspondências entre o significado dos verbos e sua caracterização como inacusativos ou inergativos, ressaltam que todos os verbos inacusativos apresentam a mesma configuração sintática particular (com as propriedades já relatadas antes), mas não há uma propriedade semântica comum a todos eles. Daí a relevância, para esses lingüistas, da abordagem sintática do fenômeno.

1.5.1.1 Burzio

Burzio (1981, 1986) é o primeiro a tratar o fenômeno no âmbito da Gramática Gerativa, em uma abordagem essencialmente sintática. Para esse autor (1981), o verbo

[31] Direcionadas ao PE.

inacusativo se caracteriza por apresentar apenas um argumento, que é interno, e não atribuir caso acusativo a esse argumento.

Analisando sentenças do italiano, Burzio (1986) formula uma generalização, conhecida como a "Generalização de Burzio", segundo a qual:

(60) A verb which lacks an external argument fails to assign accusative case[32]. (1986, p.178-9).
(61) A verb which fails to assign accusative case fails to theta-mark an external argument (1986, p. 184)

Para Burzio, os sujeitos derivados em construções inacusativas são objetos diretos em estrutura-D. Corroborando suas hipóteses, o autor apresenta evidências empíricas no italiano a partir da relação do clítico *ne* com o objeto direto nos verbos transitivos (conforme (62a,b)) e o sujeito nas construções inacusativas (como em (62c,d)) e a agramaticalidade das sentenças com *ne* nas construções com verbos intransitivos (como em (63)):

(62) a. Giacomo ha insultato **due studenti**.(Giacomo insultou dois estudantes)
b. Giacomo **ne** ha insultati due. (Giacomo insultou dois)
c. **Molti studenti** arrivano (Muitos estudantes chegam)
d. **N**e arrivano molti. (Chegam muitos)

(63) a. **Molti studenti** telefonano. (Telefonam muitos estudantes.)
b. ***Ne** telefonano molti. (Telefonam muitos)

Algumas críticas têm sido feitas à Generalização de Burzio. Eliseu (1984) e Duarte (2003), para o PE, por exemplo, apresentam exemplos em que o verbo existencial *haver*, apesar de não dispor de papel temático externo, atribui caso acusativo a seu argumento interno direto. Ilustra-se, a seguir, em (64) e (65):

(64) a. **Há** coisas espantosas em Marrocos.
b. Não acredito em bruxas, mas que **as** há, há.
c. Coisas destas, há-***as*** aos montes em Marrocos. (ELISEU, 1984, p.8)

(65) Adoro papaias e há-**as** cada vez com mais freqüência nos supermercados. (DUARTE, 2003, p.546)

[32] (60) Um verbo que não seleciona argumento externo, não atribui caso acusativo.
(61) Um verbo que não atribui caso acusativo, não seleciona argumento externo.

Em (64b,c) e (65), a presença do clítico acusativo e a ausência de concordância em (64a) são, para Eliseu (1984) e Duarte (2003), evidências de que o verbo pode atribuir caso acusativo, ainda que não marque tematicamente a posição de sujeito.

Para o PB, Figueiredo Silva (1996) também entende que o argumento único do verbo inacusativo pode receber caso acusativo, mesmo não havendo atribuição temática à posição de sujeito, haja vista a ausência de concordância do verbo, que significa ausência de caso nominativo, como em:

(66) **Sujou** os vidros de novo.

De acordo com o entendimento dessa autora, uma vez que o DP definido *os vidros* não se encaixa nos casos de atribuição de caso partitivo[33], só pode ser interpretado como apresentando caso acusativo.

Sob o mesmo argumento de ausência de concordância, Duarte (1993), analisando dados do PB e em face de evidências em outras línguas, conclui que nem todos os verbos inacusativos são incapazes de atribuir caso a seu argumento interno. Ilustra-se, a seguir, com exemplos apresentados pela autora, de construções com sujeito posposto em que ocorre ausência de concordância:

(67) Português
Chegou ontem as cartas que eu esperava.

(68) Francês
Il est arrivé trois filles.
"Chegaram três moças."[34]

(69) Finlandês
Helsingistä tulle kirjeitä
"de Helsinke" "chegar" –sg (algumas) "cartas"-partitivo pl.
"Chegaram algumas cartas de Helsinke."

[33] Sobre caso partitivo, veja-se adiante a proposta de Belletti em 1.5.1.2.
[34] A tradução com o verbo no plural é da autora, como também do exemplo em (72).

Desse modo, a caracterização sintática dos verbos inacusativos proposta por Burzio é, para alguns, inconsistente, pelo menos no que diz respeito à questão da atribuição de caso acusativo.

1.5.1.2 Belletti

Também em uma abordagem sintática no quadro da Gramática Gerativa, Belletti (1988), analisando dados de línguas com sistemas de caso morfologicamente ricos, conclui que não só o caso acusativo é atribuído ao DP, mas também o caso partitivo inerente, a depender da leitura associada ao objeto. No finlandês, por exemplo, Belletti observou, com verbos transitivos, que o caso acusativo não é o único caso com que um DP objeto pode ser marcado. Se o caso acusativo é atribuído ao DP objeto, este terá leitura [+definida]; se for o caso partitivo, o DP terá leitura [-definida], isto é, leitura de parte de um conjunto, conforme se pode conferir em (70):

(70) a. Hän pani kir**iat** pöydäle
"Ele pôs os livros (acus. pl.) na mesa."
b. Hän pani kir**joja** pöydälle.
"Ele pôs (alguns) livros (partit. pl.) na mesa.

Com verbos inacusativos, o DP indefinido também recebe caso partitivo, como se pode observar no exemplo em (69) acima, com o verbo inacusativo *chegar*, e na frase em (71) a seguir, com o verbo inacusativo *existir*:

(71) Pöydälle on kirjoja.
"Na mesa existem (alguns) livros (part. pl.)".

Assim, quando o DP recebe uma leitura parcial ou indefinida, é marcado com caso partitivo, mesmo nas línguas que não realizam marcação morfológica de caso. Partitivo é um caso inerente porque apenas pode ser atribuído por uma categoria capaz de atribuir também uma função temática, o que vale dizer que o verbo que atribui um caso inerente, atribui

necessariamente uma função temática juntamente com esse caso, e isso ocorre na estrutura-D. Casos estruturais (nominativo e acusativo), portanto, diferem de caso inerente porque não são atribuídos conjuntamente com o papel temático e são atribuídos e realizados na estrutura-S. Como conseqüência, o DP que recebe caso partitivo receberá também um papel temático específico, de acordo com o caso, ou seja, um papel temático de Tema, e esse papel temático vai exigir que o DP receba uma leitura [-definida]

Desse modo, a abordagem de Belletti (1988) vai de encontro à hipótese de Perlmutter (1978) e Burzio (1986), segundo a qual os verbos inacusativos são desprovidos da capacidade de atribuir caso. Para aquela autora, esses verbos apenas são incapazes de atribuir caso acusativo, o que não os impede de atribuir caso partitivo inerente[35].

A hipótese de Belletti de que existe estreita correlação entre a propriedade casual dos verbos inacusativos e o chamado Efeito de Definitude, levou-a à conclusão de que os objetos dos verbos inacusativos são sempre DPs indefinidos. Com isso, ficam excluídos os quantificadores universais e os DPs com o traço [+definido], a não ser quando esse DP definido tiver leitura de lista (*list reading*), ou seja, for interpretado como parte de um conjunto.

Belletti assume, então, que o Efeito de Definitude seria uma propriedade universal de DPs objetos de verbos inacusativos. Desse modo, pode-se dizer que o Efeito de Definitude impõe uma restrição de indefinição aos DPs pós-verbais dos verbos inacusativos.

Para o PB, remete-se mais adiante, quando se comentará a propósito de trabalhos de autores nacionais sobre a questão.

[35] Belletti também não aceita a tese de Burzio (1986) de que o caso nominativo seja transmitido ao DP pós-verbal em cadeia, via expletivo, em face da barreira posta pelo VP, impedindo que esse DP seja regido por Infl em estrutura-S.

1.5.1.3 Eliseu

Para o português, a primeira abordagem do fenômeno da inacusatividade foi de Raposo (1981), [36] no âmbito da Gramática Relacional. Só mais tarde, Eliseu (1984) apresenta seu trabalho dentro do Quadro da Gramática Gerativa. Analisando dados do PE, Eliseu apresenta as propriedades[37] dos verbos inacusativos, a que chama genericamente de "ergativos", a partir de testes sintáticos e morfológicos. Essas propriedades, apresentadas em seção anterior deste trabalho, são aqui retomadas resumidamente. São as seguintes:

a) a possibilidade de esses verbos poderem aparecer na chamada construção do Particípio Absoluto;
b) o particípio passado desses verbos poder ocorrer em posição predicativa;
c) o particípio passado poder ocorrer em posição atributiva;
d) o fato de esses verbos não aceitarem a construção passiva;
e) a impossibilidade de se formarem adjetivos em –vel a partir desses verbos;
f) a impossibilidade de ocorrerem nominalizações em –or.

Eliseu chama a atenção para a afinidade dos verbos inacusativos com os verbos transitivos no tocante às três primeiras propriedades (a, b, c) e com os verbos intransitivos de referência às demais (d, e, f).

Tais testes, sem dúvida, ajudam a caracterizar essa classe de verbos, embora nem todos os verbos inacusativos respondam afirmativamente a eles. É o caso, por exemplo, dos verbos existenciais locativos (*residir, morar, viver*), que não aceitam as construções de Particípio Absoluto, mas compartilham outras propriedades que os incluem entre os inacusativos.

Constatando a existência de verbos que ocorrem "em pares transitivo-intransitivo", isto é, "em pares do tipo xVy / yV" (em que V=verbo e x,y = nomes), Eliseu inclui sob a mesma denominação de "ergativos" verbos do tipo *chegar* e *terminar,* observando que a

[36] Citado por Eliseu, 1984, p. 3.
[37] Eliseu destaca que o uso dessas propriedades como teste para a determinação da classe dos verbos inacusativos do português foi proposto pela primeira vez por Raposo (1981).

inacusatividade pode ser lexical e também estrutural[38]. No segundo caso, (isto é, com verbos que podem ocorrer "em pares transitivo-intransitivo"), a determinação da inacusatividade pela aplicação dos testes propostos não é pertinente, segundo o autor, em face da existência de formas transitivas que permitem, por exemplo, a formação da passiva. Ilustrando, por exemplo, em (72):

(72) a. Os impostos aumentaram.
b. Os impostos foram aumentados.

As constatações do autor a respeito do tratamento diferenciado que devem ter os verbos que ocorrem "em pares transitivo-intransitivo", ou seja, dos aqui identificados como ergativos, reforçam a posição tomada neste trabalho de separá-los dos verbos que são o objeto desta pesquisa, isto é, os verbos inacusativos propriamente ditos (inacusatividade lexical).

Os processos morfológicos e sintáticos analisados pelo autor levam-no a concluir que os verbos inacusativos têm as seguintes características:

a) são predicadores de um lugar e seu argumento único é um argumento interno;
b) esse argumento interno tem o papel temático de Tema (razão pela qual esses verbos não aceitam as nominalizações em –or, típicas do Agente);
c) pelo fato de possuírem argumento interno, podem ser objeto de determinados processos que afetam o argumento interno dos verbos transitivos, isto é, apresentam formas participiais que podem ocorrer em posição predicativa e atributiva;
d) sua principal propriedade sintática é a não atribuição de caso acusativo a seu argumento interno;
e) alguns verbos inacusativos ocorrem em pares xVy / yv.

Como se pode observar, Eliseu, em todo o seu trabalho, focaliza a atenção em aspectos sintáticos e morfológicos relacionados às propriedades dos verbos inacusativos, sem analisar os aspectos semânticos que interferem na caracterização do fenômeno.

[38] As afinidades dos inacusativos com as construções passivas também são observadas por Eliseu (1984).

1.5.2 Uma proposta semântica – Van Valin

Atentando para certas características do fenômeno que a estrutura sintática, por si só, não consegue explicar, alguns lingüistas, entre os quais cita-se Van Valin (1990), passaram a estudar a inacusatividade sob um novo enfoque, sobrepondo os aspectos semânticos, até então relegados.

A análise de Van Valin insere-se na perspectiva teórica da *Role and Reference Grammar* (RRG). Essa teoria difere tanto da teoria gerativa chomskiana, quanto da gramática relacional de Perlmutter, principalmente pelo fato de rejeitar a existência de níveis iniciais, como a estrutura-D (chomskiana)[39] e o *stratum* inicial (de Perlmutter), postulados tradicionalmente pelas outras duas perspectivas. Para Van Valin, o mapeamento é direto entre a representação semântica e a sintática.

A representação semântica na RRG baseia-se na teoria semântico-lexical de classificação verbal de Dowty (1979) que, por sua vez, está baseada nas quatro classes verbais de Vendler (1967):

- STATES (estados): *saber, acreditar, ter, amar, estar quebrado*;
- ACHIEVEMENTS (mudança de estado, sem implicação de um agente): *chegar, morrer, quebrar* (intransitivo);
- ACCOMPLISHMENTS (mudança de estado com implicação de um agente): *matar, construir uma cadeira, lavar a roupa, quebrar* (transitivo);
- ACTIVITIES (atividades): *correr, dançar, nadar, lavar roupa*.

A cada uma dessas classes verbais é dada uma representação formal chamada "estrutura lógica". Postula-se uma classe homogênea de predicadores, *stative predicates,* e mais alguns operadores e conectivos, a saber:

BECOME → indica incoatividade
DO → codifica agentividade
CAUSE → indica uma relação de causa entre dois eventos

[39] Hoje também rejeitada por Chomsky.

CLASSE VERBAL	ESTRUTURA LÓGICA
STATE	**predicador'** (x) ou (x,y)
ACHIEVEMENT	BECOME **predicador'** (x) ou (x,y)
ACCOMPLISHMENT	(DO (x)) [**predicador'** (x) ou (x,y)])
ACTIVITY	ϕ CAUSE ψ , onde ϕ normalmente é um predicador *activity* e ψ um predicador *acchievement*

Quadro 1 – Representações formais para as quatro classes verbais

A seguir, exemplos apresentados por Van Valin da estrutura lógica de alguns *achievements*, classe na qual se encontram os verbos inacusativos:

(73) The watch broke. BECOME **broken'** (watch)

(74) Susan arrived at the house. BECOME **be-at'** (house, Susan)

(75) The lamp fell on the floor. BECOME **be-on'** (floor, lamp)

(76) John noticed the magazine. BECOME **see'** (John, magazine)[40]

Segundo Van Valin (1990), estruturas lógicas como as exemplificadas acima são o núcleo de entrada lexical de um verbo. Essas representações são a base para a teoria dos papéis semânticos da RRG, que apresenta duas camadas de papéis semânticos: uma corresponde às relações temáticas também adotadas por outras teorias; a outra se diferencia totalmente das demais propostas teóricas.

No primeiro caso, tem-se a noção de relações temáticas como são definidas por Jackendoff (1976), em termos de posições argumentais nas representações decompostas dos predicadores, como por exemplo, em (77):

(77) Verbo de estado com estrutura lógica **predicador'** (x) $\rightarrow$ x = paciente

[40] Traduzindo: (73) O relógio quebrou. (74) Suzana chegou na casa. (75) A lâmpada caiu no chão. (76) João viu a revista.

Para Van Valin, a derivação de relações temáticas a partir de posições na estrutura lógica traz, como conseqüência, o fato de que a atribuição das relações temáticas a verbos na RRG é independentemente motivada.

No segundo caso, o mapeamento entre a representação semântica de um predicador e a expressão morfossintática de seus argumentos é mediado pela atribuição de dois macropapéis *(macroroles)* a seus argumentos: *actor* e *undergoer.*

São assim chamados porque cada um agrupa várias relações temáticas específicas, e a relação entre eles obedece à seguinte hierarquia:

(78) *ACTOR* *UNDERGOER*

Agente Efetuador Experienciador Locativo Tema Paciente

O *actor* prototípico é um agente, e o *undergoer* prototípico é um paciente, mas, no caso de verbos de cognição ou percepção, efetuadores e experienciadores também podem ser *actor*; locativos e temas também podem ser *undergoer*, a depender da estrutura lógica do verbo em questão.

Os verbos inacusativos têm o argumento único com o macropapel *undergoer*.

Para Levin e Hovav (1996), nessa abordagem semântica de Van Valin (1990), as noções de *undergoer* e *actor* não parecem ser de fato noções semânticas, já que cada uma delas não pode reduzir-se a uma noção semântica única.

Segundo Palmiere (2002), essas noções, na verdade, podem ser caracterizadas como uma *generalização* sobre vários papéis semânticos específicos. Sua escolha se baseia num algoritmo que faz referência aos papéis semânticos, e o mapeamento entre as relações temáticas e os macropapéis é governado pelo que Van Valin denomina de "hierarquia universal", representada na figura acima. Conforme o próprio Van Valin (1990), os macropapéis são a interface entre as relações temáticas e gramaticais, atuando como *both*

semantic and syntatic roles. Além disso, Van Valin (1990), optando por um modelo semântico, termina por aproximar estrutura semântica de estrutura sintática ao propor uma representação de estrutura semântica em que a posição dos argumentos é "fundamental para a derivação das estruturas sintáticas".

1.5.3 Uma abordagem sintático-semântica – Levin e Hovav

Retomando a hipótese inicial de Perlmutter (1978), segundo a qual a inacusatividade é uma propriedade sintática dos verbos, mas que é semanticamente previsível, defendem essas autoras que os verbos inacusativos, apesar de semanticamente determinados, formam uma classe sintática homogênea, todos eles apresentando a propriedade de selecionar apenas argumento interno, além da incapacidade para atribuir caso acusativo. Por outro lado, não formam uma classe semântica homogênea, pois não há uma representação semântico-lexical única para todos os verbos inacusativos (o chamado mapeamento "muitos para um" da semântica para a sintaxe).

Levin e Rovav (1996), analisando as construções resultativas do inglês com verbos inacusativos, observam que essas construções, embora se realizem com verbos inacusativos, selecionam apenas um subconjunto semanticamente definido desses verbos, bloqueando outros. A seguir, em (79), exemplos de construções resultativas:

(79) a. *The river froze solid.* (O rio congelou (e ficou) sólido)
b. *The prisoners froze to death.* (Os prisioneiros congelaram até a morte.)
c. *The bottle broke open. (A garrafa quebrou e se abriu)*

(LEVIN e HOVAV, 1996, p.39)

Nessas construções, um sintagma resultativo é um XP que denota o estado alcançado pelo DP sujeito, como resultado da ação expressa pelo verbo.

A partir daí, essas autoras entendem que a possibilidade de um verbo se encontrar numa configuração sintática inacusativa é condição necessária, mas não suficiente para o verbo manifestar tal propriedade; da mesma forma, também as propriedades semânticas de um verbo são condição necessária, mas não suficiente para o verbo ser classificado como inacusativo[41].

Com verbos inacusativos estativos, as construções resultativas tornam-se incompatíveis (conforme exemplo em (80)), porque não existe esse tipo de eventualidade, um "estado delimitado", segundo as autoras[42]:

(80) * *The Loch Ness monster appeared famous.* (O monstro Loch Ness apareceu (e ficou) famoso)

De acordo com a proposta dessas autoras (1996), cada verbo está associado a duas representações lexicais: a) uma representação semântico-lexical; e b) uma representação sintático-lexical.

A representação semântico-lexical corresponde à "estrutura conceitual-lexical" apresentada por essas autoras, como segue: essa estrutura codifica os aspectos do significado do verbo que são sintaticamente relevantes, principalmente aqueles aspectos que as autoras entendem como relevantes para o estabelecimento das chamadas Regras de Ligação (*Linking Rules*). Essas regras vão fazer o mapeamento entre a semântica e a sintaxe.

Para Levin e Rovav (1996), como também para outros autores, os significados dos verbos incluem elementos comuns que os unem em classes semanticamente definidas.

A representação semântico-lexical de um verbo apresenta-se na forma de decomposição de predicadores, incluindo dois tipos de primitivos: os predicadores primitivos

[41] Tal como Duarte (2003) e outros, Levin e Rovav (1996) não distinguem verbo ergativo de inacusativo. O verbo ergativo, para essas autoras, é o verbo de alternância causativa, com uma variante transitiva/causativa e outra que denominam de intransitiva/inacusativa.

[42] Na classificação de Vendler (1967), apresentada em 1.5.2, as eventualidades delimitadas (verbos télicos) podem ser de dois tipos: *accomplishments* e *achievements*. Ambos são não estativos.

e os constantes. O significado do verbo é, então, representado por um conjunto fixo de predicadores primitivos mais os constantes – tipicamente escolhidos dentre um conjunto limitado de tipos semânticos – que preenchem as posições argumentais desses predicadores, ou atuam como seus modificadores.

Representação semântico-lexical de verbos de *mudança de estado*:

verbo não-causativo de mudança de estado: [y BECOME STATE]

BECOME → primitivo potencial

STATE → constante (diferencia os membros de uma mesma classe semântica)

Ilustra-se, a seguir, com os exemplos em (81):

(81) a. *dry* (seco): [y BECOME DRY]
b. *empty* (vazio): [y BECOME EMPTY]
c. *warm* (quente): [y BECOME WARM]

A representação sintático-lexical ou estrutura argumental codifica as propriedades sintaticamente relevantes de subcategorização de um verbo, não correspondendo à representação do significado do verbo. Essa estrutura permite a distinção entre argumentos internos e externos, como também entre argumentos internos diretos e indiretos. Para as autoras, trata-se de uma representação puramente sintática, de modo que as posições na estrutura não se apresentam rotuladas com papéis temáticos. A informação contida na estrutura argumental de um verbo, ao lado do Princípio da Projeção e do Critério Temático, determina a configuração sintática do verbo.

Ilustrando a representação adotada pelas autoras:

(82) *Representação semântico-lexical (Estrutura Conceitual)*
↓ *(Regras de Ligação*
Representação sintático-lexical (Estrutura Argumental)
↓
Sintaxe

Com esse entendimento, as autoras (1996) fazem uma análise do fenômeno da alternância inacusativo-causativa (ergatividade), para uma abordagem das propriedades semânticas dos verbos inacusativos. Para elas, o aspecto semântico relevante consiste na distinção entre as "eventualidades internamente causadas" e as "eventualidades externamente causadas". Identificam, então, três possibilidades de verbos intransitivos:

a) verbos que descrevem uma causa interna e são monádicos em sua representação semântico-lexical, correspondendo aos verbos inergativos (*dormir, sorrir*);

b) verbos que descrevem uma causa externa e são causativos diádicos (a grande maioria de mudança de estado), correspondendo aos verbos inacusativos (*quebrar, abrir*);

c) verbos que descrevem existência e aparição, são verbos diádicos, com dois argumentos internos (*there* V DP PP) e também são inacusativos (*existir, aparecer*)

Comparando a classificação de Levin e Hovav (1996) para o inglês com a classificação proposta por Duarte (2003) para o português e na qual se baseou esta pesquisa, observa-se que os verbos inacusativos de movimento com direção inerente (*ir, chegar, sair*) não têm lugar nos grupos de verbos inacusativos propostos pelas autoras, como também os verbos inacusativos que descrevem eventos com causa interna (como *desmaiar, empalidecer*), entre os quais citam-se os que descrevem mudança de estado com causa interna (como *morrer, crescer, florescer*).

Partindo da análise das construções resultativas no inglês e também da alternância causativa (verbos ergativos neste trabalho), as autoras propõem Quatro Regras de Ligação[43] que devem fazer o mapeamento entre a semântica e a sintaxe, determinando a estrutura argumental de muitos verbos intransitivos:

[43] Palmiere (2002), a propósito dessas regras de ligação chama a atenção para a desnecessidade delas, uma vez que, no modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), o Critério Temático já estabelece uma relação sistemática entre categorias semânticas e categorias sintáticas, ao determinar que para cada papel temático haverá um e um só constituinte na frase. Desse modo, as estruturas sintáticas representam as propriedades de seleção semântica e de subcategorização dos itens lexicais.

1. Regra de Ligação de Causa Imediata: “o argumento do verbo que denota causa imediata do evento descrito pelo verbo é seu argumento externo”;

2. Regra de Ligação de Mudança Dirigida: “o argumento do verbo que corresponde à entidade subjacente à mudança de estado descrita pelo verbo é seu argumento interno direto”;

3. Regra de Ligação de Existência: “o argumento do verbo cuja existência é asseverada ou negada é seu argumento interno direto”;

4. Regra de Ligação *Default*: “um argumento de um verbo que não está sob o escopo de nenhuma outra regra de ligação é seu argumento interno direto”.

Outras considerações poderiam ser apresentadas a respeito de trabalho tão abrangente sobre a inacusatividade, principalmente no que diz respeito aos verbos de alternância, ou ergativos, amplamente explorados pelas autoras, todavia esses verbos não integram os dados analisados nesta pesquisa. De toda sorte, a importância desse estudo de Levin e Hovav (1996), como já foi salientado, reside justamente em terem essas autoras tratado a inacusatividade como um fenômeno sintaticamente representado, mas semanticamente previsível, entendendo que as propriedades semânticas dos verbos podem ser uma condição necessária, mas não suficiente para o verbo ser considerado como inacusativo. Assim, os verbos inacusativos formam uma classe sintática homogênea, pois todos eles apresentam a propriedade de selecionar apenas argumento interno e não atribuir caso acusativo a esse argumento. Por outro lado, não formam uma classe semântica homogênea, já que não há uma representação semântico-lexical única para todos eles.

1.6 A INACUSATIVIDADE NO PB – UMA PROPOSTA SEMÂNTICA

O reconhecimento da relevância dos estudos semânticos relacionados ao fenômeno da inacusatividade tem levado muitos lingüistas a apresentarem novas propostas de estudo que priorizam o enfoque semântico do fenômeno, dentre as quais cumpre destacar, no PB, as idéias de Franchi (1975). Esse autor defende a autonomia da semântica em relação à sintaxe, com seus primitivos, relações e operações próprias, embora reconheça a existência de regras de correspondência entre semântica e sintaxe. Considerando a autonomia do componente semântico, Franchi (1975, 1997) propõe discussões em torno do estudo dos papéis temáticos, como sua teoria da predicação e a teoria generalizada dos papéis temáticos. Suas idéias têm fundamentado trabalhos de outros lingüistas, como Whitaker Franchi (1989) e Cançado (1995), e é o estudo desta última que vai ser focalizado, a seguir, nesta seção.

1.6.1 Márcia Cançado e a Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos

A proposta semântica apresentada por Cançado (1995), envolvendo os papéis temáticos (Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos), insere-se neste trabalho a respeito de inacusatividade pelo fato de oferecer algumas explicações semânticas interessantes para certas situações relacionadas ao fenômeno que a sintaxe não consegue justificar a contento (a exemplo, por que um mesmo verbo pode se comportar de modo diferente, a depender do tipo de DP sujeito com o qual se relaciona[44], ou, por que a ergativização não pode ocorrer com certos tipos de verbos, necessariamente agentivos.[45])

[44] Um verbo de movimento com e sem volição do argumento que seleciona.
[45] Em *José modelou um vaso de barro*, não é possível dizer **O vaso de barro modelou* (Cançado, 2000, p.3).

Márcia Cançado (1995) apresenta a chamada Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos que se depura nos trabalhos subseqüentes de Franchi e Cançado (1997) e Cançado (2002, 2003, 2005).

Essa teoria se apóia na idéia de composicionalidade na atribuição de papéis temáticos, segundo Franchi (1994 e 1997), e na prática de decompor esses papéis em acarretamentos lexicais, conforme proposta de Dowty (1989). No estudo sobre os verbos psicológicos (1995), Cançado desenvolve suas idéias, que são sistematizadas em Cançado, (2003 e 2005).

Para Cançado (2005), papéis temáticos são o grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir de acarretamentos estabelecidos por toda a sentença em que se encontra esse argumento.

A Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos vai expressar a estrutura argumental dos verbos, sob a hipótese de que as diferentes funções semânticas associadas aos argumentos do predicado verbal seriam relevantes para determinar a estrutura sintática da sentença.

Cançado explica que a vantagem de sua proposta reside no fato de que não são os papéis temáticos que fazem parte das regras de projeção, mas as propriedades semânticas, relevantes gramaticalmente, que compõem os papéis. Salienta que o grande problema apresentado pelas hierarquias propostas por outros autores é o de não apresentar uma ordem dos papéis de uma maneira única, demonstrando que, após o agente, não há um consenso sobre quais são os papéis relevantes hierarquicamente, nem que ordem seria a universal.

Seguindo Dowty (1989,1991) e Franchi (1997), a autora entende que o conteúdo semântico dos papéis temáticos se define a partir da família dos acarretamentos[46] lexicais partilhados por argumentos da mesma posição sintática aberta por um verbo. Examinando os acarretamentos que decorrem das sentenças, a autora estabelece quatro propriedades semânticas fundamentais para o estabelecimento das regras de projeção da semântica na

[46] Dowty define acarretamento lexical de um predicado como o grupo de todas as coisas que se pode concluir sobre x somente por saber que a sentença *x predicator y* é verdadeira.

sintaxe: ser desencadeador de um processo, ser afetado por ele, ser ou estar em determinado estado e ter controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado. Denomina essas propriedades de: *desencadeador, afetado, estativo e controle*.

Cançado explica que *desencadeador* é uma propriedade relacionada a ações/causações; *afetado* é relacionada a processos; *estativo*, a estados. Já o *controle* é entendido como a capacidade para interromper uma ação, um processo ou um estado e nunca ocorre isolado, está sempre relacionado à outra propriedade. Nos exemplos a seguir, da autora (2005, p.7), é possível perceber a presença ou a ausência de controle nos argumentos:

(83) a. João quebrou/pintou/fez o vaso.
b. João decidiu não mais quebrar/ pintar/fazer o quadro.

(84) João quebrou a perna/morreu.

Em (83) observa-se que João é o desencadeador dos eventos, com controle sobre eles, uma vez que pode interrompê-los. Em (84), João não tem controle sobre os processos pelos quais é afetado.

Segundo Cançado (2005), as sentenças que aceitam a construção... *decidiu não mais (ou parar de)*... acarretam controle para o sujeito. Essa propriedade sempre aparece, na literatura, associada à idéia de agente, mas Cançado demonstra que também certos pacientes, experienciadores e estativos podem apresentar o controle, que deve referir-se a seres animados, de modo que as propriedades semânticas que compõem sua proposta não podem ser comparadas às noções comuns de papéis temáticos usadas na literatura.

A propriedade *desencadeador* não deve ser comparada ao papel temático de agente ou causa simplesmente, ou a qualquer outro papel temático, porque é uma propriedade que pode ser associada a outras em um grupo específico de propriedades, chamado papel temático, como nos exemplos em (85):

(85) a. O professor correu o garoto atrevido para fora da sala.
b. A mãe casou a filha bem.

c. O pai estudou todos os filhos até a faculdade.

Assim, em *professor/mãe/pai*, a autora atribui o papel temático de desencadeador do processo, com controle sobre ele; em *garoto/filha/filhos*, o papel de desencadeador e também de afetado pelo processo, sem controle sobre ele.

Desse modo, um papel temático pode ter, entre as propriedades que o compõem, as de desencadeador e controle, a depender do tipo de evento que descreve, entendendo-se aí o controle mais o desencadeador como a capacidade para iniciar ou não um processo, ou, ainda, a de interrompê-lo. Observe-se exemplo em (86):

(86) a. **João** quebrou o vaso com um martelo.
b. **João** quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.
(CANÇADO, 2005, p. 8)

Em (86a), João é o desencadeador com controle do processo, podendo iniciá-lo ou mesmo interrompê-lo, mas, em (86b), embora João seja o desencadeador, não acarreta que tenha controle sobre o desenrolar desse processo.

A propriedade *afetado* se define pela mudança de estado que é entendida de forma ampla, podendo tratar-se de mudança de lugar, de estado psicológico, de posse, etc, com controle (87a) ou sem controle (87b). E a propriedade *estativo*, que pode associar-se a outras propriedades, desde que não seja o desencadeador ou o afetado, refere-se ao argumento cujas propriedades não se alteram no desenrolar do processo (88).

(87) a**. João** recebeu uma herança.
b. **João** recebeu um tapa.

(88) João leu **um livro**.

Em (87a), João é afetado pelo recebimento de uma herança, mas pode interromper o processo, se quiser (pode decidir não receber a herança); em (87b), João é afetado pelo recebimento de um tapa, sem qualquer controle sobre o processo (ele não pode interrompê-lo); em (88), ao mesmo tempo, o livro é um estativo e também o objeto de referência, isto é, ele não alterou

suas propriedades durante determinado espaço de tempo e é também o objeto a que se refere a ação de João, naquele mesmo espaço de tempo.

As quatro propriedades apresentadas acima são, para Cançado (2005), as propriedades semânticas mais relevantes para a organização da estrutura sintática, pelo menos no que diz respeito aos dados do PB, estudados por ela.

Por fim, a autora apresenta as regras de projeção que estabelecem a ligação da estrutura conceitual semântica para a estrutura sintática, chamando a atenção para a relevância do conteúdo semântico dos papéis temáticos em relação à organização das posições argumentais e de adjunção nas sentenças.

1.7 CONSIDERAÇÕES

Inicialmente, procedeu-se ao estudo detalhado das propriedades dos verbos inacusativos e de sua tipologia, seguido de um enfoque sobre as construções inacusativas, assim denominadas por apresentarem as duas propriedades básicas que identificam o fenômeno da inacusatividade. A seguir, foram apresentadas algumas abordagens desse fenômeno, sob três enfoques diferentes: sintático (Burzio, 1986; Belletti, 1988; Eliseu, 1984), semântico (Van Valin, 1990) e sintático-semântico (Levin e Hovav, 1996). Por fim, apresentou-se uma proposta semântica aplicada no âmbito do PB.

A propósito das diferentes abordagens do fenômeno da inacusatividade que foram apresentadas, pôde-se observar que os adeptos da abordagem sintática – Burzio (1986), Belletti (1988), Eliseu (1984), entre outros – embora reconheçam a ocorrência de certas correspondências entre o significado dos verbos e sua caracterização como inacusativos ou inergativos, ressaltam que todos os verbos inacusativos apresentam a mesma configuração sintática particular (com as propriedades já relatadas antes), mas não há uma propriedade

semântica comum a todos eles, daí a relevância, para esses lingüistas, da abordagem sintática do fenômeno.

Os defensores da abordagem semântica, como Van Valin (1990), entre outros, contestam a necessidade de todos os verbos inacusativos representarem uma classe semântica unificada, uma vez que o mapeamento da semântica lexical para a sintaxe ocorre com base no processo chamado de "muitos-para-um". Assim, pode haver subclasses de verbos inacusativos.

A proposta sintático-semântica de Levin e Hovav (1995) retoma a hipótese inicial de Perlmutter, entendendo que a inacusatividade é um fenômeno determinado por aspectos semânticos, mas sintaticamente representado. defendem essas autoras que a determinação das propriedades sintáticas desses verbos pelo seu significado se realiza através do mapeamento existente entre a semântica–lexical e a sintaxe, por via das chamadas *linking rules* ou regras de ligação.

Do que foi possível observar sobre os estudos a respeito do fenômeno da inacusatividade, entende-se, neste trabalho, que a caracterização desse fenômeno, de forma adequada e abrangente, deve levar em conta os aspectos semânticos que estão na base das representações sintáticas que o identificam.

Finalmente, esse estudo inicial teve por finalidade apresentar o embasamento teórico deste trabalho de pesquisa, munido do qual, e tendo em vista os procedimentos metodológicos adotados, proceder-se-á à seleção e análise dos dados, considerando apenas a inacusatividade lexical, vale dizer, as construções com verbos inacusativos propriamente ditos.

2 O MÉTODO

Embora esta pesquisa seja de base gerativista, utiliza o modelo variacionista de quantificação dos dados, proposto por Labov na década de 1960, levando em conta não só fatores lingüísticos condicionadores do fenômeno em questão, mas também os chamados fatores não-gramaticais ou sociais, na tentativa de procurar evidências de aspectos que permitam o enquadramento do fenômeno em questão dentro da Teoria da Variação.

A abordagem gerativo-sociolingüística deste trabalho se justifica plenamente porque se trata de dois posicionamentos teóricos apenas aparentemente inconciliáveis no que diz respeito às questões relativas à variação e à mudança lingüística: enquanto os lingüistas gerativistas centralizam o estudo da variação e da mudança na busca das propriedades invariantes da gramática, procurando viabilizar a descrição das gramáticas possíveis, os sociolingüistas colocam os fatores sociais como "o ponto de honra nas definições mais empiristas da mudança lingüística" (Tarallo, 1991), preocupando-se com a forma como a mudança se expande pela comunidade. Ocorre, todavia, que, dentro do quadro teórico gerativista de estudos sobre a gramática, já se observa a preocupação com a possibilidade de interferência de outros fatores condicionadores da mudança, como por exemplo, o fenômeno do contato entre línguas (Lightfoot, 1988)[47]. Por sua vez, a Sociolingüística se ressente de uma teoria da estrutura lingüística para explicar a atuação de fatores internos no processo (Lucchesi, 1998). Isso leva à viabilidade de se conciliarem, nessa perspectiva de análise, as duas posturas teóricas: em um *corpus* a ser analisado, o destaque, primeiramente, para a possibilidade de resolução da variação e da mudança a partir da estrutura lingüística, de modo que a leitura dos dados já é mediada por uma interpretação teórica.

[47] Citado por Tarallo, 1991.

Vários estudos vêm sendo feitos com esse enfoque, em que se compatibilizam as propriedades teóricas da Teoria Gerativa com as possibilidades teórico-metodológicas da Sociolingüística que, a partir da segunda metade do século XX, desenvolveu uma metodologia capaz de dar conta da variação sincrônica das línguas, como também da mudança das línguas "em tempo aparente"[48], um artifício metodológico que espelha a diacronia sincrônica ocorrente em qualquer comunidade lingüística.

Ao fazer uso da proposta metodológica laboviana, espera-se encontrar, com a quantificação do fenômeno sintático, bons indicadores da importância dos diversos grupos de fatores atuando sobre ele e, ainda, verificar até mesmo uma possível ausência de variação.

2.1 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* – AS COMUNIDADES

O *corpus* desta pesquisa faz parte do banco de dados do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi. Esse banco de dados apresenta amostras de fala de comunidades baianas com formação étnica diversificada. Do acervo do Projeto, foram selecionadas três comunidades de afro-descendentes, vivendo em relativo isolamento: Helvécia, no extremo sul da Bahia, Cinzento, no semi-árido, e Sapé, no Recôncavo Baiano[49]. São comunidades que se formaram ou a partir de escravos, por serem antigos quilombos, ou de ex-escravos, por terem sido as terras 'doadas' após a libertação.

As comunidades de Cinzento e Sapé têm em comum o maior isolamento, observando-se a tendência marcante à endogamia, resultante mesmo dessa situação de isolamento.

[48] Consiste em se reunir, num mesmo *corpus*, falantes de diferente faixa etária para comparar, principalmente, o comportamento lingüístico dos mais velhos com o dos mais jovens; havendo mudança em curso, a fala dos mais jovens vai acusar a presença mais maciça do fenômeno variante do que a fala dos mais velhos.

[49] Vale esclarecer que, dentre as três comunidades acima citadas, a comunidade de Helvécia, juntamente com a comunidade de Rio de Contas, que não integra esta pesquisa, compunham um projeto anterior, o projeto Vestígios, cujos trabalhos realizados objetivavam investigar as comunidades isoladamente. A partir do projeto Vertentes, pretende-se constituir um *corpus* que contenha amostras de várias comunidades.

Todavia, enquanto os habitantes de Cinzento têm origem quilombola, os de Helvécia e os de Sapé não se originam de quilombos. Destes últimos, os primeiros, uma vez libertos, optaram por permanecer na região, formando sua própria comunidade, onde moram hoje seus descendentes; já os segundos, ao serem alforriados, receberam de seus antigos donos pedaços de terra como pagamento, neles fixando-se e transmitindo, por herança, a seus descendentes.

2.1.1 A comunidade de Cinzento

Cinzento encontra-se situado no município de Planalto, no semi-árido baiano.

Sobre a comunidade, relatos de antigos moradores atestam que seus fundadores são oriundos da região da Chapada Diamantina, mais precisamente do antigo "Arraial dos Crioulos". Segundo a moradora Ana Isidora, de 107 anos, os primeiros habitantes vieram "currido", o que confirma a origem dessa comunidade. Em Cinzento, é comum o sobrenome Pereira Nunes, que advém de um antigo proprietário de escravos da região de Rio de Contas.

De acordo com Silva (2003), chama a atenção de quem visita Cinzento pela primeira vez o relevo bastante acidentado do lugar, bem como a ausência de mananciais naturais de água, o que torna mais difícil a sobrevivência daqueles que procuraram esse local para se estabelecerem, sem dúvida por razões muito fortes: certamente, fugindo da escravidão, buscaram o isolamento. Quanto à origem do nome Cinzento, segundo relato também de Ana Isidora, a denominação provém de um boi gordo que apareceu para saciar a fome dos primeiros moradores; esse boi, de tão gordo parecia "cinzento".

Ainda conforme Silva (2003), os habitantes de Cinzento são pretos de pele bem escura e muito parecidos devido à endogamia em segundo grau. As famílias praticam agricultura de subsistência nos pequenos lotes de terra e, conforme a moradora Neusa, metade dos que saem do lugar (principalmente para irem trabalhar em São Paulo) não retorna. São católicos,

mantêm viva a tradição de festas religiosas, como o reisado, por exemplo, e apreciam os passeios em romaria à Lapa de Coração. Na época das chuvas, torna-se muito difícil o acesso de carro e até os cavalos atolam, como declarou um informante, ficando as crianças impedidas de ir à escola, porque o ônibus não chega lá.

Cinzento é considerada uma comunidade afro-brasileira em processo de mudança em face do maior contato com a cultura urbana hoje, e cuja história lingüística se resgata, principalmente, do depoimento dos mais velhos.

2.1.2 A comunidade de Helvécia

Encontra-se situada no extremo-sul da Bahia e faz parte do município de Nova Viçosa. Originou-se da Colônia Leopoldina, fundada em 1818, por colonos alemães, suíços e franceses, que se dedicaram à produção e exportação de café, sendo responsável por quase 90% da produção cafeeira do Estado. Em 1888, com a abolição da escravatura e a expansão da cultura do café em outras zonas, a colônia entrou em decadência e foi abandonada pelos colonos europeus, nela permanecendo os antigos escravos, que passaram a praticar agricultura de subsistência e a viver em função da ferrovia Bahia-Minas, inaugurada em 1897. Cultivando a terra em pequenas propriedades, os habitantes de Helvécia se dedicam, principalmente, à lavoura do feijão, do milho e da mandioca para o fabrico da farinha. Há ainda os que se empregam nas plantações de eucalipto, para a extração da celulose. As grandes plantações de eucalipto terminaram por mudar a feição da região, desalojando muitos antigos pequenos proprietários, que perderam suas terras.

É possível, no caso de Helvécia, apontar fatores relevantes de ordem histórica responsáveis pela variedade lingüística lá encontrada: a desproporcionalidade no número de negros em relação aos brancos, a variedade de línguas faladas pelos cativos que para lá foram

levados e ainda o fato de a língua portuguesa não ser a língua materna de muitos falantes brancos (colonos alemães, suíços e franceses). Assim é que, apesar de existir uma população branca, era enorme a desproporcionalidade entre brancos e negros, a ponto de, em 1858, os brancos representarem apenas 10 % da população local, para 50% de africanos e 40% de crioulos (Lucchesi, 2000, p.80). Acrescente-se a isso a heterogeneidade lingüística dos escravos, cuja população era de variada origem: havia africanos tanto do grupo lingüístico *kwa,* como do grupo *banto*, com predominância de um ou outro grupo nas fazendas da região (Lucchesi, obra cit., p.82). A variedade lingüística falada em Helvécia resultou de um processo de transmissão lingüística bastante irregular[50], tendo o português como língua base, mas não sendo, nem mesmo, a língua materna de todos os falantes brancos. Nessa variedade, em que pode até mesmo ter havido, no passado, um estágio de crioulização[51], ainda que leve, na aquisição do português, dadas as circunstâncias em que ocorreu, será importante observar o comportamento lingüístico dos falantes no que diz respeito ao uso das estruturas inacusativas, ora em estudo.

2.1.3 A comunidade de Sapé

A localidade, para uns Sapé Grande, para outros Sapé Alto, é um distrito do município de Valença, no Recôncavo Baiano, que se formou, segundo o relato dos informantes, algum tempo depois da abolição da escravatura. O nome Sapé advém do capim nativo da região, de folhas duras, que servia para cobrir as choças dos moradores. De acordo com Silva (2004), há registro da existência de escravos no passado, nessa região, em que se praticava agricultura e criatório de animais. Trata-se de instrumentos guardados como relíquia pelo Sr. João Barreto, um fazendeiro do distrito vizinho de Rapa Tição (Lucchesi, 2000, p.80). O mesmo João

[50] Consulte-se, a propósito, Baxter e Lucchesi, 1997.
[51] Sobre o tema, consulte-se Guy (1981) e Lucchesi (1999), entre outros.

Barreto contou ter ouvido de seu avô que encontrara na fazenda uma senzala e troncos usados para castigar os escravos.

Segundo outro relato, alguns ex-escravos permaneceram nas fazendas da região, depois da abolição, trabalhando sem receber qualquer salário, e os fazendeiros, mais tarde, quitaram seus débitos com eles, doando-lhes pedaços de uma terra mais pobre, situada em partes mais altas e distantes da água. Hoje, os habitantes de Sapé vivem do que colhem nas suas roças, também aqui, como nas demais comunidades, bastante reduzidas em virtude da divisão entre os filhos. Além disso, trabalham na base da diária nas terras dos outros, mas, apesar das dificuldades que enfrentam, não pretendem sair da comunidade, ao contrário do que ocorre em Helvécia e Cinzento. Isso se pôde observar nos relatos dos informantes que, via de regra, saem da comunidade para ir à sede do município, Valença.

Nessa comunidade semi-isolada de Sapé, cujo dialeto, nas suas origens, submeteu-se a situações de contato entre línguas (diferentes línguas africanas e a língua portuguesa) e transmissão lingüística irregular (o português deficitariamente aprendido como segunda língua pelos falantes das outras línguas nativas), certamente hábitos lingüísticos peculiares deverão manifestar-se, desvendando alguns processos de variação e mudança daí decorrentes, possivelmente relacionados ao fenômeno sob análise.

Uma vez que esta pesquisa pretende analisar o fenômeno da inacusatividade no dialeto rural afro-brasileiro, selecionaram-se comunidades de afro-descendentes, vivendo em relativo isolamento, uma vez que hoje é difícil encontrar comunidades em total isolamento, tendo em vista as facilidades decorrentes dos meios de comunicação de massa, notadamente o rádio e a televisão que, ultrapassando barreiras espaciais, conseguem integrar, pela via da comunicação à distância, áreas não contíguas e, até, muito afastadas geograficamente umas das outras. Com isso, pretende-se observar os usos lingüísticos das comunidades apontadas, buscando entender os processos de variação na realização das construções com verbos inacusativos.

2.2 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* – OS INFORMANTES

Na escolha dos informantes para compor o *corpus* base do Projeto, considerou-se como o primeiro fator a ser observado o de ter nascido na comunidade. Controlado esse fator**,** outras variáveis sociais foram consideradas. Nesta pesquisa, levantaram-se as seguintes variáveis sociais: faixa etária, gênero, estada fora da comunidade, comunidades e escolaridade.

Sobre a variável escolaridade, destacaram-se, inicialmente, as variantes: analfabeto, semi-analfabeto e com fundamental incompleto; posteriormente, as duas últimas foram amalgamadas numa só, semi-analfabeto, em razão da quase ausência de escolaridade na grande maioria dos informantes[52].

Com efeito, dentre os selecionados para compor o *corpus* deste trabalho, observou-se o seguinte: Em Cinzento, uma informante (mulher, de faixa etária I) que freqüentou a escola (no item escolaridade, identificada como tendo o fundamental incompleto), declarou que só lia soletrando as palavras, com bastante dificuldade. Em Sapé, também uma informante tem o fundamental incompleto (até metade da 5ª série), enquanto outros dois informantes semi-analfabetos apenas sabem assinar o nome. Em Helvécia, um único informante (de faixa etária I) foi classificado como semi-analfabeto, porque sabe assinar o nome e os demais são todos analfabetos.

Os *corpora* das comunidades de Cinzento, Helvécia e Sapé[53] levam as denominações dessas comunidades, onde as amostras foram recolhidas. Desses três *corpora*, foram selecionados 18 inquéritos, seis de cada uma das três comunidades, obedecendo aos critérios

[52]Segundo Silva (2004, p.75), na comunidade de Sapé, por exemplo, não foi encontrado nenhum informante com mais de sessenta anos que fosse alfabetizado.
[53] Esses *corpora* compõem, juntamente com o *corpus* de Rio de Contas, o *Corpus Base do Dialeto Rural Afro-Brasileiro.*

sociolingüísticos de faixa etária, escolaridade, gênero e estada fora da comunidade, a fim de homogeneizar a análise. Ficaram assim distribuídos:

Comunidades	Faixa etária I 20-40		Faixa etária II 41-60		Faixa etária III 61.....	
	Fem.	Masc.	Fem..	Masc.	Fem..	Masc.
Cinzento CZ	Inf.01	Inf.03	Inf.08	Inf.06	Inf. 9	Inf.11
Helvécia HV	Inf.01	Inf. 04	Inf. 07	Inf. 12	Inf.13	Inf. 20
Sapé SP	Inf. 01	Inf. 04	Inf. 05	Inf. 06	Inf. 09	Inf. 12

Quadro 2 – As comunidades e os informantes selecionados

Assim, os informantes foram distribuídos por comunidade, em três grupos, segundo a faixa etária e levando em conta a presença, em cada grupo, de um informante do sexo feminino e outro do sexo masculino. Esses informantes podem ser identificados, nos exemplos apresentados no trabalho, pelos símbolos correspondentes às três comunidades, CZ, HV e SP, respectivamente Cinzento, Helvécia e Sapé, seguidos do número que já identifica o informante no banco de dados, colocados entre parênteses, no final de cada exemplo apresentado, como ilustrado a seguir:

(1) INF: nós saiu de lá dez e meia da noite (CZ06).

Desse modo, CZ06, por exemplo, refere-se à fala do Informante 06, do sexo masculino, incluído no grupo de faixa etária II, da comunidade de Cinzento.

2.3 A SELEÇÃO DOS DADOS A SEREM INVESTIGADOS

Escolhidos os informantes, passou-se à etapa seguinte, de levantamento das ocorrências para serem submetidas à codificação. Inicialmente, pensou-se em levantar todos os tipos de construções inacusativas. Tomando como amostra o Informante 06, da

comunidade de Cinzento, um dos mais comunicativos dentre os selecionados, foi feito um levantamento exaustivo, nesse inquérito, de todas as construções classificadas como inacusativas, isto é, não só as construções com verbos inacusativos "propriamente ditos", mas também aquelas construções que compartilham com os verbos inacusativos as mesmas propriedades da inacusatividade (as construções passivas, as copulativas e as construções médias), e ainda as construções ergativas. Concluiu-se, então, pela necessidade de reduzir campo tão vasto de trabalho, fixando-se apenas nas construções com verbos inacusativos "propriamente ditos", isto é, os verbos monoargumentais que selecionam um argumento interno, o qual pode se deslocar para a posição de sujeito para receber caso nominativo. Desse modo, não se incluem nesta pesquisa as construções passivas, as copulativas, as médias e os verbos ergativos.

Portanto, para a codificação e posterior aplicação dos dados codificados à análise quantitativa submetida ao pacote de programas VARBRUL, somente foram consideradas as construções com os verbos inacusativos "propriamente ditos", identificados nesta análise simplesmente como verbos inacusativos.

2.3.1 Critérios para a seleção dos dados

Limitado o campo de trabalho, adotaram-se alguns critérios de seleção dos casos. Assim, não foram consideradas as seguintes ocorrências:

a) Casos de hesitação, com interrupção da estrutura, considerando-se a retomada, desde que a sentença forme sentido[54]:

(2) (sobre a possibilidade de continuar os estudos em Planalto)
a. INF: pá i(r) é bom que a gente inda sai daqui...dia **i(r) eu só ... eu só...ININT**..agora pá vim **que nós somo...** nós sai nove e mêa, né? (CZ01)

[54] Assim, em (2a), considerou-se apenas a retomada: ".... nós sai nove e mêa, né?"; em (2b), "Quano.....o marido morreu,"

b. INF: Quano **o pai dela**... o marido morreu, ele tava com...já tava quato... semana dele (CZ09)

b) Expressões com o verbo *chegar*, usado como marcador conversacional, interligando as idéias, como o exemplo em (3):

(3) a. DOC: E elas foram sem você?
INF: Fórum, aí, quande já foi já na última hora da gente já saímos já, aí ficô me adulano pá mim ir. Ah! **Chega lá,** compra o ingresso que num tem e só que era mais, né? (CZ01)

b. INF: fui com uma colega... **Aí chegô lá,** ela tamém dexô... me dexá lá...(HV07)

c. INF: eu já fui ni médico, tonta ...tonta ...tonta... inda **chega lá**, diz que né pensão... (CZ08)

d. INF: Tem dia que **eu chêgo**, vô ne Conquista ali... de repente (CZ11)

c) Construções com verbos inacusativos em que ocorre clivagem[55], pelo fato de ser a clivagem, por si mesma, uma estratégia de focalização, o que iria interferir nos resultados do grupo de fatores de nº 12 na chave, referentes aos casos de pressuposição ou foco.

(4) a. INF: aí agora **que começa é o tempo de neblina** (CZ09)
b. INF: Sei que **já saiu foi mutcho**..(CZ09)
c. INF: **eu que num fui ainda**, mas preciso de i(r)... (CZ11)

d) Construções com verbos inacusativos em locução com verbos semi-auxiliares aspectuais e as construções reduzidas de gerúndio:

(5) a. INF: eu saí da escola porque **quano foi chegano o final do ano** os... (CZ01)

b. INF: poque **num pode sai(r) na praça.** (CZ11)

c. INF: mas **janêro já tá finalizano** (CZ09)

d. INF: Se tivé **uma pessoa morreno**, **pode morrê logo** (CZ09)

[55] Sobre clivagem no dialeto rural afro-brasileiro, consulte-se estudo de Côrtes, 2006.

e) Construções com *ter que* mais verbo inacusativo no infinitivo. Exemplo:

(6) INF Ah... pá i(r) lá hoje, **eu tinha que i(r) a ôto negoço** (CZ11)

f) Construções com os verbos impessoais[56] *ter, fazer, ser, dar*, uma vez que, sendo categórica a ordem VS nessas construções, não haveria o que observar quanto à variável Ordem.

(7) a. INF: De vez em quando **dá** esse inverno de perdê... de vez em quando dá (CZ09)

b. INF: Já **fazê** seis mês sem chovê (CZ09)

c. INF: Se **tivé** neblina boa (CZ09)

2.4 A VARIÁVEL DEPENDENTE

Selecionaram-se, inicialmente, duas variáveis dependentes, a ordem e a concordância, tendo em vista a relevância desses dois fatores lingüísticos e suas implicações na gramática do PB. Todavia, verificou-se a quase ausência de concordância verbo-sujeito no plural, nesses dialetos. Ficou-se, então, com a variável dependente ordem, considerando-se as variantes verbo-sujeito – VS, sujeito-verbo – SV e "não se aplica", esta última valendo para os casos em que uma categoria vazia (*pro*) ocupa a posição de sujeito, como em (8a,b), não sendo possível recuperar a ordem do DP em relação ao predicador e ainda para aqueles em que a posição do sujeito é ocupada por um pronome relativo[57], como em (8c):

(8) a. INF: aí depois ele mudô daí **e foi pra Conquista** e, depois de Conquista, ele foi pra Som Paulo **e num voltô mais**... ININT... (CZ01)

b. INF: Trabaiava o dia, **à noite ia pa casa**, né (HV12)

c. INF: ela tem uns neto **que mora com lá em cima** (CZ08)

---

[56] Sobre as construções impessoais, consulte-se estudo de Franchi, Negrão e Viotti (1998). Entendem esses autores que essas construções compõem uma classe que tem em comum com as construções inacusativas (a que denominam "ergativas") de sujeito posposto a função de realizar foco apresentativo.

[57] Na verdade, é o traço-*qu* do pronome relativo que ocupa essa posição.

2.4.1 Sobre a ordem SV/VS no PB

Os estudos sociolingüísticos realizados por Tarallo (1983, 1985) e Berlinck (1988) concluem que o PB teria perdido duas propriedades básicas que caracterizam uma língua *pro-drop*: as possibilidades de realizar o sujeito nulo e a ordem VS. Portanto, o PB teria deixado de ser uma língua *pro-drop*, como o PE, o italiano e o espanhol. A principal causa da perda desse caráter *pro-drop* da língua estaria na reorganização do seu sistema pronominal e, conseqüentemente, dos padrões sentenciais básicos. Defendendo essa posição, Duarte (1993,1995) encontra, em sua análise quantitativa, evidências dessa nova situação, ou seja, a posição de sujeito, geralmente preenchida por um constituinte foneticamente realizado. Os resultados percentuais obtidos por Berlinck (1988), em sua análise realizada sob duas perspectivas, sincrônica e diacrônica, revelam um decréscimo crescente da ordem VS no PB, do século XVIII ao século XX, ficando essa ordem, no último período, restrita aos contextos monoargumentais, particularmente, aos contextos com verbos inacusativos.

Com isso, a monoargumentalidade tem sido indicada, desde algum tempo, como um fator favorável à ordem VS. Bittencourt (1979)[58], em *A posposição do sujeito no português do Brasil*, se refere à ordem VS como regra opcional, que pode ocorrer apenas com verbos intransitivos[59] e copulativos, bem como nas estruturas passivas (verbo ser + particípio passado (adjetivo)), associadas pelo autor ao grupo das cópulas. Pontes[60] (1983), por seu turno, conclui que a ordem VS é mais observada com verbos intransitivos, já que ocorre em contextos nos quais não é necessário "recorrer à ordem SVO para distinguir sujeito de objeto", identificando-se com Lira (1982), ao considerar a posposição do sujeito com verbos de mais de um argumento passível de gerar ambigüidade na identificação da função sintática do DP posposto.

[58] Comentado por Berlinck, 1988, p.2.
[59] Bittencourt não faz distinção entre verbo intransitivo e inacusativo.
[60] Essa autora tampouco diferencia verbo intransitivo de inacusativo.

A tese de Milton do Nascimento (1984), *Sur la postposition du sujet dans le portugais du Brésil*, também associa a ordem VS aos verbos intransitivos e, dentre estes, às chamadas frases existenciais ou apresentativas. Trata-se de verbos que apresentam a afirmação ou negação de uma existência, como *aparecer, desaparecer, existir, faltar*, etc. Essa proposta de Nascimento, relacionando a questão da inversão do sujeito ao processo de formação das frases existenciais ou apresentativas, representa um aprofundamento teórico sobre a questão, em relação ao PB.

Kato (1999, p.1), por sua vez, analisando os contextos de inversão sujeito-verbo no PB e comparando-os aos produzidos pela gramática do PE, observa a ausência de uniformidade no comportamento do PB falado em relação à inversão sujeito-verbo e assume que a ordem VS no PB está submetida à restrição de monoargumentalidade. Os exemplos a seguir são de Kato:

(9) a. Chegou o trem.
b. ? Telefonou o cliente.
c. *Assinou uma carta o chefe do departamento.

Em (9a), o verbo é inacusativo, e a sentença é gramatical; em (9b), o verbo é intransitivo e o sujeito é definido, então a construção não é bem aceita, a não ser que se faça uma leitura contrastiva[61]; em (9c), o verbo é transitivo, e a sentença é agramatical.

Palmiere (2002), analisando dados da fala de crianças brasileiras na faixa de 2,0 a 4,0 anos de idade, observa que, na gramática inicial das crianças, a distinção entre verbos inacusativos e inergativos (verbos intransitivos propriamente ditos) já se encontra disponível, em vista de o argumento de certos verbos monoargumentais, os já conhecidos como verbos inacusativos, ter-se mantido sistematicamente na posição de objeto, interna ao VP. Conclui que, embora o PB não apresente marcação morfológica específica distintiva entre esses dois tipos de verbos monoargumentais, os resultados de sua pesquisa podem contribuir para que a

[61] Telefonou O CLIENTE (e não o fornecedor).

inversão sujeito-verbo, juntamente com a forma do pretérito perfeito, sejam considerados indicadores morfológicos dos verbos inacusativos.

Esta pesquisa, adotando o entendimento de que os verbos inacusativos são grandes favorecedores da ordem VS, pretende observar a freqüência de uso dessa ordem nas sentenças com verbos inacusativos em três dialetos rurais afro-brasileiros e detectar, nas ocorrências em que se apresente a ordem SV com tais verbos, a presença de possíveis fatores intervenientes.

2.5 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para satisfazer a adequação da chave de codificação às hipóteses aqui levantadas, tendo em vista o fenômeno da inacusatividade relacionado à variável dependente ordem, foram selecionados determinados grupos de fatores já testados anteriormente por outros lingüistas, de referência ao mesmo fenômeno na fala infantil e também na fala adulta, em determinadas comunidades urbanas e rurais. Contudo, não há conhecimento de algum outro trabalho sobre o fenômeno em questão realizado em comunidades rurais semi-isoladas de afro-descendentes. Com efeito, tendo em vista a história pregressa dessas comunidades, vivendo em relativo isolamento, e levando em conta, principalmente, a questão da aquisição da língua materna de forma irregular pelos antepassados dos informantes, pretende esta pesquisa verificar o comportamento desses falantes no tocante aos usos lingüísticos do fenômeno em questão.

As variáveis lingüísticas independentes levantadas foram as seguintes:

a) concordância verbal;
b) tipo de sujeito;
c) sujeito pronominal;
d) traço semântico animacidade;
e) preenchimento do sujeito;
f) definitude do sujeito;
g) sujeito quantificado;
h) número de sílabas no sujeito;

i) tipo de verbo inacusativo;
j) tempo do verbo;
k) função semântica do sujeito.

2.5.1 A concordância verbal

Apesar de ter sido excluída da análise como variável dependente, a concordância verbal inclui-se, como variável independente, entre os fatores selecionados no estudo da variação na ordem SV/VS, com o objetivo de verificar se, nos dialetos sob análise, existe concordância na ordem VS.

A concordância verbal é o resultado da relação que mantêm entre si sujeito e verbo na sentença, podendo ser exteriorizada por marcas formais impostas ao verbo pelo sujeito[62]. Quais conseqüências podem advir, então, na organização da sentença, no caso de ocorrerem alterações nessa relação, como a perda/redução de morfologia verbal, por exemplo? Em que ela pode afetar a ordem na construção da sentença?

Muitos estudos têm confirmado a ausência de concordância verbal em construções na ordem VS. Num estudo de 1981, Naro constata uma maior incidência de ausência de concordância em construções com sujeitos pospostos ao verbo, mesmo no caso de pessoas de nível sócio-econômico mais alto e, portanto, com maior acesso à escolarização. Lira (1982), entre outros, também chega aos mesmos resultados: com sujeitos pospostos é maior a ausência de marcas morfológicas de concordância no verbo.

Essas constatações levaram os lingüistas a analisar esse DP pós-verbal, cujo comportamento não se adequa ao de um verdadeiro sujeito, já que os falantes não o percebem como tal. Lira (1982, p.195) refere-se então à existência de uma característica inerente a esses sujeitos, ou seja, a de não acionarem a concordância verbal. Pontes (1986), por seu turno, não tem dúvida de que esse DP posposto não é sentido pelos falantes como sujeito e, por isso, eles

[62] Neste estudo, usa-se o termo'concordância' só no sentido de 'realização' de marcas formais no verbo.'

não fazem a concordância. Os verbos "intransitivos" dessas construções começaram a ser analisados e observou-se que são verbos monoargumentais, como os intransitivos, mas cujo argumento único, apresentando-se como sujeito derivado, é, na verdade, originalmente, seu argumento interno, o objeto direto desses verbos, hoje reconhecidos como inacusativos. Assim, a partir da proposta de Perlmutter (1978), o fenômeno da inacusatividade passou a ser amplamente estudado.

Associando-se a variável concordância à ordem SV/VS, estudos concluíram pela maior freqüência de concordância com a ordem SV, independentemente do tipo de verbo (Guy, 1981; Lira, 1982; entre outros). Naro (1981) chega a afirmar que essa variação independe do nível sócio-econômico do falante.

Estudo diacrônico de Berlinck (1988) observa um crescente decréscimo da ordem VS no PB ao longo de três séculos: XVIII, XIX e XX[63]. Nesse último período, a ordem VS termina por restringir-se aos contextos monoargumentais, em particular, às construções com verbos inacusativos, destacando, ainda, a ausência de concordância morfogicamente visível entre o DP e a flexão verbal, conforme exemplo em Berlinck (1988, p.47):

> (10) Daí escrevendo esses textos, né? Não tô ganhando nada. Daí vem as prova pra ...**vem as prova dos professores**. Vê as prova, analisa as prova.

Tavares Silva (2004) chama a atenção para o fato de que, no PB, se o DP está anteposto ao verbo, a concordância morfológica entre o DP pré-verbal e a flexão verbal pode ser estabelecida ou não, independentemente do tipo de verbo (conforme (12)), ao contrário do que acontece no PE, em que a concordância se dá sistematicamente. Todavia, se o DP está na posição pós-verbal, no PB, a concordância morfologicamente visível, em geral, não se estabelece (conforme (13b), o que também pode ocorrer no PE coloquial (conforme (14 b)). A seguir, têm-se os exemplos (p. 32 e 33):

[63] Os *corpora* dos séculos XVIII e XIX compõem-se de cartas de cunho pessoal, datadas de 1751 a 1768 e 1848 a 1850-51, respectivamente. Já o *corpus* do século XX formou-se a partir de entrevistas gravadas com um grupo de vinte jovens, na faixa de vinte a trinta anos.

(11) a. Os menino **comeram** o doce.
b. Os menino **comeu** o doce.
c. Muitas floresta **queimaram**.
d. Muitas floresta **queimou**.

(12) a. **Queimaram** muitas floresta.
b. **Queimou** muitas floresta.

(13) a. Arderam muitas florestas.
b. Ardeu muitas florestas.

Por outro lado, o PB popular tende a não apresentar concordância verbo-sujeito, qualquer que seja o tipo de verbo, não só em construções na ordem VS, como na ordem SV.

Levantando a hipótese de que a não-concordância verbo-sujeito na ordem VS é categórica nos três dialetos rurais afro-brasileiros, esta pesquisa pretende: a) através de análise quantitativa dos dados, observar as situações de concordância/não concordância nas ocorrências levantadas, para verificar se existe interveniência entre essa variável e a ordem SV/VS.

Foram, então, selecionadas as seguintes variantes: com concordância, sem concordância e não se aplica. Esta última variante refere-se aos casos de sujeito no singular: *a gente, ele, ela, você*. Quando o sujeito é de primeira pessoa, foi observada a presença de morfologia de primeira pessoa no verbo, como no exemplo em (14)[64]:

(14) INF: Até **eu** mesmo inda **caio** no meio ainda. (HV12)

2.5.2 Tipo de sujeito

Buscou-se verificar, na escolha dessa variável, se o emprego de uma das variantes referentes à ordem, VS ou SV, estaria condicionado a um ou mais de um determinado tipo de sujeito, dentre os selecionados nesta pesquisa.

[64] Em oposição à possibilidade de ocorrer "*eu cai*".

Consideraram-se os seguintes fatores: leitura de lista, sujeito coordenado, sujeito simples[65], sujeito pronominal (realizado ou não), pronome relativo[66], indefinido[67], demonstrativo, possessivo e pronome dativo.

O sujeito coordenado – como o sujeito em leitura de lista – pode favorecer a ordem VS, pelo fato de ser, em princípio, um sujeito pesado[68], embora outros fatores sintático-semântico-discursivos possam interferir na estrutura da sentença. Quanto à leitura de lista, no PB, ao que se sabe (conforme, entre outros, Nascimento (1984)), não só favorece a ordem VS, como também licencia a ocorrência de sujeitos definidos pós-verbais, como se verá mais tarde, na oportunidade da análise dos dados, na seção 3.1.1. Com efeito, em razão do chamado Efeito de Definitude, proposto por Belletti (1988), em princípio, somente sujeitos indefinidos podem ocorrer na ordem VS. Segundo Belletti, nas línguas que não apresentam marcação morfológica de caso – a exemplo do inglês, do italiano e do português – a atribuição de caso partitivo inerente ao DP pós-verbal só é visível em sua interpretação [-definida][69].

Para a autora, nas construções inacusativas (que precisam atribuir caso partitivo ao DP pós-verbal), DPs quantificados universalmente e DPs com interpretação de descrição [+ definida] não podem aparecer nessa posição, a não ser que o DP [+ definido] tenha leitura de lista (*list reading*) ou de interpretação única, como em (15):

---

[65] Como sujeito simples, considerou-se o sujeito formado de um único núcleo lexical.

[66] Conforme nota 10, da seção 3.4, sabe-se que é uma categoria vazia que realiza a posição de sujeito de uma relativa de sujeito.

[67] A seleção de pronome indefinido, neste trabalho, segue a tradição gramatical, na classificação desses pronomes.

[68] A colocação de um sintagma pesado no final da sentença é um fenômeno conhecido como *heavy DP shift* (deslocamento do sintagma determinante pesado). De acordo com a literatura, parece ser uma generalização inter-lingüística. Ilustrando com sentenças do inglês, língua não-*pro-drop*, Coelho (2000, p.124) apresenta os exemplos a seguir, com tradução da própria autora (traduz *table* como *estante*):

a) * *I put on the table* ***that book***.
? Eu coloquei na estante aquele livro.

b) *I put on the table* ***that book you lent me last week***.
Eu coloquei na estante aquele livro que você me emprestou na semana passada.

A sentença agramatical em a) torna-se gramatical em b), em virtude de o DP, realizado no final da sentença, ter-se tornado pesado.

Na nota 13, Coelho comenta que a tradução em a) "seria melhor" no PB se o PP fosse focalizado contrastivamente: Eu coloquei NA ESTANTE aquele livro (e não sobre a mesa).

[69] A respeito do grupo de fatores definitude do sujeito, tratar-se-á, adiante, em 2.5.6.

(15) a. Nobody aroud here... Well, there is John the salesman.
(Ninguém por aqui… Bem, há João o vendedor)

b. In questo pollo manca il sale.
(Neste frango falta o sal.)

Em (15 a), o DP John tem o traço semântico [+ definido] em posição pós-verbal, mas é interpretado como fazendo parte de uma lista, compatível, pois, com o caso partitivo. Em (15b), entende-se que o sal é o único ingrediente que falta no frango.

Aplicando a proposta de Belletti ao PB e também ao PE, Spanó (2002), entre outros, observa que os verbos inacusativos favorecem a ordem VS (tanto em PB como em PE) e também que, nessas construções, o DP que ocupa a posição de sujeito é, geralmente, indefinido, principalmente no que diz respeito aos verbos existenciais que, via de regra, não aceitam DPs definidos. Todavia, ao fazer o levantamento dos DPS [+definidos] em frases existenciais na ordem VS, em PE 70, PB 70 e PB 90[70], Spanó verifica que esses DPs recebem uma leitura de lista ou de interpretação única (no caso de nomes próprios), ou podem ser formados por pronomes demonstrativos, ou, ainda, constituídos de demonstrativo mais nome.

Exemplos em Spanó (2002, p.48 e 58, respectivamente) de ocorrência de DP definido com verbo existencial, na ordem VS, em leitura de lista (conforme (19)) e formado por um pronome demonstrativo (conforme (20)):

(16) "[...] cada coroa tem o seu domingo: a dominga tal, é conhecido então ou pela rua, ou pelo nome de um santo.[...]tem, **tem a dominga da, da pombinha,** como eles chamam, tem, **aqui tem a dominga da, de trás-dos-mosteiros,** é uma, uma rua que há ali para cima e fazem império."(PE 70, 0111).

(17) "[...] Você se sente rodeado de pessoas nas quais você pode basicamente confiar. Às vezes você entra num determinado ponto em que dá um pouco de medo e tal, **mas existe isso**. E outras cidades também, às vezes, não existe. (PB 90, 233)

É de Coelho (2000) – em estudo que investiga quais os contextos monoargumentais no PB em que a ordem V DP se manifesta com maior freqüência – o

[70] O *corpus* da pesquisa de Spanó (2002) compõe-se de três amostras de língua falada: a do PE na década de 70, com 24 informantes, e as do PB, nas de 70 e 90, com 12 informantes em cada uma.

seguinte exemplo de verbo existencial com DP [+ definido] pós-verbal, em leitura de interpretação única:

(18) **Só existia o empório Rosa ali de restaurante**, não tinha mais nada ali no centro, sabe? (FLP18L598)[71]

Sobre os sujeitos pronominais, Berlinck (1988, p.10) faz referência a três estudos lingüísticos anteriores: o trabalho de Bentivoglio e D'Introno (1978) para o espanhol de Caracas, que ressalta a preferência dos sujeitos pronominais pela ordem SV; o estudo de Lira (1982), no qual o autor observa que a ordem VS é mais freqüente com pronomes indefinidos e sujeitos compostos e que a presença do possessivo diante do nome parece reforçar a ordem SV; e o de Castilho (1987), que analisa a fala de pessoas cultas de São Paulo e conclui que a maior complexidade lexical do DP sujeito favorece a posposição.

De referência aos possessivos, Berlinck[72] (1988) conclui que, juntamente com os nomes próprios, os DP's constituídos de possessivo + nome são os menos freqüentes em VS e que têm menos probabilidade de ocorrer nessa ordenação e acrescenta que esse comportamento tende a permanecer, mesmo quando co-ocorrem outros fatores "explicativamente fortes" (p.76). A seguir, exemplo do *corpus* sincrônico da pesquisa (p.39):

(19) **Meu tio** recebeu. Ele é o dono da casa.

Ainda a propósito do sujeito pronominal, de acordo com pesquisa de Palmiere (2002), as poucas ocorrências de sentenças com verbos inacusativos na ordem SV na fala de uma criança entre dois e quatro anos de idade não tem a posição de sujeito preenchida por um nome, mas por um pronome. Ilustra-se com os exemplos em (20), a seguir:

(20) a. **eu** caí nu chão (N. 2;8.4)[73]
b. **essi** abiu.

[71] Na pesquisa de Coelho (2000), os dados de fala analisados são identificados com as siglas FLP, que significa região de Florianópolis, seguida do número da entrevista e do número da linha em que se encontra o exemplo no Banco VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul), conforme COELHO, 2000, nota 4, p. 12.
[72] Berlinck avaliou três momentos históricos, separados por um intervalo de um século: séculos XVIII, XIX e o momento da pesquisa, o ano de 1987.
[73] Inicial do nome da criança, seguida da idade em anos, meses e dias.

c. **eu** morru tambeim. (N.3;1.23)
d. **eli** morreu (N.: 2;5.13)

Da mesma forma, nos dados de outra criança no período de dois a três anos, as poucas ocorrências com verbos inacusativos na ordem SV também correspondem às estruturas em que se verifica um pronome e não um DP realizado por um nome. Ex.:

(21) a. caiu **a roda**
b. puquê **ela** caiu (T. 3;0.15
c. **essi** derrubô (T. 3;0.08)

No que concerne às muitas possibilidades de realização do DP sujeito, anteposto ou posposto ao verbo inacusativo na sentença, Coelho (2000) sintetiza a questão ao ressaltar que a natureza do DP está intrinsecamente relacionada à natureza sintático-semântica do verbo monoargumental, em particular, do verbo inacusativo. E, tendo em vista os resultados encontrados em sua pesquisa, acrescenta que, em construções com verbo inacusativo, o DP sujeito, preferentemente: a) é posposto ao verbo; b) apresenta os traços semânticos [- animado], [- definido], [+ pesado]; c) é formado por um sintagma nominal. Já o verbo intransitivo, preferencialmente, favorece a anteposição do DP sujeito ao verbo, e esse DP é formado de pronome pessoal[74], possessivo ou demonstrativo, apresentando os traços semânticos [+animado], [+ definido], [- pesado].

Quanto ao pronome relativo e ao PRO, por serem nulos, não são relevantes para a ordem[75].

Enfim, o pronome dativo[76], pelo fato de ser regido da preposição *para* e tendo em vista o Princípio da Adjacência, deve favorecer a ordem SV, como em (25):

(22) INF: aí ficô me adulano pá mim ir (CZ01)

[74] Coelho (2000), em seu estudo, observa que, de um total de 918 sentanças monoargumentais com DP realizado sob a forma de pronome pessoal, somente três delas aparecem na ordem VS.
[75] Esses fatores só foram usados para observar a questão da flexão verbal, verificar se seria relevante ou não.
[76] O fator foi acrescentado ao grupo, em face de sua ocorrência nos dados dos inquéritos analisados.

Adotando a tese defendida por Coelho (2000), entre outros, segundo a qual a natureza do DP sujeito de um verbo inacusativo se relaciona intimamente com a natureza sintático-semântica do verbo, esta pesquisa explora a hipótese de que os DPs sujeitos das construções com verbos inacusativos, nos três dialetos rurais afro-brasileiros sob análise, devem, majoritariamente, constituir-se de sintagmas nominais que se apresentam na posição pós-verbal e ostentam os traços semânticos [-definido], [-animado] e [+pesado].

2.5.3 Sujeito pronominal (realizado ou não)

De referência ao grupo de fatores sob o rótulo sujeito pronominal, cumpre destacar, primeiramente, um fenômeno já bem conhecido dos lingüistas brasileiros: a perda da oposição morfológica sistemática entre as pessoas do discurso (conforme GALVES, 1993, entre outros autores), conseqüência da modificação no sistema pronominal, que implicou a substituição de um sistema rico de desinências verbais, como o do PE, por um sistema mais empobrecido. Isso levou ao chamado "enfraquecimento da morfologia verbal", ao se optar por formas verbais de terceira pessoa. Já a oposição entre singular e plural, de acordo com Figueiredo Silva (1996, p.41), ainda se mantém de forma relativamente sistemática, podendo-se dizer que o traço morfológico de número ainda permanece, pelo menos em alguns dialetos falados do PB.

Ocorre que a predominância, no sistema de pronomes nominativos, da forma de tratamento *você*, em substituição a *tu*, e da expressão *a gente* substituindo *nós*, veio acarretar mudanças significativas em todo o sistema pronominal do PB. De acordo com Figueiredo Silva (1996, p.38), quanto à forma *você*, a preferência dos falantes pode ser explicada com a história colonial do Brasil, em que os escravos se dirigiam aos senhores usando a forma original *Vossa Mercê*, com o tempo popularizada como *você*, embora a forma *tu* continue

produtiva em vários dialetos do PB. Já a expressão *a gente*, que vem tomando o lugar do pronome *nós*, é hoje um verdadeiro pronome pessoal, que pode, na mesma construção, ser co-referente a dois sintagmas nominais diferentes, desde que fora de sua categoria de regência, ou ser livre em referência, ou ainda sofrer os efeitos da Teoria da Vinculação. Os exemplos a seguir são de Figueiredo Silva (p.39):

(23) a. Eu_i disse pro $Pedro_j$ que **a gente** $_{i+k/i+j}$ vai viajar.
b. O $João_i$ disse pro $Pedro_j$ que **a gente**$_k$ vai viajar.
c. *A $gente_i$ vai viajar com a $gente_i$.

Por sua vez, a forma nominativa, com exceção da primeira pessoa do singular, substituiu todas as formas oblíquas (como está ilustrado na Tabela 1 para o PB), ao contrário do que ocorre até hoje no PE (conforme se pode verificar na Tabela 2):

Tabela 1
Pronomes pessoais no PB

Pessoa	Nominativo	Acusativo	Oblíquo
1ª sing.	eu	me	mim/eu
2ª sing.	você	te/você	você
3ª sing.	ele/ela	ele/ela	ele/ela
1ª pl.	a gente	a gente	a gente
2ª pl.	vocês	vocês	vocês
3ª pl.	eles/elas	eles/elas	eles/elas

Fonte: Figueiredo Silva, 1996, p.39.

Tabela 2
Pronomes pessoais no PE

1ª sing.	eu	me	mim
2ª sing.	tu	te	ti
3ª sing.	ele/ela	o/a	lhe ele/ela
1ª pl.	nós	nos	nós
2ª pl.	vós	vos	vós
3ª pl.	eles/elas	os/as	lhes eles/elas

Fonte: Figueiredo Silva, 1996, p.39.

Com isso, a morfologia verbal ficou bastante reduzida, podendo dizer-se que os verbos, no PB, com exceção da primeira pessoa, praticamente perderam a marca morfológica de pessoa, o que interfere negativamente nas realizações de estruturas com sujeito nulo, restringindo-se a inversão VS aos verbos monoargumentais. Em (24) é possível constatar que, na conjugação de um verbo regular no PB, atualmente, um paradigma anterior de seis desinências número-pessoais, até hoje presentes no PE, ficou praticamente reduzido a três formas apenas, com sincretismos obscurecendo a morfologia de pessoa em: *você estuda; ele, ela estuda; a gente estuda; eles, elas estuda(m)*:

(24) Eu estudo
Você estuda
Ele, ela estuda
A gente estuda
Eles, elas estuda(m)

Eu estudo
Tu estudas
Ele, ela estuda
Nós estudamos
Vós estudais
Eles, elas estudam

Em alguns dialetos em que a forma pronominal *tu* ainda sobrevive, a sua morfologia específica já se perdeu[77], como também a desinência de 3ª pessoa do plural nos dialetos populares. Nos dados sob análise, do PB rural afro-brasileiro, encontra-se, por exemplo:

(25) a. INF: **tu vem** aqui que eu vô financiá o...o arame pra tu encontra o dinhêro entra. (CZ06)
b. INF: e **muintas pessoas que já foi** lá na...na fila onde ele enfrenta (CZ06)

A expressão *a gente* usa a morfologia verbal da 3ª pessoa do singular, com perda parcial de uma distinção morfológica, no verbo, assim como acontece com o pronome *nós* usado nos dialetos populares:

(26) a. INF: **a gente consegue** uma chama e arma lá e..
b. INF: **nós saiu** de lá dez e meia da nôtche (CZ06)

Sabendo-se que o pronome pessoal é, via de regra, fator desfavorecedor da ordem VS, com esse grupo de fatores, pretende esta pesquisa identificar possíveis relações entre o sujeito pronominal, nas suas diferentes manifestações, e a ordem nas construções com verbos inacusativos nos dados sob análise.

2.5.4 Traço semântico animacidade

Outro fator importante a considerar é o grau de animacidade do referente. Naro e Votre (1984), referindo-se a [+intencional] e [-intencional], atestam que o *status* [-intencional], portanto [- animado] do sujeito favorece a ordem VS. Também Pontes (1986, p.12) já chamava a atenção para a alta freqüência dos DP's inanimados pospostos aos verbos.

A pesquisa diacrônica de Berlinck (1988) revela, na passagem do século XVIII para o XIX, um aumento gradual de DPs pós-verbais realizados sob a forma de pronomes

[77] Em alguns dialetos brasileiros, essa morfologia se mantém, muitas vezes em variação, como ilustra o exemplo em Coelho, 2000, p.124:
(i) quando **tu entras** hoje, **tu entras** [na]- na entrada geral de Canavieiras, [...] **tu desces** direto pra praia**, tu vai** direto pra praia (FLP24L1188)

demonstrativos e indefinidos que carregam o traço [- animado]. Vale dizer que a presença desse traço provoca uma elevação geral dos percentuais de ocorrência de V DP obtidos para os outros fatores. Além disso, tais percentuais tornam-se mais significativos quando são comparados com DPs animados. No seu estudo, Berlinck comprova que os DPs pós-verbais selecionados por verbos inacusativos são, na grande maioria, [-animados], ao passo que os DPs dos verbos intransitivos se caracterizam por serem [+animados].

Relacionando essa variável aos verbos intransitivos e à posição do sujeito por entender que a anteposição é mais freqüente com esse tipo de verbos, Monguilhott (2002, p.203) observou que, tanto na antecipação quanto na posposição do sujeito, a concordância verbal é mais freqüente com sujeitos caracterizados pelo traço semântico [+ humano]. De acordo com Silva (2003, p. 168), essa variável se prende à idéia de "agente" e se relaciona muitas vezes ao sujeito, que se apresenta em primeiro lugar na mente do falante. Daí a tendência à concordância com aquele que pratica a ação. Observe-se o exemplo a seguir:

27) **Algumas pessoa** dero. (CCV6-09)[78] (SILVA, 2003, p.169)

Em (27), ocorre a concordância do verbo com o sujeito, que apresenta o traço [+humano], num dialeto rural afro-brasileiro, integrante do *corpus* pesquisado por Silva[79].

Silva (2003) ressalta a importância desse traço semântico no sujeito das narrativas, em que a animização de seres inumanos imprime a esses sujeitos maior poder de atuação, como se agisse sobre eles, além da ênfase, um fator psicológico "ao se atribuir a ação a um ser que sobre ela possa deliberar" (2003, p.169). E acrescenta que a tendência à concordância do verbo com o DP sujeito [+humano] é comum no português de comunidades afro-descendentes

[78] Nos parênteses, o primeiro C refere-se à comunidade, Cinzento, o segundo C, ao fenômeno, concordância, o V, à concordância verbal, e o número 6 significa a sexta pessoa; o número que segue após o hífen marca o número do informante (conforme SILVA, 2003, p. 81).
[79] Esse dialeto, da comunidade de Cinzento, também integra o *corpus* desta pesquisa.

e comunidades etnicamente não marcadas, embora seja um traço menos acentuado nas primeiras[80].

Portanto, nas construções com verbos inacusativos, espera-se que o traço semântico [+animado] do sujeito possa contribuir para desfavorecer a ordem VS e favorecer a aplicação da regra de concordância do verbo com o sujeito no plural. O contrário deve ocorrer quando o traço for [- animado], isto é, favorecer a ordem VS e desfavorecer a aplicação da regra de concordância do verbo com o sujeito pluralizado.

A propósito do traço animacidade do sujeito, consideraram-se, a princípio, quatro variantes, a saber: [+humano], [- humano, +animado], [- humano, - animado, + concreto] e [- humano, - animado e - concreto]. Posteriormente, as duas primeiras variantes e as duas últimas foram amalgamadas, ficando, então, reduzidas a apenas duas: [+ humano], envolvendo pessoas e animais; e [- humano], identificando objetos concretos e abstratos.

Neste estudo, formula-se a hipótese segundo a qual deve haver mais casos de sujeito com o traço semântico [+humano] na posição pré-verbal do que na posição pós-verbal.

2.5.5 Preenchimento do sujeito

De acordo com Duarte (2000), e já observado anteriormente, em virtude da reorganização do seu sistema pronominal, o PB tem passado por uma fase de mudança que se caracteriza pela perda do Princípio Evite Pronome (Chomsky, 1981), haja vista sua morfologia flexional verbal ter-se enfraquecido e provocado uma freqüência muito alta de preenchimento da posição pré-verbal por sujeitos referenciais realizados foneticamente. No PE, com morfologia de flexão verbal ainda forte, ocorrem, em freqüência alta, sujeitos nulos

[80] Com efeito, não é muito significativa a diferença entre o peso relativo encontrado por esse autor, .52, para as ocorrências com sujeito [+humano] e aquele observado, .40, para os casos com sujeito [-humano] em que se realiza a concordância verbal.

referenciais legitimados e identificados por essa flexão. Essa situação é típica de línguas de sujeito nulo, como o espanhol e o italiano. Desse modo, entende Tavares Silva (2004) que, sendo o PB uma língua cuja posição pré-verbal se encontra, em geral, preenchida pelo sujeito foneticamente realizado, a inversão sujeito-verbo fica bloqueada. Para essa autora, o único output sintático gerado é SV[81].

Tavares Silva (p.53), comparando os resultados encontrados por Berlinck (1988, 2000) e Torres Moraes (1996)[82], com os resultados de Duarte (2000, p.19)[83] obtidos em seis períodos da história, relaciona os dois fenômenos e observa que o período de tempo em que a ordem VS deixou de ser produtiva com os verbos transitivos (fins do século XVIII e princípios do século XIX) corresponde mais ou menos à época em que a posição pré-verbal do sujeito começa a ser obrigatoriamente preenchida. No último período (segunda metade do século XX), em que ocorre a restrição mais alta da ordem VS aos verbos inacusativos, também acontece o preenchimento da posição pré-verbal por parte de sujeitos foneticamente realizados numa freqüência mais alta. Exemplos em (28) ilustram a ocorrência do fenômeno:

(28) a. (...) às vezes acontecem **coisas** que **você** não pode prever. Né? **Eu**, por exemplo, quando **eu** comecei a fazer a parte prática de minha tese, (...)
b. **Você** é energia condensada. E **o resto** que tá por aí é energia ... que tá dispersa. Então...**você** tá produzindo energia também. **A tua energia** tá saindo e **a tua energia** tá soltando.

(BERLINCK, 1988, p.42)

Nos exemplos em (28), o pronome *eu* é um dêitico preenchendo a posição do sujeito, e o pronome *você* tem referência arbitrária. A propósito de (28b), cumpre observar que esse enrijecimento da ordem SV por que está passando o PB parece estar abarcando contextos

[81] Tavares Silva (2004, p.27) entende que a causa da variação na ordem das palavras no PB e no PE "não decorre de requerimentos de ordem discursiva, mas dos *outputs* gerados pela sintaxe de cada língua", conforme propõem outros autores, como Costa e Figueiredo Silva (2003a). Nos contextos de focalização do sujeito, os sujeitos focalizados no PE ocupam a posição pós-verbal em razão de sua sintaxe gerar dois *outputs*, SV e VS, "sendo o primeiro filtrado pós-sintaticamente pela estrutura informacional; no PB, sendo gerado apenas SV na sintaxe, o sujeito focalizado deve ocupar a posição pré-verbal, para satisfazer as condições impostas por esse output."
[82] Citada por Tavares Silva, 2004, p.52.
[83] Os resultados quantitativos de Duarte (2000, p. 19) demonstram o aumento gradativo do preenchimento da posição pré-verbal em sete períodos da história: 1845 (20%), 1882 (23%), 1918 (25%), 1937 (46%), 1955 (50%), 1975 (67%) e 1992 (74 %).

estruturais com forte associação com a ordem VS, nos quais, segundo Tavares Silva (2004, p.68), "um expletivo ocuparia a posição pré-verbal, recuperando a ordem superficial SV". No PB hoje, é comum encontrar exemplos do tipo em (29), extraídos de Duarte (2000, p.31-32), em que essa posição é ocupada pelo pronome de referência arbitrária *você*:

(29) a. pro_{expl} Não há/tem mais clientela no centro da cidade.
b. Você não tem mais clientela no centro da cidade.

Em face dessas evidências, espera-se que os resultados desta pesquisa apresentem, nas construções com verbos inacusativos, um número significativamente mais alto de ocorrências com a posição do sujeito preenchida, em detrimento de casos com sujeito nulo. As variantes consideradas são as seguintes: preenchido, vazio e não se aplica (para a posição de sujeito ocupada por pronome relativo).

2.5.6 Definitude do sujeito

No seu estudo descritivo sobre os contextos condicionadores da ordem VS e SV em construções declarativas monoargumentais no PB e no PE, Spanó (2002) atribui à força do traço semântico indefinitude do sujeito o fato de, no seu trabalho, ter sido selecionado, por ordem de significância, como o primeiro fator a favorecer a ordem VS.

De acordo com resultados de pesquisas (Spanó, 2002; Coelho, 2000; Berlinck, 1988, entre outros), o traço semântico [- definido] é fator condicionador da ordem VS. Em sentenças existenciais nessa ordem, a indefinitude do DP sujeito é quase categórica, só ocorrendo sujeito definido com essa subclasse de verbos inacusativos, se for em leitura de lista, ou de interpretação única, ou ainda com pronome demonstrativo, como já se observou no capítulo anterior, a propósito do grupo de fatores tipo de sujeito. Em sentenças não-existenciais, o DP

sujeito com o traço [- definido] também ocorre, preferentemente, em construções na ordem VS, conforme resultados obtidos por Spanó (2002).

Segundo Figueiredo Silva (1996, p.97), algumas construções com verbos intransitivos parecem aceitar sujeitos pós-verbais, desde que sejam marcados com o traço [-definido], conforme exemplos da autora a seguir:

(30) a. Telefonou um cara aí pra você.
b. Viajou uma mulher supergorda do meu lado.

O traço semântico "definitude do sujeito" ficou estabelecido a partir das seguintes variantes: [+ genérico], [- genérico, + definido] e [-genérico, - definido], ou seja, genérico, definido e indefinido, conforme ilustram os exemplos a seguir:

Genérico

(31) Ah, é fogo, viu? **Os moço** hoje já são bem diferente, mas existe **os tipo de moço sério**, tudo.

Definido

(32) Lembra que **eu** falei pra você que **eu** ia tirá férias? **Eu** fui pra... **Eu** não conhecia Florianópolis.

Indefinido

(33) Então o serviço tava distribuído. De repente foi... tava indo embora **um técnico**, a gente leva mais ou menos seis meses pra treiná um outro técnico.

(BERLINCK, 1988, p.41-45)

Como hipótese de trabalho, esta pesquisa entende que, nos inquéritos a serem analisados, há restrições quanto ao uso de DPs definidos em posição pós-verbal com verbos existenciais, a não ser que sejam interpretados como leitura de lista ou de interpretação única, ou ainda que sejam constituídos por pronomes demonstrativos, ou por demonstrativos mais nomes. Quanto aos verbos não existenciais, a presença de DPs indefinidos nas construções com esses verbos deve ocorrer, preferentemente, na posição pós-verbal.

2.5.7 Sujeito quantificado

Com esse grupo de fatores, pretende-se observar se a presença/ausência de quantificadores no DP sujeito interefere na ordem SV/VS da estrutura da sentença.

A questão que se apresenta no que diz respeito aos quantificadores universais tem a ver com a proposta de Belletti (1988), segundo a qual os DPs pós-verbais de verbos inacusativos recebem caso partitivo inerente do verbo. Com isso, ficam excluídos desses DPs os quantificadores universais, juntamente com os DPs definidos, porque incompatíveis com o traço [- definido] que devem ter esses DPS. Ocorre que, tanto no PE, como no PB, há possibilidade de encontrarem-se DPs não só definidos, como quantificados universalmente, em posição pós-verbal, construídos com verbos inacusativos. A pesquisa desenvolvida no PE por Âmbar (1992), no âmbito da teoria gerativa, vem demonstrar não só que a inversão sujeito-verbo é freqüente na gramática dessa língua, como também apresentar exemplos de DPs quantificados universalmente em posição pós-verbal (conforme exemplo em (34a). O mesmo ocorre no PB, como ilustra o exemplo em (34b), extraído da pesquisa de Coelho (2000):

(34) a. Chegaram **todos os livros** que o Pedro tinha encomendado. (AMBAR, 1992, p.127).

b. (Sobre o Plano Cruzado) Eu acho que saiu **todo o dinheiro** de circulação. (FLP21L435) (COELHO, 2000, p.158)

Em (34a), o quantificador universal *todos* quantifica o sujeito *livros*, em posição pós-verbal, com um verbo de movimento sem volição, e esse DP é pesado, o que favorece bastante a inversão, como se verá adiante. Em (34b), da mesma forma, o quantificador *todo* quantifica o sujeito em posição pós-verbal, e o DP também é pesado.

Poder-se-ia achar, então, que o Efeito de Definitude não se aplica ao PE e ao PB. Todavia, Tavares Silva (2002, p.45), analisando esses exemplos à luz da proposta de Enç[84] (1991), entende ser possível assumir que esses quantificadores têm o traço [- definido] e [+ específico]. Seguindo Enç (1991), Tavares Silva faz uma leitura partitiva decorrente do traço de especificidade. Em (34a), por exemplo, segundo a autora, "a referência do DP universalmente quantificado *todos os livros* não corresponde a uma interpretação genérica no sentido de que *chegaram todos os livros do mundo"* (Tavares Silva, 2002, p.45). Essa autora conclui que a interpretação é específica, com a oração adjetiva atribuindo especificidade ao DP.

Nesse grupo de fatores, foram selecionados os seguintes itens: os quantificadores *todo(s), toda(s), tudo, muito(s), algum, alguns, alguém, nenhum, ninguém, nada, vários, bastante, cada, tanto(s), pouco(s)*, expressões quantificadoras (*um monte de + nome, mais de + nome*), com morfema de plural no DP[85] e "não se aplica" (este último, para sujeito não realizado, sujeito lexical singular, pronomes *eu, tu, ele/a, você, nós*, indefinido *um* e pronome relativo).

2.5.8 Número de sílabas no sujeito

Trabalhos anteriores sobre a ordem SV/VS em contextos monoargumentais têm encontrado resultados que apontam para uma maior incidência da ordem VS nas construções com verbos inacusativos, relacionada a uma freqüência muito alta de DPs com o traço [+ pesado], entre outros aspectos avaliados.

---

[38] Sobre o Efeito de Especificidade, leia-se Enç, 1991.

[85] Embora esta não seja, talvez, uma melhor visão do fenômeno, já que não se trata, na verdade, de um quantificador, o morfema de plural, incluído no grupo de fatores "sujeito quantificado", está sendo considerado como um a quantificação no vazio, no sentido de "mais de um".

Estudo de Coelho (2000), analisando os contextos monoargumentais a que a ordem VS está submetida na variedade falada de Florianópolis, apresenta resultados com verbos inacusativos que apontam para a tendência à realização de DPs pós-verbais em que o traço [+ pesado] aparece com um percentual muito elevado, 92%, ao lado dos traços [-animado] (73%), [-definido] e [-específico] (89%), [-definido] e [+ específico] (46%) e sendo realizados, com alta freqüência ainda, sob a forma de sintagmas nominais (65%).

Ao contrário, os DPs selecionados por verbos intransitivos ocorrem, via de regra, na ordem SV, em geral têm o traço [+animado], apresentam, na sua grande maioria, os traços [-pesado] (77%), [+definido] e [+específico] (94)% e se realizam sob a forma de pronome pessoal e pronome demonstrativo.

Cotejando os resultados obtidos por Lira (1986), Berlinck (1989) e Coelho (2000), Spanó observa que são convergentes, indicando que os verbos inacusativos são contextos favorecedores da ordem VS e o DP pós-verbal é, geralmente, indefinido, inanimado e pesado. E analisando a incidência da ordem SV/VS em contextos existenciais, estruturas que têm forte associação com a ordem VS, Spanó observou a freqüência das construções com DP mais e menos pesado no PE e no PB, nos períodos de tempo considerados, constatando que, nas duas amostras do PB, o traço [+ pesado] do DP é mais freqüente na ordem VS.

Tavares Silva (2004, p.5) chama a atenção para o fato de que os sujeitos focalizados no PE, definidos (conforme (35a)) ou indefinidos (conforme (36a)), ocupam a posição pós-verbal, com acento nuclear, enquanto no PB, ao contrário, ocorrem naturalmente na posição pré-verbal, com acento marcado (36b, 38b).

(35) A: Quem morreu/desmaiou?
B_1: a. Morreu/desmaiou o João. (VS) (OKPE #PB)
b. O JOÃO morreu/desmaiou. (SV) (*PE OKPB)
B_2: a. Morreram/desmaiaram os meninos. (VS) (OKPE)
b. OS MENINO morreram/desmaiaram. (SV) (*PE OKPB1)
B_3: a. OS MENINO morreu/desmaiou (SV) (*PE OKPB2)
b. Morreu/desmaiou os meninos. (VS) (OKPE coloquial)

(36) A: Quem morreu/desmaiou?
B_1: a. Morreu/desmaiou um menino. (VS) (OKPE ??PB)[86]
b. UM MENINO morreu/desmaiou. (SV) (*PE OKPB)
B_2: a. Morreram/desmaiaram uns meninos (VS) (OKPE)
b. UNS MENINO morreram/desmaiaram. (SV) (*PE OKPB1)
B_3: a. UNS MENINO morreu/desmaiou. (SV) (*PE OKPB2)
b. Morreu/desmaiou uns meninos. (VS) (OKPE coloquial)

Ora, no PB, quando se trata de DPs pesados, nos contextos de focalização do sujeito, esses DPs devem ocupar a posição pós-verbal, como o contraste a seguir indica:

(37) A: Quem morreu/desmaiou?
B: a. Morreu/desmaiou um garoto que foi meu aluno.
b. *Um garoto que foi meu aluno morreu/desmaiou.

Por conta dos resultados acima apontados no que concerne à extensão do DP nas construções com verbos inacusativos, a inclusão desse grupo de fatores neste estudo tem por finalidade verificar até que ponto o peso fonológico do DP interfere na ordem SV/VS da sentença. Foi considerado, inicialmente, um elenco de variantes que vai, em ordem crescente, de (1) – uma sílaba, até (0) – acima de nove sílabas. Posteriormente, as variantes a partir de sete sílabas foram amalgamadas em apenas um fator. Neste estudo, assume-se a hipótese de que DPs com mais de quatro sílabas tendem à posição pós-verbal, nas construções com verbos inacusativos.

2.5.9 Tipo de verbo inacusativo

A classe dos verbos inacusativos comporta uma variedade de tipos que têm em comum as propriedades básicas, intrínsecas ao fenômeno em questão, mas que, por sua vez, também revelam certas características que são peculiares a cada um deles. Assim, por exemplo, os verbos de existência e aparição supõem um constituinte locativo fazendo parte da eventualidade que eles expressam. Por conta disso, diferenças na natureza sintático-semântica

[86] ?? Significa que a resposta mais natural no PB é (36b).

desses verbos devem refletir-se na questão da ordem sujeito-verbo/verbo-sujeito, aqui estudada.

Nesse grupo de fatores, consideraram-se, inicialmente, os seguintes tipos de verbos inacusativos: a) verbos de movimento com direção inerente (*ir, vir, entrar, sair, descer, subir, chegar*); b) verbos de existência: existenciais (*existir, constar*), de ocorrência (*acontecer, ocorrer, passar(se)*), de carência ou falta (*faltar, escassear, tardar,demorar*); c) existenciais locativos (*viver, morar, residir*); d) de aparecimento/desaparecimento (*aparecer, brotar, surgir, desaparecer, sumir*); e) de evento com causa interna: que exprimem uma reação física ou psíquica (*desmaiar, empalidecer*), de emissão perceptível através dos sentidos (*explodir, flamejar*), de mudança de estado com causa interna (*nascer, crescer, morrer, florescer*).

No decorrer dos trabalhos de codificação dos dados, observou-se a necessidade de reagrupar os verbos de movimento em dois subtipos, considerando a natureza semântica dos DPs a eles vinculados e o contexto discursivo, com repercussões na ordenação sujeito-verbo, verbo-sujeito, nas sentenças. São os seguintes: verbos de movimento com volição e verbos de movimento sem volição. No primeiro caso, situam-se as construções em que o DP sujeito com o traço [+ animado] tem o traço [+ volição]; no segundo caso, o DP, geralmente com o traço [-animado], apresenta o traço [- volição], é um simples objeto afetado, sem participação da vontade na realização do evento.

A propósito desse tipo de verbo inacusativo, Jackendoff (1987)[87], na sua classificação semântica, denomina-os de "verbos do tipo GO" (são os verbos de movimento), identificando dois subtipos: verbos do tipo GO com o traço [+volitivo] e verbos do tipo GO com o traço [-volitivo]. Coelho (2000), partindo desta observação, classifica os primeiros como verbos do tipo GO [+ação], e os segundos, GO [-ação]. Vejam-se a seguir os exemplos em (38a) e (38b), extraídos de Coelho (p.192):

[87] Citado por Coelho (2000).

(38) a. E chegava meia noite, **o homem saía**, se vestia de lobisomem. (FLP08L470)
b. **Sai galinha frita**, **sai galinha assada de forno também**, sempre uns pratos variados. (FLP08L152).

Em (38b), os DPs *galinha frita, galinha assada* são entes inanimados afetados pelo evento expresso pelo verbo, sem traço de volição. Em (38a), o DP *o homem* é Tema (entidade que sofre o movimento) e, ao mesmo tempo, Agente volitivo, porque o ato foi realizado intencionalmente.

Essas duas funções temáticas distintas, Agente e Tema, estão combinadas de modo a formar uma só função temática complexa, o que parece violar a condição de biunivocidade imposta pelo Critério Temático, segundo o qual, a cada argumento corresponde uma e uma só função temática (atribuída por um único predicador[88]), e a cada função temática corresponde um e um só argumento (Haegeman, 1996, p.73). Tavares Silva (2004, p.192), no entanto, entende que não há violação a essa condição pelo fato de a função temática complexa ser atribuída a um único argumento na mesma posição sintática por um único predicador.

Tendo em vista não só o que é encontrado em outros trabalhos, como também o que se verificou em análise anterior, por amostragem, de dados do Inquérito nº 06, de Cinzento, espera-se encontrar, na análise estatística dos dados levantados, nas três comunidades rurais afro-brasileiras, maior freqüência de construções na ordem VS com verbos de existência (exceto os existenciais locativos) e aparição e verbos de movimento sem volição. Já os verbos de movimento com volição, os verbos existenciais locativos e os verbos de evento com causa interna devem ocorrer, preferencialmente, em construções na ordem SV.

[88] Assume-se que a atribuição de papel temático ao DP na posição de sujeito é feita composicionalmente, pelo verbo e pelos outros constituintes do VP (conforme Haegeman, 1996, e referências citadas).

2.5.10 Tempo do verbo

Com essa variável, pretende-se investigar se a escolha de uma das variantes está condicionada a uma determinada forma verbal. Primeiramente, foram selecionados os seguintes modos verbais: indicativo simples, indicativo composto, subjuntivo simples subjuntivo composto e imperativo, além da forma nominal do infinitivo. Posteriormente, algumas dessas variantes não apresentaram um percentual que interferisse na análise geral dos dados, de modo que subjuntivo simples, subjuntivo composto e imperativo foram amalgamadas, ficando as variantes assim distribuídas: indicativo simples, indicativo composto, subjuntivo e infinitivo, conforme os exemplos a seguir:

Indicativo simples:

(39) INF: Agora, ó, aí, esses neto aí então **não vinha não** (HV12).

Indicativo composto:

(40) INF: mas agora eu num..**num tinha chegado**... (CZ06)

Subjuntivo

(41) INF: eu, **se eu fosse** na roça ININT, saía nove hora pá roça, (CZ08)

Infinitivo

(42) INF: era mod'**eu i(r)** amanhã, seu Adauto falô, se chuvê eu num vô (CZ08)

Da análise deste grupo de fatores, espera-se verificar se o pretérito perfeito simples do indicativo é fator condicionador das construções com verbos inacusativos, conforme concluiu Palmiere (2002), no seu estudo sobre verbos inacusativos na fala infantil (com crianças de dois a quatro anos).

2.5.11 Função semântica do sujeito

Conforme Ribeiro (2005), dentro do modelo da gramática gerativa, está assente que toda língua tem uma ordem básica, que é SVO. Todavia, as variações observadas entre as línguas decorrem das diferentes posições estruturais que estão disponíveis a seus constituintes. A realização desses constituintes em uma ou outra posição, aponta Ribeiro, implica diferenças, entre outras, "no estatuto informacional do constituinte (o que faz parte do pressuposto e o que é asserido)".

Estudo de Kato e outros (1996) sobre o PB adulto observou certa freqüência na ocorrência de DP's sujeito com função semântica de Tema em posição pré-verbal, ainda que a posição pós-verbal seja a que se coaduna com essa função semântica do sujeito, tal como acontece na fala infantil de forma categórica (Palmiere, 2002). Esses autores concluíram, então, sobre a necessidade de ir além do limite da sentença e analisar o contexto discursivo-textual para descobrir que princípio estaria por trás dessa variação na construção da sentença, no que se refere à ordem SV ou VS.

Assim, partindo da oposição entre construções predicativas e apresentativas feita por Nascimento[89] (1984), concluem esses autores que a ordem V S é habitualmente usada pelo falante adulto para introduzir um referente no discurso. Para eles, a idéia de introdução não se limita a referentes completamente novos, podendo a informação acrescentar algo àquilo que já se conhece, então é possível que algum traço seja associado a um referente conhecido, "seja seu novo *status* no discurso, seja uma nova relação com os demais referentes". Esse tipo de constituinte é conhecido hoje como foco não marcado ou foco sentencial, conforme exemplo em (43):

(43) Naquela hora, **apareceu um rapaz**.

[89] Para Nascimento (1984), nas frases predicativas, o DP pré-verbal é tópico da sentença; nas frases apresentativas (construções monoargumentais), o DP pós-verbal está no escopo do verbo.

Já nos contextos de focalização do sujeito (foco marcado), de acordo com Tavares Silva (2002, p.534), enquanto no PE (como em (44a)) os sujeitos focalizados ocupam a posição pós-verbal[90], no PB (conforme (44b)), nesses contextos, os sujeitos focalizados ocupam a posição pré-verbal e recebem um acento marcado "como estratégia de último recurso":

(44) A: Quem morreu/apareceu/chegou?
a. Morreu/apareceu/chegou João. (OKPE ?PB)
b. JOÃO morreu/apareceu/chegou. (*PE OKPB)

A respeito de contextos que introduzem novos traços associados a referentes já conhecidos, Palmiere (2002) observa que é comum as crianças se servirem de estruturas com verbos inacusativos nesses contextos apresentativos, nos quais o DP pós-verbal se apresenta como um argumento que corresponde a um referente que sofre mudança de estado ou de lugar descrita pelo verbo. A seguir, exemplos em Palmiere (2002, p.240):

(45) a. Caiu **passainhu**.
b. Chegô **Maliana**.
c. Cabô **cacholu**.

Em trabalho anterior, Berlinck (1988), avaliando o fator numa escala gradativa de novidade (dado em sentença imediatamente anterior, dado em sentença não-imediatamente anterior, inferível e novo) apresentou resultados interessantes: os valores em termos de freqüência e probabilidade de V DP são mais altos à medida que o referente do DP é relativamente mais novo no discurso.

Assim, essa variável, que diz respeito à função semântica do sujeito, define seu estatuto informacional no contexto discursivo/textual, apontando a relação entre o grau de "novidade" do referente e sua posição na sentença. Como é tradição na literatura funcionalista, assume-se que a tendência é apresentar a informação velha no início da

[90] Veja-se, a propósito, nota 79.

sentença, enquanto a informação nova é, geralmente, situada no espaço pós-verbal. Lira (1982) considerou, a princípio, quatro níveis informacionais; no entanto, entendendo que subdivisões no grau de novidade são irrelevantes, optou, na sua análise, pela oposição dado/novo, tendo os resultados apontado para a maior incidência de VS nas sentenças em que o DP correspondia à informação nova.

Esta pesquisa, por entender que as questões discursivas têm seu lugar no que diz respeito ao fenômeno em estudo, acrescentou à chave de codificação o fator "função semântica do sujeito", com as seguintes variantes: pressuposição, para a informação velha, já referida em contexto anterior; e foco, para a informação nova, introduzida no discurso sem referência anterior. Portanto, neste trabalho, o que não se reconheceu como foco (informação nova), foi classificado como pressuposição. Dessa forma, não se deve entender que todo elemento aqui classificado como pressuposição seja um tópico, mas, sim, que se trata de informação dada, já contida no discurso, uma vez que há muitos usos dêiticos do pronome e que seriam nulos se a língua fosse de sujeito nulo, como por exemplo:

(46) INF: Aí **eu** fiquei com ela anté quando **eu** vim pr'aqui. (CZ01)

Como hipótese de trabalho, espera-se a mais alta freqüência da ordem VS nas construções em que os DPs sujeito detenham informação nova no contexto do discurso.

2.6 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS (VARIÁVEIS SOCIAIS)

Sendo a língua um produto social, estudos variacionistas têm demonstrado que os fatores sociais podem atuar na variação lingüística. Nesta pesquisa, selecionaram-se os seguintes grupos de fatores sociais: a) faixa etária; b) gênero; c) estada fora da comunidade; d) comunidades; e) escolaridade.

2.6.1 Faixa etária

Valendo-se do recurso do tempo aparente para reconstituir a dimensão temporal, esta pesquisa sincrônica busca verificar, através da distribuição da idade dos informantes em três faixas etárias, se o fenômeno sob análise manifesta alguma mudança em curso ou se a variação no uso SV/VS é fenômeno em distribuição complementar.

Assim, os dados foram distribuídos em três faixas etárias:

a) faixa I –20 a 40 anos;
b) faixa II –41 a 60 anos;
c) faixa III –acima de 60 anos.

No caso de se manifestar algum processo de mudança, a hipótese que aqui se coloca é a de que a ordem VS deve ser mais restrita nos dados dos informantes mais jovens, em função da tendência verificada no PB de enrijecimento da ordem SV, enquanto os informantes mais velhos devem apresentar um maior índice de dados na ordem VS.

2.6.2 Gênero

Em relação à variável gênero, foram consideradas as variantes feminino e masculino, levando em conta que as mulheres são mais conservadoras em relação à norma de prestígio, e mais inovadoras quando a mudança se faz em direção à norma padrão.

Observa-se, via de regra, que as mulheres, no meio rural, são mais conservadoras, uma vez que suas atividades se limitam ao trato doméstico e saídas curtas para irem, geralmente, ao médico no centro mais próximo, ao contrário dos homens, que se deslocam mais freqüentemente por períodos de tempo mais longos, geralmente à procura de trabalho. Sabe-se, todavia, que nem sempre essa prática se verifica, em razão de outras situações que se apresentam e se impõem aos habitantes dessas comunidades. De toda sorte, no cômputo geral,

o que se depreende dos relatos nas entrevistas é que as mulheres das comunidades estudadas parecem revelar um comportamento mais conservador do que os homens, de modo que a hipótese formulada é a de que elas façam mais uso da ordem VS do que eles.

2.6.3 Estada fora da comunidade

A inclusão dessa variável se faz necessária, no caso de os resultados apontarem para um processo de mudança. Nesse caso, com esse fator, é possível detectar a origem da variante inovadora, que poderá ter sido implementada na própria comunidade ou introduzida em razão de contato com outros dialetos, como conseqüência de saídas fora da comunidade.

2.6.4 Comunidades

Como já foi salientado, foram selecionadas três comunidades apresentando histórias parecidas, porém não idênticas:

a) Helvécia (HV): é uma comunidade de características crioulizantes, conforme estudos anteriores sobre aspectos peculiares de sua gramática[91], porém, que apresenta grande mobilidade dos seus habitantes do sexo masculino, os quais se deslocam para centros urbanos maiores em busca de trabalho (São Paulo, Minas, entre outros) entrando, desse modo, em contato com usuários de outros dialetos;

b) Cinzento (CZ): como se trata de uma comunidade cujo acesso se torna difícil ainda hoje, dada a sua localização, é possível que práticas lingüísticas mais conservadoras sejam detectadas;

[91] A propósito da questão da concordância de gênero nessa comunidade, consulte-se Lucchesi, 2000.

c) Sapé (SP): nessa comunidade, também em relativo isolamento, pois os habitantes não costumam deslocar-se com freqüência, é possível que se encontrem hábitos lingüísticos resultantes de uma origem de contato de línguas.

2.6.5 Escolaridade

O objetivo da inclusão desse fator foi o de verificar se a escolarização tem alguma influência quanto ao uso mais freqüente de SV ou VS. Amalgamaram-se os três níveis de escolarização inicialmente considerados em apenas dois, analfabeto e semi-analfabeto, pois se constatou que, dos dezoito informantes considerados, ou eram analfabetos, ou tinham aprendido apenas a assinar os nomes, e apenas três deles, classificados como tendo o fundamental incompleto, sabiam apenas ler palavras soltas, soletrando com dificuldade. Portanto, parece que vai haver pouca ou nenhuma diferença quanto ao fenômeno em questão em relação a essa variável.

De referência às variáveis extralingüísticas, é possível que não se encontrem resultados significativos de sua atuação com relação ao emprego da ordem VS nas construções com verbos inacusativos, tendo em vista que parece não se tratar de caso de variação no sentido laboviano.

2.7 O VARBRUL

Uma vez levantados os dados e devidamente codificados de acordo com a chave de codificação contendo os grupos de fatores selecionados, eles foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, com a finalidade de obter sua quantificação, para posterior análise.

O VARBRUL consta de uma série de programas que, por etapas, informam ao pesquisador: a) a freqüência em que as variantes ocorrem segundo os grupos de fatores inicialmente selecionados na pesquisa; b) os contextos relevantes na escolha da variante; c) os pesos relativos relacionados a cada variável independente, com indicação da probabilidade de ocorrência das variantes nos contextos lingüísticos sob análise, tendo em vista o seguinte princípio geral:

> a) valores probabilísticos maiores do que 0,50 favorecem a variante;
> b) valores probabilísticos menores do que 0.50 desfavorecem-na;
> c) valores probabilísticos em torno de 0,50 são neutros, não exercem nenhum efeito sobre ela. (SCHERRE, 1996, p.45).

Esse princípio possibilita ao pesquisador observar o nível da variação e também, se for o caso, o curso da mudança, mostrando qual fator exerce mais influência sobre uma forma ou outra. No caso da ordem nas construções com verbos inacusativos, através da análise dos pesos relativos, pretende-se verificar quais são os fatores lingüísticos e extralingüísticos favorecedores da ordem VS e quais os que a desfavorecem.

2.8 CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo 2, inicialmente, justificou-se a abordagem gerativo-sociolingüística deste trabalho e, em seguida, apresentaram-se as comunidades e os informantes selecionados para compor o *corpus* da pesquisa. Observou-se, então, que se trata de comunidades de afro-descendentes vivendo em relativo isolamento, embora, em alguns casos, há notícia de afastamentos em direção a centros urbanos, por períodos relativamente curtos, salvo exceções, principalmente com o fim de arrumar emprego.

A seguir, passou-se aos comentários das decisões metodológicas tomadas para a descrição e análise dos dados, levantando-se hipóteses a respeito dos resultados a serem

encontrados em cada um dos grupos de fatores (variáveis independentes) atuando sobre o fenômeno em estudo. Algumas questões foram levantadas, a partir de posicionamentos teóricos de autores de trabalhos versando sobre a inacusatividade e a questão da variação na ordem SV/VS; essas questões devem ser retomadas quando da descrição e análise dos dados . Por fim, comentou-se a respeito do pacote de programas VARBRUL, cuja aplicação na quantificação dos dados deve fornecer bons indicadores quanto ao grau de relevância de diversos grupos de fatores atuando sobre o fenômeno.

Assim, na seção seguinte, testando as hipóteses levantadas, proceder-se-á à análise e interpretação dos resultados estatísticos encontrados com a aplicação desse pacote de programas, levando em consideração, em tabelas e gráficos, os resultados apontados pelos programas MAKE 3000 e VARB 2000.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Tendo sido os dados codificados segundo os grupos de fatores selecionados na chave de codificação, foram, a seguir, submetidos à análise quantitativa do pacote de programas VARBRUL, tendo sido usados os programas CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, VARB2000, TSORT e CROSSTAB. Essa análise quantitativa apresentou um resultado estatístico que identificou as variáveis mais significativas e indicou um peso relativo para cada uma das variantes que compõem os diferentes grupos de fatores.

Nos 18 inquéritos selecionados, foram levantados e codificados 1.686 dados de construções com verbos inacusativos[92], de acordo com o grupo de fatores da chave de codificação, submetidos, em uma primeira rodada, à análise estatística pelo pacote de programas VARBRUL. Em seguida, foi realizada uma reavaliação dos dados e dos grupos de fatores, em que foram feitas correções, amalgamadas algumas variantes, excluído o grupo de fatores "sujeito pronominal" e as ocorrências de sujeito vazio, no grupo de fatores "preenchimento do sujeito", por não serem relevantes à análise, e ainda subdivididos os verbos de movimento em dois subtipos, para, então, proceder-se a uma segunda rodada, em que se passou a trabalhar com 1.652 dados, distribuídos nas três comunidades de fala, de acordo com a Tabela 3, abaixo:

Tabela 3
Distribuição dos dados por comunidade

Cinzento	Helvécia	Sapé	TOTAL
673	523	456	1652

[92] Conforme já foi explicitado na seção 2.3.1, não se consideraram as locuções com verbos semi-auxiliares, nem as formas do gerúndio.

Dos 1.652 casos encontrados de construções com verbos inacusativos, a ordem VS foi produtiva em 258 ocorrências, correspondendo a 16% do total do *corpus* analisado. As comunidades apresentaram, cada uma, o seguinte percentual de ordem VS:

Cinzento	18%
Sapé	15%
Helvécia	13%

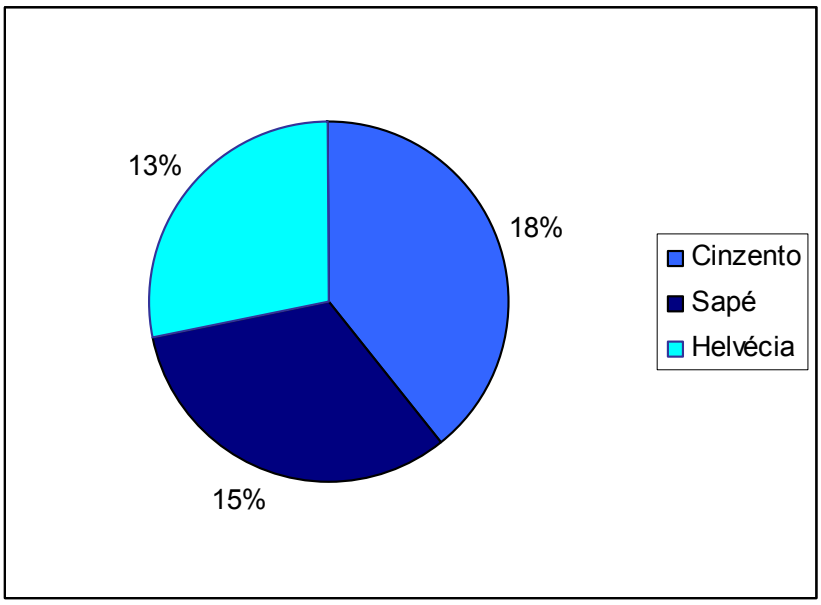


Figura 1: Gráfico 1 – Percentual de VS por comunidade em relação ao total de verbos inacusativos

Como se pode observar, o maior índice de casos de construções na ordem VS é o de Cinzento, seguido de Sapé, ficando o menor percentual com a comunidade de Helvécia, embora, ressalte-se, as diferenças entre eles sejam pouco significativas, tanto que essa variável não foi selecionada pelo programa. São percentuais bastante baixos, considerando o número total de dados encontrados. Isso leva a supor que o emprego cada vez mais acentuado da ordem SV no PB, uma tendência observada em pesquisas anteriores[93], também ocorre nesses dialetos, nos quais, mesmo em construções sabidamente reconhecidas como favorecedoras da ordem VS, como são as inacusativas, ainda assim, a ordem SV tem a preferência, com larga margem de diferença para a ordem VS.

[93] Reveja-se, a propósito, o capítulo 2, seção 2.5.1 e 2.5.5 deste trabalho.

3.1 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

As abordagens desta análise seguem as seleções feitas pelo pacote de programas VARBRUL, na quantificação dos dados. Como já foi comentado acima, no decorrer das rodadas, a fim de serem retirados os KNOCKOUTS, procedeu-se a adaptações, amalgamando-se alguns fatores e excluindo-se outros.

Os resultados encontrados passarão a ser discutidos e avaliados a partir da ordem de seleção feita pelo programa VARBRUL. A seqüência das variáveis lingüísticas selecionadas foi a seguinte:

(i) tipo de sujeito;
(ii) tipo de verbo inacusativo;
(iii) sujeito quantificado;
(iv) função semântica do sujeito;
(v) definitude do sujeito;
(vi) nº de sílabas no sujeito;
(vii) traço semântico animacidade;
(VIII) concordância verbo-sujeito;
(IX) tempo do verbo.

3.1.1 Tipo de sujeito

A primeira variável lingüística selecionada foi tipo de sujeito. Com efeito, o tipo de DP realizado na construção inacusativa, sem dúvida, interfere na organização da sentença, em particular, na ordem sujeito-verbo, verbo-sujeito que se estabelece.

Embora tenham sido selecionados dez fatores para a codificação dessa variável, optou-se por amalgamá-los, reunindo-os em apenas cinco fatores: sujeito em leitura de lista, sujeito simples, sujeito representado por pronome pessoal, por pronome demonstrativo e por pronome indefinido.

Os resultados dessa variável estão representados na Tabela 4:

Tabela 4
A inversão VS segundo o tipo de sujeito

Tipo de sujeito	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. simples	170 / 467	36%	.79
2. pron. demonstrativo	12 / 22	55%	.78
3. pron. indefinido	52 / 102	51%	.76
4. lista	12 / 20	60%	.73
5. pron. pessoal	12 / 1041	1%	.32
TOTAL	258 / 1652	16%	.05

O maior número de ocorrências na ordem VS ficou com o sujeito simples: 170 casos e o maior peso relativo .79, embora a freqüência mais alta tenha sido a de leitura de lista, seguida de pronome demonstrativo e pronome indefinido. Assim, os contextos mais favorecedores da ordem VS, de acordo com essa variável, são os que têm o DP sujeito representado por um sujeito simples (conforme (1)) ou um pronome demonstrativo (como em (2a)) ou indefinido (exemplo em (2b)), ou ainda um sujeito em leitura de lista (como em 2c)). Observem-se, ainda, as diferenças mínimas entre os pesos relativos desses quatro fatores. A seguir, exemplos em (1) e (2):

(1) a. INF: mas de dia vai **as mulé** pescá (HV13)
b. INF: Rapaz, aqui existia **muintas coisa** (CZ03)
c. INF: Quato mês já chega **a seca** (CZ06)

(2) a. INF: comigo mesmo nunca aconteceu **isso** não (HV01)
b. INF: Mas os....mora **tudo** aí tamém, os pessoal (HV04)
c. INF: quando chega aí **o período de julho, agosto, setembro** (CZ03)

Conforme já foi comentado na seção 2.5.2, Coelho (2000)[94] faz referência, em seus dados envolvendo verbos inacusativos, à presença de DPs pós-verbais, realizados sob a forma de sintagmas nominais; essas ocorrências, numa freqüência alta, (65%), apresentam os traços [-animado], [-definido] e [+ pesado].

A análise de Palmiere (2002) da fala infantil, no que se refere ao comportamento das construções com verbos inacusativos, revela, na fala de uma criança no período de dois a quatro anos de idade, que, do total de DPs realizados por um nome, 76% correspondem a estruturas com o sujeito em posição pós-verbal (conforme (3)), enquanto os 24% na posição pré-verbal se encontram em orações encaixadas[95] (exemplos em (4)). Os demais casos de DPs pré-verbais com verbos inacusativos são realizados por pronomes (conforme (5)).[96] Os exemplos que seguem encontram-se em Palmiere (2002, p.130-131):

(3) a. caiu **a caderona**. (N.:2;7.2)
b. caiu **o retratu**.
c. quebô **u cavalu**. (N.: 3;3.23)

(4) a. quando **u papai** chegá (N.:2;7.19)
b. eu achu qui **u papai** chegô. (N.: 3;3.23)

(5) a. eu caí nu chão. (N. 2;8.4)
b. eli morreu.(N.:2;5.13)

Os exemplos em (3), de orações declarativas simples, apresentam DPs realizados por nomes e se encontram em posição pós-verbal; contrariamente, nos exemplos em (4), os nomes estão em posição pré-verbal e se encontram em orações encaixadas; da mesma forma, em (5), os DPs, representados por pronomes pessoais também estão em posição pré-verbal, o que reafirma o favorecimento da ordem SV pelos DPs representados por nomes em orações encaixadas e pelo pronome pessoal.

---

[94] O *corpus* desse trabalho é formado de dezesseis entrevistas realizadas com falantes adultos da cidade de Florianópolis. Veja-se, a propósito, a nota 24, da seção 2.5.2.

[95] De acordo com os exemplos apresentados pela autora, a expressão se refere a orações subordinadas. Nesta pesquisa, o fator tipo de oração não foi selecionado.

[96] De acordo com a autora, de referência à pesquisa por ela realizada na fala de outra criança, no período de dois a três anos, também se registraram os mesmos resultados.

Sobre o fator leitura de lista, considerando-se que é altamente favorável à ordem VS, a ponto de, como se pontuou na seção 3.5.2, licenciar a ocorrência de sujeitos definidos em VS no PB, tornou-se relevante investigar por que algumas construções representativas dessa variante não se realizaram na ordem VS e, sim, SV. Observem-se os exemplos:

(6) a. INF: **Eu mesma mais o pai de Fábio** morô um bocado de tempo. (SP01)
b. INF: **Eu mais eles** ia daqui (HV12)
c. INF: **Eu mais ele** ia**,** pegava o ônibus (HV12)
d. INF: **Minha madrinha mais meu padrinho** morava lá pra cima (HV13)
e. INF: aí lugá que **Durvá mais Ilton** mora ...(HV13)
f. INF:**Minha mãe com meu pai** morreu
g. INF: mas agora, **meus filho, neto**, entra agora, chega aqui, entra dentro de nós dois (HV12)

Verificou-se, então, que se trata de construções de sujeitos coordenados (conforme exemplos em (6a-f)), que foram amalgamadas com as de leitura de lista, interferindo no resultado desta variante, o qual, não fossem elas, seria praticamente categórico na ordem VS. Concluiu-se que coordenação e leitura de lista não são a mesma coisa.

Sobre os casos de coordenação na ordem SV, observou-se o seguinte: a) existe, no DP sujeito pré-verbal da grande maioria das construções, a presença de pronomes pessoais e possessivos, que são fortes condicionadores da ordem SV (conforme (6a-f); b) o exemplo em (6e), com sujeitos coordenados em posição pré-verbal de oração relativa; c) em (6g), pode ser que o uso da vírgula esteja reproduzindo uma pausa, o que levaria à leitura de um tópico e é evidência, de acordo com Kato e Tarallo (1988), de enrijecimento da ordem SV na gramática do PB. Segundo esses autores, o sujeito, no PB, pode estar deslocado à esquerda (7a,b), ou à direita (8a,b), mantendo uma relação de co-referência com um pronome resumptivo vazio ou preenchido, que ocupa a posição Spec,IP:

(7) a. O cliente, Ø já chegou.
b. O cliente, ele já chegou.

(8) a. Ø tá pronto, o vestido azul.
b. Ele tá pronto, o vestido azul.

(KATO; TARALLO, 1988)

Já os pronomes demonstrativos e indefinidos, os primeiros com 55% das ocorrências em VS nos dialetos pesquisados, e os segundos com 51%, apresentam variação na ordem VS/SV, com freqüência mais alta para os casos na ordem VS, o que vem confirmar os resultados obtidos em estudos anteriores, conforme o que foi exposto na seção 2.5.2. É interessante acrescentar aqui que o estudo diacrônico de Berlinck (1988) sobre monoargumentalidade dá conta de um aumento gradual de DPs pós-verbais realizados sob a forma de pronomes demonstrativos e indefinidos carregando o traço [- animado], na passagem do século XVIII para o século XIX, justamente quando se observou um decréscimo acentuado da ordem VS com verbos transitivos.

No *corpus* desta pesquisa, as ocorrências de DPs formados por pronome demonstrativo em posição pós-verbal confirmam que esses DPs apresentam os traços [-definido] e [- animado], pois é sempre o demonstrativo neutro *isso* que é atestado. Observem-se os exemplos em (9):

(9) a. INF: aconteceu **isso**...conteceu demorar um poquinho. (SP06)
b. INF: Onte de noite aconteceu **isso** (SP05)
c. INF: comigo mesmo, nunca aconteceu **isso** não. (HV01)
d. INF: já aconteceu **isso** parece umas duas vez, foi ne Verana (HV04)

Em (9), o pronome demonstrativo *isso* tem uma leitura de evento, [-definida], e vem posposto ao verbo *acontecer*, um verbo de aparição, que expressa a ocorrência de um evento e favorece a ordem VS. Em (10**e**), o único exemplo com *isso* na posição de sujeito anteposto indica uma leitura [+definida] para esse pronome, a de coisa.

Na ordem SV, observaram-se casos de DPs formados por pronome demonstrativo com traço [+animado] e [+ definido], geralmente seguidos de um dêitico (como em (10a)), ou de uma oração relativa numa descrição definida (conforme (10b,c)), ou focalizado contrastivamente, como em (10d), ou, ainda, o demonstrativo *isso* com leitura de *coisa* (referindo-se a uma planta).

(10) a. INF: poque **aquelas aí** morreu. (CZ08)
b. INF: **os que vai pá mata** volta (CZ06)
c. INF: **os que vai pá São Paulo** volta (CZ06)
d. INF**: Esse** morreu! (HV04) (mas os outros não)
e. INF: Ô... **isso** cresce...cresce...cresce....cresce...cresce (HV04)

Exemplos, no *corpus*, de DPs formados por pronome indefinido[97], em construções na ordem SV com verbos inacusativos, são apresentados a seguir:

(11) a. DOC: Mas eles vêm passeá aqui?
INF: M**utcho** vem**...**tem**...mutcho** vem**... mutcho** vão... aqui tem gente que sai pra todo canto que nós nem dá notiça. (CZ09)
b. INF: **uns** vai pá São Paulo, **ôtos** vai pá mata, **ôto** pr'aqui, pr'aculá (CZ06)
c. INF: **uma** mora feitcho aqui, **a ôtra** mora feitcho ali. (SP12)
d. INF: Quando qué fazê uma festa, vai em Caravela, tira licença, aí convessa com o delegado...[...] Aí vai...aí negócio vai, mas se num ir, aí ele sabe que **ninguém** foi lá, né? (HV07)

Observa-se que todos apresentam o traço [+animado] e são, via de regra, construções em que há uma leitura contrastiva: *mutcho vem... mutcho vão* (11a), *uns... ôtos* (11b), *uma ...a ôtra* (11c); ou ainda, sujeitos formados por pronomes indefinidos focalizados, como em (11d).

Nas ocorrências em que o DP sujeito é representado por um pronome pessoal, sabe-se que a regra é a ordem SV, o que já é largamente reconhecido na literatura, conforme já se discutiu no capítulo anterior. Observem-se em (12), os exemplos:

(12) a. INF: **ele** num mora aqui...né, (HV01)
b. INF: E sempre **ele** vem (HV01)
c. INF: Ah, quando **eu** vô, **eu** vô na...no carro, de moto. (SP04)
d. INF: Aí agora **eu** fui lá conversá com ele. (SP05)

Nos exemplos em (12), os DPs sujeitos são representados por pronome pessoal, sempre anteposto ao verbo. Ressalte-se, a propósito, que alguns deles são tema, ou seja, são meros preenchedores da posição de sujeito, como em (12c,d) .

Os resultados obtidos no *corpus* analisado (1.652 dados), revelaram uma freqüência alta de sujeitos preenchidos por pronome pessoal (1041 ocorrências), dentre os quais se

[97] Veja-se, a propósito, a nota 66, da subseção 2.5.2.

encontra o pronome *eu*, de primeira pessoa, mesmo no caso de ocorrer morfologia verbal de primeira pessoa, sem perigo de ambigüidade no reconhecimento da pessoa do referente.

Tudo isso vem confirmar a fase de mudança que, segundo Duarte (2000), entre outros, vem ocorrendo no PB, caracterizada pela perda do Princípio Evite Pronome (CHOMSKY, 1981). Essa perda teria sido provocada pelo enfraquecimento da morfologia de flexão verbal, redundando no preenchimento da posição pré-verbal por sujeitos referenciais realizados foneticamente, como se comentou na seção 2.4.1.

De referência à ordem, como os DPs realizados sob a forma de pronomes pessoais são contextos altamente favoráveis à ordem SV era de esperar que, no *corpus* desta pesquisa, as ocorrências de DPs realizados por esses pronomes fossem mais freqüentes nessa ordem, o que se confirmou, cabendo à ordem VS apenas 1% dos casos encontrados (12 ocorrências), com o menor peso relativo: .32. Esses casos devem, então, ser avaliados. A seguir, em (13), as situações encontram-se exemplificadas:

(13) a. INF: só num foi **eu**. (CZ09)
b. DOC: E tinha quantos irmãos?
INF: Elas era em nove... só... só existe **ela**. (CZ11)
c. INF: Morreu tudo, só existe **ela**.(CZ11)
d. INF: Só morreu **ele**. (HV04)
e. INF: mulé, só mora **eu**, né? (HV01)
f. INF: aí, a gente tava aqui, de repente, chegô **ele aí** com essa cobra na mão. (HV01)
g. INF: aí chegô **ele**, examinô logo, (HV07)

Justificando o emprego pós-verbal do pronome pessoal sujeito, observa-se em (13): a) na quase totalidade dos casos, a presença da partícula focalizadora *só* (em (13a-e)); b) em (13f), o sujeito pesado[98], inclusive ancorado por um dêitico locativo; c) em (13g), pode-se imaginar que o pronome *ele*, posposto, é realizado como um pensamento posterior, um tópico deslocado à direita. Todavia, outra leitura seria possível, questionando-se a posição da vírgula após o pronome e entendendo-se a pausa como tendo ocorrido depois do verbo, uma vez que é

[98] Sobre sujeito pesado, tratar-se-á em 3.1.6.

constante o emprego de *chegô* como marcador conversacional nos relatos orais da fala coloquial do PB e muito freqüente neste *corpus*. A leitura para (13g)[99], aqui repetido como (14), seria então a seguinte:

(14) INF: aí, chegô, ele examinou logo. (HV07)

Em (14), o pronome *ele* é sujeito pré-verbal e *chegô*, um mero marcador discursivo.

Em resumo, a inversão VS, hoje praticamente restrita, no PB, às construções inacusativas, tem relação direta com o tipo de sujeito da sentença. Por conseguinte, constatou-se que os DPs sujeitos formados por sintagmas nominais (sujeitos simples), pronomes demonstrativos e indefinidos, e DPs em leitura de lista, são os favorecedores da ordem VS. Sobre os pronomes demonstrativos, observou-se que, na ordem VS, apresentam os traços [-animado] e [-definido]; ao contrário, na ordem SV, os traços encontrados são [+animado] e [+definido]. Quanto aos pronomes indefinidos, verificou-se a presença do traço [+animado] em todas as ocorrências na ordem SV. Por fim, os pronomes pessoais são grandes inibidores da ordem VS.

3.1.2 Tipo de verbo

A segunda variável lingüística selecionada pelo programa VARBRUL foi tipo de verbo. Essa escolha vem reforçar o entendimento de que a natureza do DP está intrinsicamente relacionada à natureza sintático-semântica do verbo inacusativo, como se verá a seguir, e os resultados obtidos encontram-se na Tabela 5:

[99] Neste caso, desconsiderou-se a vírgula da transcrição.

Tabela 5
A inversão VS segundo o tipo de verbo inacusativo

TIPO DE VERBO	Nº de ocor./TOTAL	Freqüência	Peso Relativo
1. verbos existenciais	24 / 30	80%	**.99**
2. verbos de aparição	43 / 53	81%	**.94**
3. verbos de movimento sem volição	68 / 134	51%	**.74**
3. verbos de movimento intencional	82 / 1127	7%	.46
4. verbos de evento com causa interna	27 / 167	16%	.36
5. verbos existenciais locativos	16 / 146	11%	.32
TOTAL	258/1652	16%	.05

Dentre os tipos de verbos inacusativos[100], os verbos existenciais e os de aparição registraram as maiores freqüências, 80% e 81%, respectivamente, com os maiores pesos relativos, .99 para o primeiro tipo, e .94 para o segundo. Desse modo, são os maiores favorecedores da ordem VS, constituindo fatores quase categóricos de inversão. Também os verbos de movimento sem volição são favorecedores da ordem VS, com freqüência de 51% dos casos e peso relativo de .74. Já os verbos de movimento intencional, com freqüência de 7% das ocorrências e peso relativo de .46, os verbos de evento com causa interna, com 16% de freqüência e peso relativo de .36 e os existenciais locativos, com 11% de freqüência e peso relativo de .32, não favorecem a inversão.

[100] A propósito dos tipos de verbos inacusativos, remete-se para a seção 2.5.9.

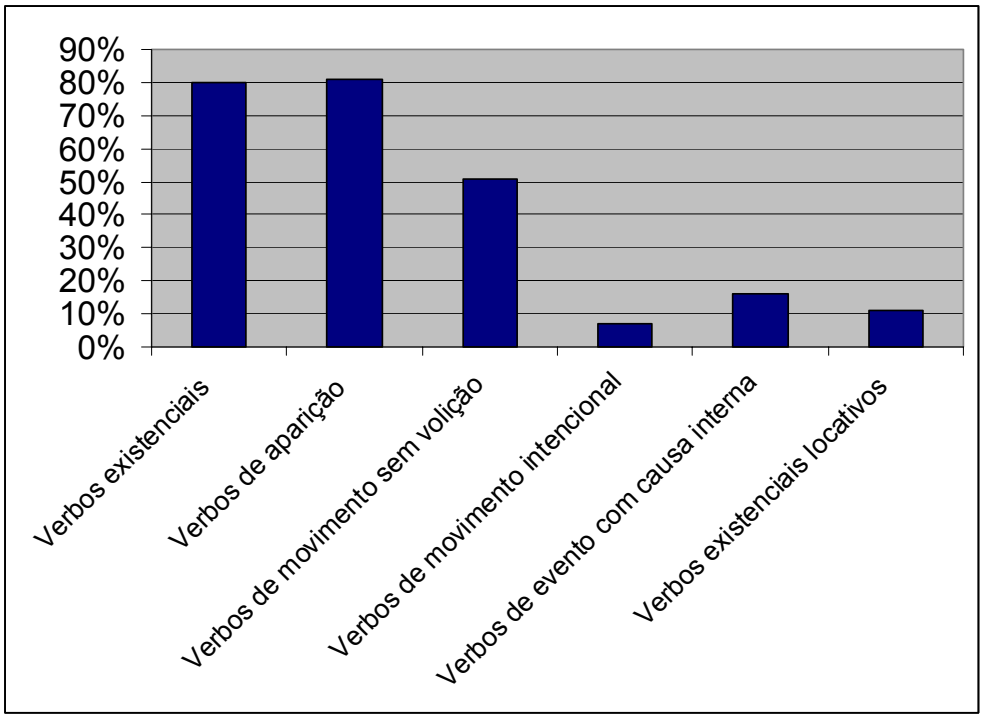


Figura 2: Gráfico 2 – Percentagem de VS em relação a SV segundo o tipo de verbo inacusativo.

Sobre os verbos existenciais no PB, já se observou que, geralmente, têm como argumento único um DP com o traço [-definido] , só admitindo DPs com o traço [+definido] em leitura de lista e de interpretação única, ou formados por pronomes demonstrativos, ou, então, formados por demonstrativo mais nome, o que esta análise veio a confirmar:

(15) a. INF: Rapaz, aqui **existia muintas coisa**...as vez a gente ia pra casa de uma pessoa, jogava um dominó... sempe **ixistia um botequinho aqui**, né? Na cidade chama ba, mas aqui, né? (CZ 03)

b. INF: tinha vez que **fartava uma precata**... , **[o] seu chinelo de i(r) pra escola**, **fartava uma bolsa**...(CZ11)

c. INF: hoje num existe **esse tipo de caçada** mais aqui (HV04)

Em (15a), os DPs têm o traço [-definido]; em (15b), é possível entender o DP definido....*[o] seu chinelo,* em leitura de lista (seguido por *fartava uma bolsa*...), além de apresentar o traço [+ pesado]; em (15c), o DP tem o traço[+ pesado] e é constituído por D + N + PP (esse D é um pronome demonstrativo).

Das raríssimas ocorrências encontradas de verbos existenciais na ordem SV, uma diz respeito ao verbo *existir*, e as demais são construções com o verbo *demorar* (no sentido de *tardar*[101], verbo que denota ausência ou carência), conforme exemplos abaixo:

(16) a. INF: E hoje é...a vez **nem tanto cartão existia...**puraqui, só jogava mehmo por amizade... (CZ03)

b. INF:Aí eu disse que tudo bem, aí quand'eu falei assim: "Olha, **se eu demorá**...passá da hora, vocês diz que já... que o médico já deu ... que a dotôra dela já veio, já deu alta... (HV0

c. INF: Aí tem um padrinho meu que chegô e disse assim: "é, você... você tá bom de vim embora, você vim tomá conta de sua mãe, que sua mãe num pode ficá assim [...] aí "cê vai mas **cê não demora não".** (HV07)

Em (16a), o sujeito está focalizado e reforçado pelo quantificador *tanto.* Em (16 b,c), com o verbo *demorar*, o sujeito é um pronome pessoal, portanto ambientes que justificam a posição excepcional do sujeito nessas construções com verbos existenciais.

Assim, é praticamente categórica a ordem VS com verbos existenciais.

Os verbos de aparição na ordem SV, cujas ocorrências demonstram uma freqüência de 19% em relação aos verbos na ordem VS, apresentam alguns exemplos com o sujeito pronominal (ambientes inibidores da ordem VS), como em (17a,b). Um outro exemplo tem um nome próprio como sujeito (cujos traços [+definido] e [+humano] são mais propícios à ordem SV (conforme exemplo em (17c)):

(17) a. INF: porque **quando ele surgiu aqui**, ele mes' que... (HV12)
b. INF: **Mas 'ocê, 'ocê apareceu** ININT, você, um sem-vergonha! (HV20)
c. INF: e ficô esse tempo tudo **e Milton num apareceu**... (HV20)

Outras ocorrências se apresentam: em oração infinitiva, com sujeito preenchido por pronome demonstrativo (que recebe caso do verbo da oração finita), como em (18a)); ou em oração adverbial anteposta (como em (18b)), com o verbo no tempo presente, referindo-se a

[101] Sobre a classificação desses verbos, remete-se para a seção 2.5.9.

evento habitual; ou em sentença simples no futuro composto do indicativo (como em (18c)), sendo estas duas últimas formas menos propícias à ordem VS, pelo menos considerando-se pesquisa de Palmiere (2002) sobre inacusatividade na fala infantil, que observou a presença categórica do pretérito perfeito e da ordem VS nas construções inacusativas. Observem-se os exemplos a seguir:

(18) a. INF: Aí, de repente, eu vi **aquilo parecê na minha frente**... (HV01)
b. INF: **quando a 'nestegia acaba**, aí a gente começa senti HV04)
c. INF: **alguma coisa vai acontecê** (HV04)

É de se levar em conta, ainda, o fato de que, no PB, é possível ocorrer a focalização do sujeito na posição pré-verbal, com acento enfático sobre o DP realizado, de modo que fica difícil, muitas vezes, verificar esse tipo de ocorrência numa transcrição pronta, sem ter ouvido a fala do informante. Desse modo, nem sempre é possível detectar, com segurança, se determinado elemento se constitui num tópico ou se está focalizado.

Já os verbos existenciais locativos comportam-se diferentemente, sendo mais favoráveis à ordem SV. Exemplos:

(19) a. INF: **Ela** morava em ôto lugá. (SP01)
b. INF: **Mãe** não morava aqui não. (SP01)
c. INF: **Os ôtro parente** mora na lagoa D`´Agua (CZ06)
d. INF: **Minha sobrinha casada** mora lá (CZ06)

Em (19a), é um pronome de terceira pessoa que preenche a posição do sujeito pré-verbal, de modo que a ocorrência não foge à regra dos pronomes pessoais sujeitos na ordem SV. Com efeito, de um total de 146 casos de sujeitos preenchidos nessa ordem, 90 são constituídos de sujeito pronominal, portanto 61% das ocorrências. Em (19b), o DP é [+definido], o que favorece a ordem SV com um verbo existencial locativo. Em (19c), como em (19d), os sujeitos estão em posição pré-verbal numa leitura contrastiva, observando-se, ainda, a

presença, em (19d), de um possessivo [102], elemento pouco freqüente em VS. Verifique-se, a seguir, o contexto em que se inserem as sentenças em (19c,d), aqui repetidas como (20):

(20) INF: Eu tenho muitos parente aqui que mudô daqui den'dessa comunidade, **ôtos mora na Lagoa D'Água**, **ôtos mora no municípi de Lagoa D'Água na região**, **ôtos mora no municipi de ...de...de Caetano**. Tenho cunhado mesmo, um sobrim, **minha sobrinha casada mora lá**.
[...] **Os ôtro mora na Lagoa D'Água**, ave Maria, é mesmo que vê a irmandade, todo mundo dá notiça.

Todavia, é importante salientar que esses verbos apresentam a propriedade de selecionar um complemento PP locativo, o qual pode ocupar a posição pré-verbal nas chamadas frases de inversão locativa. Por conta da inversão, pode ocorrer variação na ordem SV/VS. Desse modo, nas ocorrências em (19), pode-se dizer que, estando o locativo posposto ao verbo, a ordem SV é a recorrente.

Nos casos em que o DP sujeito se encontra posposto ao verbo, é interessante observar a presença das partículas adverbiais *ali, aqui, lá*, antepostas, na configuração x V DP, como nos exemplos seguintes:

(21) a. INF: ah, **ali** mora vó (HV04)
b. INF: **aqui** mora pai (HV04)
c. INF: **lá** mora tio, ali, embaixo, é tio (HV04)

Em (21), há uma lista de elementos, *vó, pai, tio*, contrastados pelos dêiticos *ali, aqui, lá* e o locativo *morar* repetindo-se no presente, podendo justificar-se os sujeitos pospostos com a presença das partículas adverbiais antepostas. De acordo com Coelho[103] (2000), tendo em vista os resultados estatísticos de sua análise sobre a ordem V DP /DP V em contextos monoargumentais, no PB, a presença de um locativo-temporal pré-verbal é relevante para a

[102] Confira-se, a propósito de pronomes possessivos, seção 2.5.2 sobre pesquisas de Lira (1986) e Berlinck (1989).
[103] Coelho (2000), examina o papel dos preenchedores de fronteiras (que podem aparecer antes, no meio e depois dos dois constituintes, sujeito e verbo) e demonstra a importância da presença de elementos antes de V para que ocorra um DP pós-verbal.

ordem V DP nas sentenças inacusativas, sendo essa ordem significativa na fronteira x DP VP. Exemplo em Coelho (p.198):

(22) Aí **lá de dentro** vinha a minha mãe, já botava todo mundo de castigo. (FLP05L568)

Há ainda uma ocorrência em que o locativo se encontra superficialmente posicionado entre o verbo *morar* e o DP sujeito (exemplo em (22). Contudo, o contexto discursivo indica que se trata de um tópico deslocado à direita, com foco no predicado.

(23) INF: É...já [tê] vendido. Nós ficou à toa lá. Meu irmão, qu'era um...que teve aí...que teve papé da terra de finado...[de] meu pai...tudo que morava aí...que teve aí...ele morreu. Esses papé...eles botaro...eu acho que...fogo nesses papé tudo, quand'ele morreu...Porque morava aí ni Helvécia **o me...me...meu irmão mais velho**. (HV13)

Um outro caso de construção com verbos existenciais locativos e ordem VS no *corpus* ocorre com a presença de partícula focalizadora do tipo de *só* (24), além da presença do locativo anteposto em (24b), conforme os exemplos que seguem:

(24) a. INF: Mulé, **só mora eu,** né? (HV01)
b. INF: nessa portêra aqui **só mora parente**, aí (HV04)

Compare-se agora o exemplo em (24a), na ordem VS, com os exemplos em (25), na ordem SV, a mais produtiva com esse tipo de verbo inacusativo, e sujeito representado por um pronome pessoal. Fica evidente que a posposição do pronome pessoal em (24) se deve à presença do elemento focalizador *só*. Observem-se os exemplos:

(25) a. INF: **Eu moro aqui**, mas só vô em Helvécia em ano em ano...quano tem festa.(HV04)
b. INF: **Eu moro aqui**, perto dele (HV04)

Por fim, verificou-se, ainda, a ordem VS, em construções com esse tipo de verbo inacusativo, quando no sujeito aparecem os quantificadores flutuantes *tudo, todo(s)*, como em (26):

(26) a. INF: Mora **todos três** den'de casa ainda (SP01)
b.INF: Os pai mora **tudo** aqui até isso tem (CZ06)
c. INF: Mora **tudo** lá embaixo (SP05)
d. INF: ...E home, mora t**odos** aqui...um casô, mora em Texêra, mas agora ele tá aqui... (HV01)
e. INF: Mas os... mora **tud**'aí tamém, os pessoal... HV04)

Nessas construções, de sujeito formado por pronome indefinido na posição pós-verbal[104], é comum a presença de tópicos deslocados à esquerda, *os pai, e home* (em (26b,d)); ou à direita, *os pessoal...* (em (26e)). Observe-se também, de acordo com Coelho (2000), a posição dos preenchedores locativos no final das sentenças, em posição V DP x.

A propósito dos verbos de movimento, chamou a atenção o fato de certas construções com verbos desse subtipo de inacusativos apresentarem, mais habitualmente, o DP argumento em posição pré-verbal, tal como os verbos inergativos, enquanto outras construções com verbos de movimento, ao contrário, costumam apresentar, com maior freqüência, o DP argumento em posição pós-verbal. Observou-se, então, que, a depender do tipo de DP argumento na posição de sujeito desses verbos, é possível identificar uma ou outra posição mais habitual. Desse modo, passou-se a distinguir, neste trabalho, as construções com verbos de movimento em que há volição do argumento Tema na concretização do evento expresso pelo verbo, e as construções com verbos de movimento em que o argumento Tema que se relaciona com o verbo é inteiramente afetado pelo evento, sem possibilidade de manifestação de volição da parte desse argumento, conforme os exemplos em (27):

(27) a. INF: Porque tarda a esperança **de chegar a energia**. (CZ06)
b. INF: **Daonde sai a goma**? (CZ06)
c. INF: **o pade saiu com ele**, assim, no...(CZ08)
d. INF: **o rapaz chegô aqui** e panhô... (CZ08)

Nos exemplos em (27a,b), os verbos inacusativos de movimento *chegar* e *sair* foram classificados como "verbos de movimento sem volição", porque os argumentos com a função

[104] Nesses dialetos, o emprego dos indefinidos *tudo*, *todo(s)* na posição de sujeito pode ser visto, segundo Dante Lucchesi (em conversa pessoal) como uma estratégia utilizada para suprir a ausência de flexão de concordância verbo-sujeito no plural.

semântica de Tema, *a energia* e *a goma,* não têm qualquer participação volitiva na realização do evento expresso pelos mesmos verbos *chegar* e *sair*, respectivamente. Nos exemplos em (26c,d), ao contrário, esses verbos inacusativos de movimento foram classificados como "verbos de movimento intencional" porque os argumentos com a mesma função semântica de Tema[105], *o pade* e *o rapaz,* têm participação volitiva na realização do evento expresso pelos verbos com os quais se relacionam.

As diferenças estruturais verificadas nas sentenças, no que se refere à ordem VS/SV entre os verbos de movimento sem volição e de movimento intencional, refletem, mais uma vez, a intimidade da relação que se estabelece entre a natureza do DP e a natureza sintático-semântica do verbo inacusativo.

Confirmando os resultados obtidos em Coelho (2000) e Spanó (2002), no *corpus* deste trabalho, os verbos de movimento sem volição apresentaram uma freqüência mais alta de construções na ordem VS, 51%, e peso relativo .74. Já os verbos de movimento intencional, desfavorecendo a ordem VS, apresentaram uma freqüência de 7% de construções nessa ordem e peso relativo de .46. Vale destacar que esse subtipo de verbo é o mais produtivo entre os tipos de verbos inacusativos levantados no *corpus* deste trabalho: são 1.127 verbos de movimento intencional, num total de 1.652 verbos codificados para análise.

Além dos verbos de movimento intencional e dos verbos existenciais locativos, ambos já analisados, também os verbos que denotam evento com uma causa interna, entre os quais se encontram os verbos de mudança de estado (com causa interna), são os tipos de verbos inacusativos que, no *corpus* deste trabalho, representam os contextos menos favoráveis à ordem VS. Observe-se que há uma pequena margem de diferença entre eles, principalmente entre os existenciais locativos e os de evento com causa interna: destes dois últimos, os

[105] Veja-se, a propósito, os comentários em 2.5.9.

primeiros têm freqüência de 16% e peso relativo .36, e os segundos apresentam freqüência de 11% e peso relativo .32.

Desse modo, tornou-se interessante observar, também aqui, os casos de ordem VS, excepcionalmente encontrados com esse tipo de verbo inacusativo. Verificou-se, então, que quase todos os DPs sujeitos têm o traço [-definido], muitos deles representados por um numeral (como em (28b,c)), pelos quantificadores *um*, *pôco*, *ôtro*, *tudo*, *todo,* (como em (28a,b,f,g)), às vezes em leitura contrastiva (como em (28e)), ou por NPs introduzidos por quantificadores (como em (28d,h)), algumas vezes reforçados pelo advérbios focalizadores *só*, *já*. (conforme (28d,g)). Observem-se os exemplos a seguir:

(28) a. INF: a vez se 'doece um, a gente pede um... um socorro (CZ03)
b. INF: Na Lapa, quano morre pôco, morre mile por mês (CZ11)
c. INF: Aí, em Juerama mesmo, já morreu uns três disso (HV04)
d. INF: Já morreu umas pessoa ali. (SP04)
e. INF: aí morreu um e ficô ôtro (SP09)
f. INF: Morreu tudo (CZ11)
g. INF: Já morreu tudo. (HV20)
h. INF: Nasce ôtros tipo de capim (CZ03)

De acordo com Coelho (2000), entre outros, DPs com o traço [-definido] são típicos da ordem VS. Para essa autora (2000, p.86), em uma língua como o português, "se marcarmos um DP pós-verbal com uma leitura [+definida], vamos perceber que a indefinitude torna a sentença melhor". Assim, em princípio, o DP [+definido] só **seria permitido na posição pós-verbal** se fosse deslocado para uma posição na periferia de VP, onde receberia interpretação do tipo informação antiga, geralmente ligada a um corte entonacional[106] (29c), ou uma interpretação de foco contrastivo (cf. (29d)). Exemplos em Coelho:

(29) a. Chegou **um telegrama** para ti, urgente (FLP03L856)
b. ?Chegou **o telegrama** para ti, urgente.[107]
c. (Ele) chegou, **o telegrama**.
d. Chegou **O TELEGRAMA** (não a carta)

[106] Posição conhecida como de tópico deslocado à direita ou antitópico.
[107] De acordo com Coelho (2000, p.103, nota 7), a sentença seria boa caso fosse inserida em um contexto em que houvesse conhecimento compartilhado a respeito de correspondência sendo aguardada. Mesmo assim, ela ficaria melhor sem o PP pós-verbal.

Conforme já foi comentado na subseção 2.5.2, sabe-se ainda que, no PB, como também no PE (SPANÓ, 2002, entre outros), com verbos existenciais, DPs com o traço [+ definido] só se realizam na ordem VS em leitura de lista e de interpretação única e com pronomes demonstrativos no plural ou DPs modificados por pronomes demonstrativos (conforme ainda COELHO, 2000; TAVARES SILVA, 2004).

Quanto aos DPs sujeitos com o traço [+definido], em número de três, são os seguintes:

(30) a. Já foi embora **bisavô, avô, pai...** (CZ06)
b. aí nasceu **esse pé de abóbora aí**, (CZ08)
c. **Só** morreu **ele**. (HV04)

Em (30a) ocorre um sujeito em leitura de lista, portanto típico da ordem VS; em (30b), o DP sujeito é formado por um NP modificado por um pronome demonstrativo seguido do dêitico *aí*, também já observado antes como uma das possibilidades para ocorrência de DPs sujeito pós-verbais com o traço [+definido]; em (30c), o DP é formado por um pronome pessoal marcado pelo advérbio focalizador *só.* Essas evidências podem, pois, justificar as ocorrências de DPs definidos com verbos de evento com causa interna na ordem VS.

3.1.3 Sujeito quantificado

É a terceira variável selecionada pelo programa VARBRUL, depois de tipo de sujeito e tipo de verbo inacusativo. Inicialmente selecionou-se um número muito grande de variantes (vinte variantes, aí incluída a variante "não se aplica") para essa variável, a maioria das quais foi posteriormente amalgamada, como as seguintes: *todo(s) e toda(s)*; *muito* e *pouco*; *muitos, vários, bastante, tanto* e expressão quantificadora. Desse modo, o número de variantes reduziu-se para seis, e os resultados se encontram na Tabela 6, a seguir:

Tabela 6
A inversão VS segundo o sujeito quantificado

Sujeito quantificado	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. com *tudo*	20 / 25	80%	**.89**
2. com numeral	17 / 22	77%	**.88**
3. com *vários*	20 / 25	80%	**.88**
4. com *todo(s)/toda(s)*	12 / 19	63%	**.88**
5. com *algum/alguém*	12 / 20	60%	.43
6. com morfema de plural	18 / 119	15%	.20
TOTAL	99 / 230	43%	.05

O quantificador universal *tudo* é o que mais favorece a inversão, com freqüência de 80% dos casos, e peso relativo de .89, seguido imediatamente, em ordem decrescente, do numeral e dos quantificadores *vários* e *todo(s)/toda(s),* com freqüência variável (de 77%, 80% e 63%, respectivamente) e o mesmo peso relativo, ou seja, 88%. Quanto a *algum/alguém*, embora tenha uma freqüência relativamente alta de VS, 60%, detém o peso relativo de .43, bem abaixo dos anteriores. Por fim, no que diz respeito ao último fator, sujeito com morfema de plural, a variante mais produtiva desse grupo, com 119 ocorrências, observou-se que não se mostrou sensível à inversão, com apenas 15% de freqüência na ordem VS e o peso relativo de .20.

Assim, as expressões quantificadoras favorecem bastante a inversão VS (como em (31a), enquanto o plural morfológico, por si só, não a favorece (como em (31b,c,d):

(31) a. DOC: Mas só...só quem mora den'de casa é tu agora?
INF: Não. Mora **todos três** den'de casa ainda.
DOC: Ué?!
INF: Num saiu **nenhum** ainda não. (SP01)

b. Quando dá [no] tempo da sêca, **essas folha** cai tudo. (CZ03)

c. quando a água vai baxano, **eles** vai embora. (CZ03)
d. mas **as menina** foi. (CZ09

É interessante destacar, nesses dialetos, cuja pobreza flexional verbal já foi devidamente observada na subseção 2.5.3, o emprego do quantificador universal *tudo* no lugar de *todos*, como estratégia de reforço do sujeito no plural. Esse elemento, que aparece também como "*todo*", conforme (33), e é encontrado sozinho, funcionando como sujeito pré ou pós-verbal (como os dois casos em (34) e o caso em (32)), ainda se observa[108]numa posição pós-verbal, afastada do DP sujeito a que se refere, sozinho, dentro do VP, (conforme (35)). Ilustra-se com os exemplos que seguem (de (32) a (35)):

(32) (depois de o INF responder que as mulheres vão todas "ganhar neném" em Planalto, o DOC insiste)
DOC: Quem era a parteira daqui antes de...
INF: Não, aqui não tem partêra não...tem que ir tudo ...agora tem que...tem que vai **tudo** em Pranalto. (CZ09)

(33) INF: [...] a lavôra foi plantada, por hora as primêra já perdeu tudo[109].
DOC: Já perdeu?
INF: Perdeu! Qua a fejão da ranca nascero.
DOC: Hum
INF: No chovêro nasceu **todo**.

(34) DOC: [...] Demora quanto pra dá... por exemplo, fêjão, milho...?
INF: Fêjão é três mês... o mio é cinco.
DOC: Aí quando um num dá...num chove, o ôto dá?
INF: O ôto dá... se num dé um, o ôto dá. Esse ano mesmo, plantemo bastante fêjão na chuva de ôtubro... deu uma chuva aí ante ... temporona ... plantemo os fêjãozinho tudo...aí...mas nasceu**...[tudo** já morreu, sabe?] Num deu mais quase nada.
DOC: Num aproveitô nada?
INF: Não, morreu **tudo**. (CZ11)

(35) INF: os pneu entrava **tudo** den'da terra. (CZ06)

[108] Outra posição encontrada, dentro de um DP plural, que é argumento interno de um verbo transitivo:
(i) INF: plantemo **os fêjãozinho tudo**.
[109] Em "*as primêra já perdeu tudo*", o verbo aí é ergativo, por isso não está entre os dados codificados, mas o uso com *tudo* é o mesmo.

Observe-se, a propósito, a diferença entre as duas ocorrências em (34) no que diz respeito à ordem SV/VS, com o mesmo verbo de mudança de estado com causa interna, o verbo *morrer* e o mesmo sujeito, o pronome *tudo*. Na primeira, o quantificador *tudo* se refere a "*os fêjãozinho tudo*" da sentença anterior, então a leitura que se faz é *"eles tudo*", informação dada (pressuposta), com o sujeito pronominal *eles* não realizado foneticamente, e a informação nova recaindo no predicado (com a presença do advérbio focalizador *já*). Na segunda, estando pressuposto que morreu muita coisa, a informação nova se encontra no sujeito *tudo*. Sobre esse assunto é que se versará adiante, na subseção 3.1.4, quando se tratar da função semântica do sujeito.

A seguir, procedeu-se ao cruzamento da variável tipo de sujeito com a variável sujeito quantificado, para observar as freqüências de uso dos quantificadores, nas ordens VS e SV, em relação aos diferentes tipos de sujeito analisados. Os resultados encontram-se apresentados na Tabela 7.

O pronome pessoal confirmou-se como o grande inibidor da ordem VS, apresentando um total de 94% de casos na ordem SV, portanto quase categórico nessa ordem.

Já a morfologia de plural, por si só, não é produtiva na ordem VS, uma vez que, mesmo ocorrendo em sujeitos quantificados, é mais recorrente na ordem SV, com um total de 85% de casos.

Observe-se o sujeito simples: cruzando com os quantificadores *vários*, *algum/alguém*, *todo(s)/toda(s)* e com numeral, eleva bastante sua freqüência na ordem VS, o que confirma o alto potencial desses elementos como condicionadores dessa ordem. O mesmo já não ocorre com o morfema de plural, que não é um quantificador, como se sabe.

A propósito, sobre a construção na ordem SV, com sujeitos coordenados apresentando morfema de plural, trata-se, na verdade, de um tópico, o que explica essa ocorrência

(apresentada em (36)[110]). O mesmo pode ser entendido para o caso do quantificador *tudo* com sujeito em SV, no exemplo em (37). Observem-se os exemplos:

(36) mas agora, **meus filho, neto**, entra agora, chega aqui, (HV12)

(37) e nosso pessoá **tudo**, mora comigo, né? (HV12)

Tanto em (36), como em (37), é possível interpretar os elementos à esquerda do verbo como tópicos, considerando-se a presença de um expletivo nulo (*ele(s*)) que ocuparia aposição de sujeito pré-verbal (levando em conta a pausa representada pela vírgula).

Quanto às ocorrências com o quantificador *tudo* preenchendo a função de sujeito em construção na ordem SV, são exemplos do caso em (38), com a partícula *já* focalizando o verbo:

(38) a. INF: É.... [tudo] **já** morreu (HV13)
b. INF: Morava aí...Tudo **já** se acabô (HV13)
c. INF: mas nasceu...[tudo **já** morreu, sabe?] Num deu mais quase nada. (CZ11)

[110] Essa ocorrência já foi apresentada em 3.1.1, sobre tipo de sujeito (sujeito em leitura de lista).

Tabela 7
Cruzamento de tipo de sujeito com sujeito quantificado

		Pronome pessoal		Sujeito simples		Leitura de lista		Pronome indefinido		Pronome demonstrativo		Total	
Morf. plural	VS	2	4%	16	31%	0	0%	0	0%	0	0%	18	15%
	SV	46	96%	36	69%	1	100%	14	100%	4	100%	101	85%
	T	48		52		1		14		4		119	
Todo(s)/ Toda(s)	VS	0	0%	7	54%	0	0%	5	83%	0	0%	12	63%
	SV	0	0%	6	46%	0	0%	1	17%	0	0%	7	37%
	T	0		13		0		6		0		19	
Vários	VS	1	100%	15	88%	1	100%	3	50%	0	0%	20	80%
	SV	0	0%	2	12%	0	0%	3	50%	0	0%	5	20%
	T	1		17		1		6		0		25	
	VS	0	0%	12	86%	4	100%	1	25%	0	0%	17	77%

Numeral	SV	0	0%	2	14%	0	0%	3	75%	0	0%	5	23%
	T	0		14		4		4		0		22	
Algum/ Alguém	VS	0	0%	6	75%	0	0%	6	50%	0	0%	12	60%
	SV	0	0%	2	25%	0	0%	6	50%	0	0%	8	40%
	T	0		8		0		12		0		20	
Tudo	VS	0	0%	0	0%	0	0%	20	87%	0	0%	20	80%
	SV	1	100%	1	10%	0	0%	3	13%	0	0%	5	20%
	T	1		1		0		23		0		25	
Total	VS	3	6%	56	53%	5	83%	35	54%	0	0%	99	43%
	SV	47	94%	49	47%	1	17%	30	46%	4	100%	131	57%
	T	50		105		6		65		4		230	

3.1.4 Função semântica do sujeito

A seleção desse fator semântico-discursivo pelo programa VARBRUL, sucedendo três importantes grupos de fatores (tipo de sujeito e de verbo inacusativo e sujeito quantificado), revela sua importância para a ordenação dos constituintes SV/VS na sentença.

Com efeito, na estruturação da sentença, muitas vezes a ordem SVO de uma língua como o português está sujeita a alterações devidas a esse grupo de fatores, entre outros. Tais fatores podem interferir nessa ordem linear, ao se organizarem as informações nas mensagens. Assim, a tendência é a de virem as informações dadas, pressupostas, em primeiro lugar, precedendo a informação nova, o foco; este, recaindo no sujeito da sentença, vai ocorrer em posição pós-verbal, (como em (39)):

(39) a. DOC: E quantas pessoas comeram?
INF: Ó Jorge, foi **bastante gente**, todo mundo aqui do Cinzento tavo e vêi **gente de fora** também. (CZ01)
b. DOC: Só veio um engenhêro?
INF: Aqui vêi **dois,** vêi um aí essa vez e vêi ôtro lá, né? (CZ06)
c. DOC: Ele foi pra São Paulo fazer o quê?
INF: Não tinha como a gente...[...] Conteceu que começou a trabalhar num emprego até bom, mas não deu, saiu, [...]
DOC: E ele foi sozinho?
INF: Foi **um colega dele daqui**.(CZ06)

Nos exemplos em (39), na ordem VS, a ordem básica das construções inacusativas, os argumentos internos (as expressões em negrito) dos verbos inacusativos[111] constituem a informação nova, o foco informacional das sentenças.

Todavia, no PB atual, conforme Kato e Raposo (1996) e Ribeiro (2005) entre outros, é também possível os falantes colocarem o novo na primeira posição, à frente da informação dada, pressuposta, ao organizarem linearmente as informações no discurso. Nesse caso, surgem alterações, podendo ocorrer uma reestruturação sintática da sentença (como em

[111] Um verbo inacusativo de mudança de estado com causa interna, o verbo *morrer*, e dois verbos de movimento, os verbos *chegar* e *ir*.

(40a,b)) ou a presença de um acento enfático (em (40c)) sobre a informação nova[112] (denominada de foco, neste trabalho, e a informação dada, de pressuposição, como já foi definido na seção 2.5.11). Observem-se os exemplos que seguem:

(40) a. INF: AH! Mas... e foi, foi **o caminhão que tinha dado defêto na estrada** que chegô (CZ01)
b. INF: **eu** que num fui ainda, mas preciso de i(r).... (CZ11)
c. DOC: Então, tem ido muita gente pra São Paulo?
INF: Exatamente!
DOC: E num volta mais não?
INF: É, eu acredito que **A METADE** não volta não. (CZ01)

Em (40a,b), na ordem SV, as construções são clivadas, têm o foco informacional introduzido pela expressão (*é)...que.* Já em (40c), também na ordem SV, recai um acento entonacional sobre a informação nova – um foco contrastivo – que inicia a oração: A METADE não volta não (mas a outra metade volta).

No *corpus* da pesquisa, como já foi observado antes (seção 2.3.1), as construções clivadas foram descartadas, justamente pelo fato de se constituírem em estratégia de focalização do sujeito, sempre na ordem SV, portanto.

Assim, verificou-se o peso relativo de .81 para os casos de foco na ordem VS, com freqüência de 52% de ocorrências nessa ordem, enquanto os casos de pressuposição mostraram peso relativo de .42, com 8% de freqüência na ordem VS, conforme a Tabela 8 abaixo, confirmando-se a hipótese de que os DPs sujeitos já referidos no discurso são pouco suscetíveis à posição pós-verbal:

[112] Chama-se foco contrastivo a esse tipo de foco.

Tabela 8
A inversão VS segundo a função semântica do sujeito

Função semântica do sujeito	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. Foco	143/273	52 %	.81
2. Pressuposição	106/1336	8 %	.42
TOTAL	249/1609	15%	.05

Portanto, embora em termos numéricos brutos pareça haver muitos sujeitos pressupostos em VS (106 casos), observa-se que, percentualmente, a ocorrência de pressuposição nessa ordem é baixa (8%) e o peso relativo é pequeno, de modo que a tendência é mesmo ao foco na ordem VS.

Reafirmando o que foi observado em 2.5.11, de que, neste trabalho, entendeu-se como pressuposição tudo que não constitui foco, complementou-se essa análise, observando os casos de DPs com a função semântica de pressuposição na ordem VS. Verificaram-se as seguintes situações:

a) Muitos dos casos encontrados são de DPs formados por sujeitos quantificados (com os quantificadores *tudo*, *vários, nenhum, algum*, etc, ou expressão quantificadora) e, como já se observou, os sujeitos quantificados tendem à ordem VS:

(41) a. INF: vai **tudo**[113] em Pranalto (CZ09)
b. INF: no chovêro nasceu **todo** (CZ09)
c. INF: num vêi **nenhum** (CZ09)
d. INF: foi **um monte de gente** (CZ01)
e. INF: foi **vários carros** (CZ01)
f. INF: mora **tudo** lá embaixo (SP05)
g. INF: Agora, por' aí, fora, por'aí, sempre num dêxa de pintá **algum**, né? (HV04)

b) Alguns casos são de tópicos deslocados à direita (antitópicos):

[113] *Tudo* é um pronome anafórico, sintetizador, na verdade, não dá para fazer uma leitura de pressuposição, nem de foco.

(42) a. INF: Sei que quando vêi, já atendeu em Poções foi dez e mêa da nôtche...**dotôra Sônia** (CZ06)
b. INF: não côbe den'da igreja não, **sete padre** (CZ06)

c) Outros são DPs pesados, que também favorecem a inversão, como em:

(43) INF: Isso já tem muito tempo, que, hoje, eu num...hoje, num...num existe **esse tipo de caçada mais** aqui. (HV04)

d) Muitos deles, ainda, encontram-se em sentenças adverbiais antepostas.[114] Os exemplos que seguem ilustram o caso:

(44) a. INF: **quano vêi a chuva** (CZ11)
b. INF: **quando vem as pessoa de longe**, já vem procurano logo: [...] (HV07)
c. INF: vai cada um numa hora. **Quando vai um de moto,** não vai duas pessoas. (SP01)

e) Há também sujeitos com *isso*, tipo evento, sem leitura específica, e o verbo *acontecer*, como já foi dito em 3.1.1, um verbo de aparição que denota a ocorrência de um evento e é favorecedor da ordem VS, o que elimina a tendência à pressuposição com SV, como em:

(45) a. INF: por'isso *acontece isso* (CZ11)
b. INF: Onte de noite *aconteceu isso*. (SP05)
c. INF: Esse menino que *aconteceu isso* era mêi'...mêi'doido (SP04)

f) Outros, ainda, ocorrem em casos de negação, em que a negação está negando o pressuposto, conforme os exemplos abaixo:

(46) a. INF: e **num** sai dinhêro no tempo (CZ11)
b. INF: hoje **não** enrola festa **nom**, nas casinha. (SP06)
c. INF: **não** sai duas pessoa (SP01)
b. INF: e **não** existe energia (CZ06)

Enfim, há sempre algo condicionando essa pressuposição[115]. No caso de (46a), esperava-se que o dinheiro saísse no tempo certo para o plantio, mas parece que vai demorar; em (46b), a expectativa era de ter festa naquele dia, porque tem sempre festa nas casinhas; em

[114] Uma leitura possível seria entender a adverbial toda como focalizada.
[115] Embora se espere que a negação negue o foco e não o pressuposto, na análise dos conteúdos acima, assumimos que a negação está incidindo sobre toda a pressuposição, segundo os contextos discutidos.

(46c), esperava-se que os irmãos saíssem juntos, mas não dava para irem todos **no carro**; em (46d), a energia está sendo aguardada e não chega.

Para as situações de foco encontradas na ordem SV, observaram-se ocorrências de sujeito focalizado, marcado por partículas focalizadoras (advérbios *só*, *até*, *mesmo, tanto*), ou então em construções em que a partícula *já* se coloca entre o DP sujeito e o verbo. Vejam-se, a propósito, exemplos em (47):

(47) a. INF: **até fogão** foi junto (CZ09)
b. INF: a vez nem **tanto cartão** existia (CZ03)
c. INF: **até sangue** na minha boca vem. (SP05)
d. INF: **os derradêro mesmo** saiu ia dá seis hora (CZ01)
e. INF: **até o dia** manhecê. (CZ09)
f. INF: **uma da gente já mora lá**, né? (HV01)

Outras vezes, ocorrem construções em SV, nas quais um acento entonacional pode estar marcando o DP sujeito focalizado, como no exemplo em (10d), aqui repetido em (48), com transcrição de todo o trecho relacionado:

(48) INF: Aí eles... ia muito gen...muita gente na carreta, ôtos ia sentado no paralama...
DOC: Hum, hum ...
INF: aí num sei... com'é que descuidô lá, ele entrô por debaixo do paralama do tratô, assim, por dentro...
DOC: Hum!
INF: aí o tratô tombô ININT
DOC: Hum!
INF: **ESSE** morreu! (HV04)

Em (48), a leitura que se faz é que *só esse morreu*, em que *esse* é o que "entrô por debaxo do paralama do tratô".

Outros exemplos em (49):

(49) (para ligar o motor da casa de farinha)
INF: e ele tem corrido atrás, e não é só ele não, **EU já fui**, **ELE já foi**, o prefeito, **O SECRETÁRO D'ASSOCIAÇÃO** já foi. E a vida do povo é cobrá, os moradô aqui a vida é cobrá, porque aqui nós somo quarenta e oito associado...nessa associação. (CZ06)

Tanto em (48) como em (49) há uma marca de contraste, podendo-se entender, por exemplo, em (51), que *eu já fui, mas os outros não foram lá*, etc. Nesses casos, seria possível, ainda, reconhecê-los como construções clivadas sem a exteriorização da expressão "é que" que as caracteriza. Exemplificando em (50):

(50) a. Esse é que morreu!
b. Eu é que já fui.

São também recorrentes, no *corpus,* exemplos de sujeitos em enunciados contrastivos, com a ordem SV, expressos pelos pronomes indefinidos *um*, *outro*. Por exemplo:

(51) a. INF: Eu tenho muitos parente aqui que mudô daqui [...], **ôtos mora na Lagoa d'Água, ôtos mora no munícipe de Lagoa d'Água (CZ06)**
b. INF: **uma** vem de uma casa, **ôtra** vem barra a casa (CZ09)
c. INF: **um** passa pra lá, **ôto** passa pra cá. (HV13)

Observou-se, ainda, a presença de construções na ordem SV, com foco no sujeito (informação nova) formado de NPs modificados por pronomes possessivos:

(52) a. INF: **meu pai morreu, minha mãe inda é viva** (CZ06)
b. INF: **minha sobrinha casada mora lá** (CZ06)

No *corpus* da pesquisa, nos casos detectados com esse último tipo de DP sujeito, a ordem encontrada foi sempre SV, confirmando-se o entendimento de que o DP com pronome possessivo é grande favorecedor da ordem SV, independentemente de o DP ter uma leitura de foco ou de pressuposição.

Finalmente, cumpre registrar que se observou um número significativo de orações adverbiais finitas, na ordem SV, introduzindo informação nova no contexto, como em (53):

(53) a. INF: Ela só [brinca] assim **quando as prima dela vem** (HV07)
b. INF: **na hora que a morte chega** ela num ... num escolhe não (CZ03)
c. INF: Ele...minha mãe tomô ele **causa que a mãe dele morreu**. (SP05)
d. INF: **Quando alguém morria** que alguém contava pra ele (SP06)
e. INF: **Depois que finada minha mãe morreu,** (HV13)

Seria o caso, então, de inferir que, em construções desse tipo (introduzidas pela conjunção subordinativa adverbial, a exemplo de *quando*, *na hora que*, *causa que*, *depois que,* nas sentenças acima), a ordem SV é a preferida. Infelizmente, como não se selecionaram tipos de orações, entre os grupos de fatores analisados, não há como conferir esse dado de modo mais consistente.

Verificando-se, no entanto, algumas coincidências entre situações de pressuposição ou de foco nas ordens VS/SV e certos tipos de verbos inacusativos, procedeu-se, em seguida, ao cruzamento do grupo de fatores função semântica do sujeito com o grupo de fatores tipo de verbo, para verificar as relações de interdependência entre eles.

Tabela 9

Cruzamento função semântica do sujeito e tipo de verbo inacusativo

		Movimento intencional		Existencial locativo		Aparição		Evento causa interna		Movimento sem volição		Existencial	
Pressu-posição	VS	30	3%	8	7%	22	71%	7	6%	25	31%	14	81%
	SV	944	97%	103	93%	9	29%	116	94%	56	69%	2	13%
	T	974		111		31		123		81		16	
Foco	VS	49	40%	7	23%	20	95%	19	45%	41	82%	7	88%
	SV	72	60%	24	77%	1	5%	23	55%	9	18%	1	13%
	T	121		31		21		42		50		8	
TOTAL	VS	79	7%	15	11%	42	81%	26	16%	66	50%	21	88%
	SV	1016	93%	127	89%	10	19%	139	84%	65	50%	3	13%
	T	1095		142		52		165		131		24	

Observou-se que as sentenças nas quais o sujeito detém o elemento pressuposto (a informação dada), relacionando-se com verbos de movimento intencional, existenciais locativos e de evento com causa interna,[116] apresentam altos índices percentuais na ordem SV; o contrário ocorre com os verbos existenciais e de aparição (conforme o Gráfico 3), o que confirma os resultados anteriores relacionados a esses tipos de verbos inacusativos (conforme Tabela 5 seção 3.1.2), quanto ao favorecimento da ordem SV, ou VS, respectivamente.

Verificou-se, todavia, que as construções com os verbos de movimento intencional e os existenciais locativos tendem à ordem SV (confira-se no Gráfico 3), mesmo em se tratando de casos com a função semântica foco no sujeito (conforme o Gráfico 4); da mesma forma, as construções com os verbos dos tipos existencial e de aparição favorecem a ordem VS, tanto com pressuposição (ilustrado no Gráfico 3), como com foco no sujeito (de acordo com o Gráfico 4). Já os verbos de movimento sem volição e os de evento com causa interna apresentam-se mais ou menos distribuídos de acordo com a função semântica do sujeito: os primeiros, apresentam freqüência mais alta de SV com pressuposição (Gráfico 3) e bem mais alta de VS com foco (Gráfico 4); os segundos apresentam uma freqüência muito alta de SV com pressuposição (Gráfico 3), e essa freqüência se reduz bastante com foco, embora permaneça maior do que a de VS (Gráfico 4).

A seguir, exemplos em (54) com verbos de movimento sem volição: em (54a), na ordem VS, com foco no sujeito; em (54b), na ordem SV, com sujeito pressuposto. E exemplos em (55) com verbos de evento com causa interna: em (55a), na ordem SV, com sujeito pressuposto; em (55b), na ordem VS, com foco no sujeito:

[116] Quanto a esse tipo de verbo inacusativo, observou-se que é menor a diferença entre os percentuais relativos às ordens SV/VS quando o sujeito é o foco da informação (55% e 45%, respectivamente), se comparada aos resultados obtidos com os dois outros tipos de verbos que favorecem a ordem SV. É provável que outros fatores presentes nas ocorrências tenham interferido para isso, como certos traços presentes em determinados tipos de sujeito, por exemplo, sujeitos [-definidos] e [+pesados], como se verá adiante. O fenômeno é complexo. De qualquer modo, a diferença persiste também com esses verbos de evento com causa interna.

(54) a.INF: tem hora que **vem assim um devê** pa che...(CZ01)
b.INF: **A verba cai** dento dela...a classe, mas...(CZ03)

(55) a. INF: **quand'ela nasceu**, ela ficô logo seis dia internada (HV01)
b. INF: a vez **se 'doece um**, a gente pede um...um socorro (CZ03)

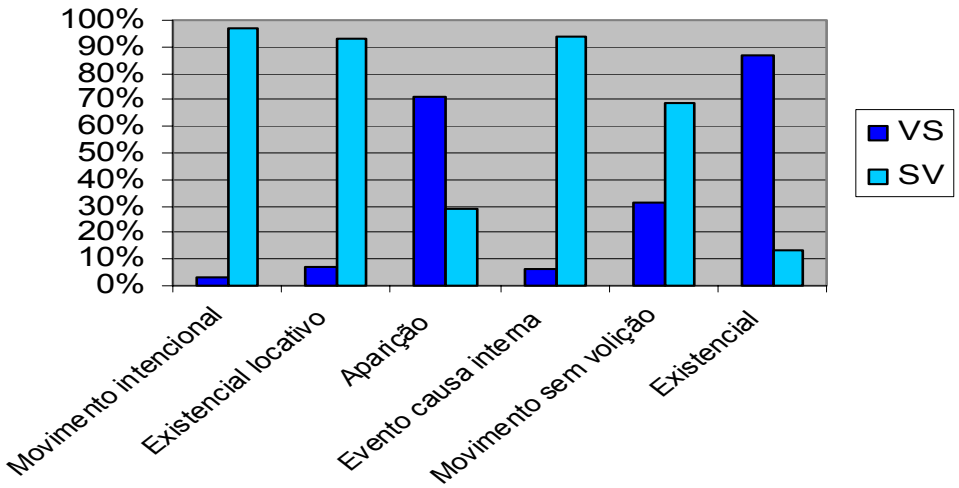


Figura 3 – Gráfico 3: cruzamento função semântica pressuposição e tipo de verbo inacusativo

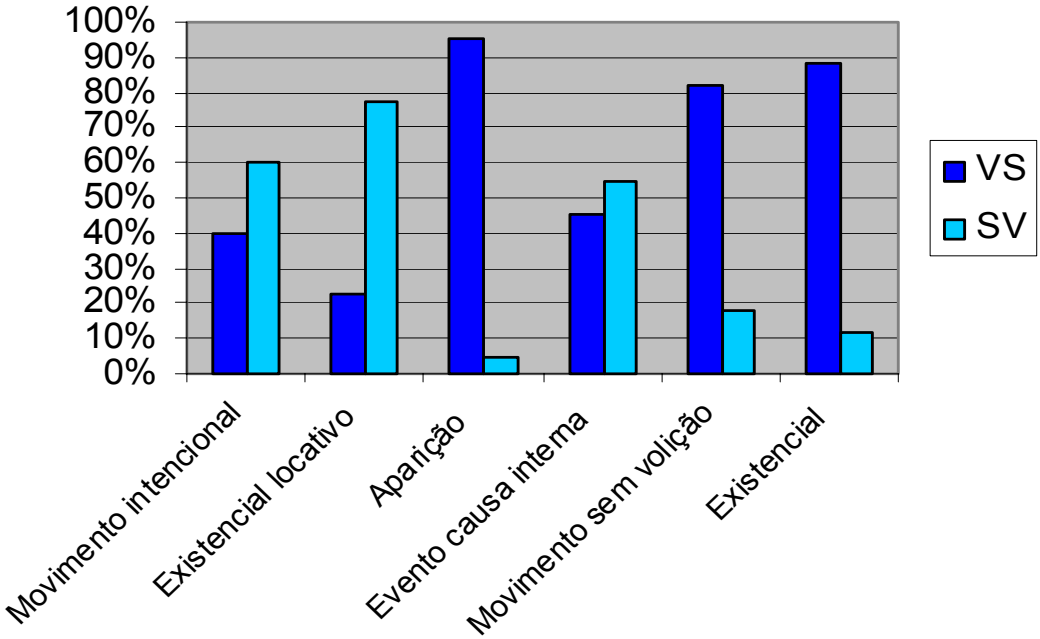


Figura 4 – Gráfico 4: Cruzamento função semântica foco no sujeito e tipo de verbo inacusativo

3.1.5 Definitude do sujeito

Como já foi mencionado no capítulo 2, seção 3.5.6, foram adotados, como hipótese de trabalho, resultados de pesquisas (Berlinck, 1988; Coelho, 2000; Spanó, 2002), segundo os quais o traço semântico [-definido] do DP sujeito é favorecedor da ordem VS. Nessa ordem, que é quase categórica com verbos existenciais, só ocorrem DPs sujeitos com o traço [-definido], em construções com esse subtipo de verbos inacusativos, podendo, todavia, encontrarem-se DPs com o traço [+definido] se for em leitura de lista ou de interpretação única, ou ainda se os DPs forem formados por pronomes demonstrativos ou por NPs modificados por pronomes demonstrativos. Os dados do *corpus* deste trabalho, submetidos à análise percentual do programa VARBRUL, apresentaram os seguintes resultados, conforme Tabela 10 abaixo:

Tabela 10
A inversão VS segundo a definitude do sujeito

DEFINITUDE DO SUJEITO	Nº DE OCORR./TOTAL	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
1. indefinido	168/374	45%	**.75**
2 genérico	18/69	26%	.48
3. definido	84/1243	7%	.42
TOTAL	270/1686	16%	.06

Tais resultados demonstram que o sujeito com o traço [- definido] favorece a inversão VS, em função de ser usado na primeira menção, o que geralmente requer algum realce, que pode ser dado pela inversão. Apresentando freqüência de menção do referente, 45% e peso relativo de .75, é seguido, bem abaixo, pelo sujeito com o traço [+ genérico], com freqüência

de 26% de casos e peso relativo de .48, e, por fim, o DP com o traço [+ definido], que tem 7% de freqüência, para peso relativo .42. na ordem VS.

A propósito dos casos de DPs genéricos em construções na ordem VS, observou-se a presença, na maioria das ocorrências encontradas, dos seguintes verbos inacusativos que favorecem essa ordem: verbos de existência e de aparição (como em (56)) e verbos de movimento sem volição (como em (57)), relacionados a DPs, na sua maioria, com o traço [-animado], como em (56a) e (57) :

(56) a. falta **água** (CZ01)
b. no tempo do inverno, aparece **mais cobra** (CZ03)

(57) a. numa época que saiu **rádio a pilha** nas primêras casa aqui (CZ03)
b. onde sai **o pão de cada dia** (CZ06)

Em (56a), o DP é representado por um nome massivo[117], *água*, com o traço [-animado] relacionado ao verbo *faltar*, um verbo de existência que exprime ausência, carência. Em (56b), é um verbo de aparição, *aparecer*, que se liga a um DP [+animado], *cobra*, representativo dessa espécie animal. Já em (57a,b), são verbos de movimento sem volição que mantêm relação com DPs de traço [- animado], na ordem VS.

Outros casos, com verbos de movimento intencional, tipo de verbos mais afeito, portanto, à ordem SV, referem-se a DPs de traço [+ animado] que são informação nova, o foco da sentença (com as partículas focalizadoras *só*, *já* antepostas ao verbo), como nos exemplos em (58). Por fim, vale destacar, ainda, na ordem VS, os casos de quantificadores universais em DPs sujeitos, que podem ser interpretados numa leitura partitiva (em 59), adotando-se a análise de Sportiche (1988) para os quantificadores flutuantes no francês, mais tarde corroborada por Enç (1991), no seu estudo sobre a semântica da especificidade:

[117] São nomes não contáveis que não podem designar partes singulares de conjuntos e são mais dificilmente pluralizáveis do que os nomes contáveis (conforme DUARTE, I. ; OLIVEIRA, F., 2003, p.219).

(58) a. INF: aqui só vai **os home**. (CZ09)
b. INF: "oi, já vem **a negada do Sapé**" (SP01)

(59) a. DOC: E aqui, as menina aqui que inda ganhô neném puraqui mesmo ou vão pra Planalto?
INF: **Vai todo pá Pranalto**. (CZ09)

b. DOC: Quem era a partêra aqui antes de..
INF: Não, aqui num tem partêra não ... [...]...**vai tudo em Pranalto** (CZ09)

Em (58), o foco informacional no DP sujeito pode justificar a ordem VS. Em (59), o quantificador *tudo* numa leitura partitiva[118] também pode explicar a ordem VS dessas construções. A leitura partitiva, então, seria a seguinte: não são todas as meninas grávidas do mundo, mas somente cada uma das meninas grávidas de Cinzento é que vai ter criança em Planalto[119].

Por fim, observou-se o maior uso do tempo presente nas construções em que o DP tem o traço [+genérico], tanto na ordem VS (como (55a,b), (56b), (57a,b), (58a,b)), quanto na ordem SV, indicando a habitualidade dos eventos, como em (60):

(60) a. INF: Hora que galo canta a primêra vez **eles sai tudo**, (CZ09)
b. INF: **nem passo num...num passa de um lado a ôto**![120] (HV20)
c. INF: **o fêjão só cresce no chão**... (CZ09)
d. INF: quano dá um mormaço, **eles sai pr'um lugá limpo**, esquentá sol (CZ06)
e. INF: **novembo até dezembo a chuva vem** (CZ09)
f. INF: **sapo também sai** quano chove (CZ06)
g. INF: **que o sarampo vorta**....(CZ09)

Chama-se, ainda, a atenção para a estreita correlação entre a definitude e certos tipos de sujeito (analisados em 3.1.1), em favor da ordem SV, entendendo-se por que o traço

[118] De acordo com a proposta de Belletti (1988), como já se observou.
[119] Em *Tous les enfants ont vu ce film*, a leitura é partitiva, entendendo-se que não foram todas as crianças do mundo que viram o filme, mas que cada uma das crianças, num certo contexto, viu o filme. (Sportiche, 1988, p.426). Essa leitura partitiva justificaria o emprego de quantificadores universais na ordem VS, no PB, tendo em vista que o Efeito de Definitude, proposto por Belletti (1988) para explicar a atribuição de caso partitivo ao DP pós-verbal, excluiria os quantificadores universais, entendidos como de leitura genérica.
[120] Em (61b) *passo* refere-se a *pássaro*, no sentido de que nem pássaro atravessa de um lado a outro do rio, de tão largo que ele é.

[+definido] tem a ver com os sujeitos formados por pronome pessoal[121], demonstrativo e possessivo, além de nomes próprios.

Concluindo, pode-se afirmar que DPs sujeitos com traço de indefinitude favorecem a ordem VS, ao contrário dos DPs definidos, que são grandes favorecedores da ordem SV, embora outros fatores possam alterar essas tendências (como o tipo do verbo inacusativo, por exemplo).

3.1.6 Número de sílabas no DP sujeito

Sabe-se que DPs sujeitos mais extensos, isto é, mais pesados, tendem a sofrer a inversão VS, o que é geral nas línguas que admitem esse tipo de movimento. Assim, os sintagmas [+ pesados], que são formados por DPs modificados ou coordenados, contêm muito material fonético que os força a se mover para o final da sentença.

Embora essa tendência não seja uma particularidade dos verbos inacusativos, é importante avaliar seu alcance neste *corpus* e sua relação com as outras variáveis aqui estudadas.

Desse modo, submetido esse grupo de fatores ao programa VARBRUL, obtiveram-se os seguintes resultados, conforme Tabela 11:

[121] Os pronomes pessoais dêiticos *eu* e *tu* não pressupõem discurso anterior, sua especificidade se explica à luz da pragmática. (Coelho, 2000).

Tabela 11
A inversão VS segundo o número de sílabas no sujeito

Nº de sílabas no sujeito	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. acima de 6 sílabas	39 / 283	14%	**.79**
2. 6 sílabas	16 / 584	3%	**.72**
3. 5 sílabas	62 / 470	13%	**.61**
4. 2 sílabas	46 / 70	66%	.50
5. 1 sílaba	43 / 149	29%	.49
6. 3 sílabas	32 / 68	47%	.46
7. 4 sílabas	18 / 35	51%	.34
TOTAL	256 / 1659	15%	.05

Os resultados encontrados, que vão, proporcionalmente ao número de sílabas, em uma ordem decrescente, do peso relativo mais alto, .79, ao mais baixo, .34, comprovam ser o peso do componente fonológico do DP sujeito fator condicionador da ordem VS. Tais resultados, segundo Coelho (2000, p.168), devem refletir "um princípio de formação de sentença, através do qual a ordem linear é sensível ao tamanho do constituinte: os mais pesados tendem a se mover para o final da sentença".

Conforme ainda Coelho (2000), entre as construções inacusativas encontradas no *corpus* do trabalho dessa autora, aquelas construções com verbos de movimento intencional (verbos do tipo GO [+ação] para Coelho) apresentam um resultado quase categórico na ordem SV, devendo os poucos casos na ordem VS estar sendo condicionados pela massa fonética dos sintagmas, enquanto as construções existenciais são as únicas que tendem à ordem VS, mesmo em contextos com sintagmas [-pesados]. Conferindo os resultados da Tabela 5 (tipo de verbo, seção 3.1.2), observa-se que coincidem com os acima citados por Coelho, o que vale dizer que a extensão da massa fonológica do DP sujeito é fator determinante de sua

posição em relação ao verbo, na sentença, podendo os DPs pesados ter sua posição pós-verbal reforçada com a presença de outro fator favorecedor dessa posição, como em:

(61) a. INF: é vinha **o meu sobrinho** atrás de mim. (HV07)
b. INF: chegô **os mais velho, ti' dele....(**CZ11)
c. INF: morreu **uma irmã dela** em Conquista lá, mais véia do que ela (CZ11)

Em (61a), um verbo de movimento intencional (verbo *vir*) seleciona um DP [+definido], formado por um NP modificado por um pronome possessivo (*o meu sobrinho*). Tudo isso favoreceria a ordem SV, no entanto a massa fonológica desse DP pesado, em uma estrutura V DP PP, reforçada pelo fato de esse DP se constituir em informação nova no discurso, certamente levou à estruturação da sentença na ordem VS. Em (61b), outro verbo de movimento intencional, o verbo *chegar*, e, em (61c), um verbo de mudança de estado com causa interna, o verbo *morrer*, ambos verbos que não favorecem a inversão, apresentam DPs pós-verbais que, além de pesados, são o foco informacional (informação nova) dos discursos em que se inserem. Observe-se em (61c) a estrutura V DP PP similar a (61a), em que o PP é um preenchedor de fronteira[122] Esses casos evidenciam a fortíssima correlação entre sentenças inacusativas e interpretação locativa.

3.1.7 Animacidade do sujeito

De referência a essa variável, selecionada entre as relevantes para a caracterização da ordem VS, os resultados confirmam que o traço [- animado] é típico do DP pós-verbal[123], conforme a Tabela 12 exemplifica:

[122] Sobre preenchedores de fronteira, veja-se nota 11.
[123] Há um paralelo desse traço [-animado] com o sujeito nulo e o apagamento do objeto, que também são favorecidos por esse traço.

Tabela 12
A inversão VS segundo o traço semântico animacidade do sujeito

Animacidade do sujeito	N° de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. traço semântico [- animado]	131 / 220	60%	**.69**
2. traço semântico [+ animado]	127 / 1431	9%	.47
TOTAL	258 / 1651	16%	.05

Pode-se afirmar, pois, que o traço semântico [- animado] favorece a ordem VS. Todavia, vale ressaltar que a animacidade é um dos traços especificados pela grade temática do verbo, daí que, como já foi salientado por Berlinck (1989, p.104), "sua relevância não é própria, mas derivada dessa relação". Assim, há verbos cujos argumentos devem ser normalmente [+animados], como os intransitivos *trabalhar* e *sorrir*, por exemplo, ou os inacusativos *adormecer* e *acordar*[124], enquanto outros podem selecionar argumentos animados ou inanimados, com ou sem volição na realização do evento expresso pelo verbo. É o caso das construções com verbos inacusativos de movimento que podem revelar, da parte do DP selecionado com a função semântica de Tema, um movimento com volição (62a) ou sem volição (62b). Como foi comentado na seção 1.5.1, segundo a Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos (Cançado, 1995, 2003), com esse tipo de verbo inacusativo, é o traço semântico animacidade do sujeito que vai condicionar a função semântica a ele atribuída pelo verbo inacusativo de movimento: o argumento animado é o *desencadeador* do processo (como em (62a,c)), com ou sem controle sobre ele, enquanto o argumento inanimado é apenas *afetado* por ele (conforme (62b,d)):

(62) a. INF: **eu** fui na cidade uma vez, lá em Botafogo (HV01)
b. INF: **esse trem** aqui foi pra trás... (HV01)

[124] Coelho (2000, p.171) destaca a possibilidade de DPs [-animados] aparecerem em construções intransitivas e inacusativas de tipo GO[+ação] – que aqui corresponderiam mais ou menos às de movimento intencional – realizando-se como metonímia, ou seja, como instituições representando o agente da ação que o verbo expressa. Por exemplo: *Aí o Instituto de Educação desfilava em peso* (FLP24L760).

c. INF: Minha mãe, **ela** chegô por aqui moça, era [de]... era gaviãozêra. (HV11)
d. INF: Quando vêi **a chuva de novembo**... saiu **essas vaginha de resto de chuva de dezembo**... aí que.. (HV11)

Cruzando-se o grupo de fatores [+animado] e [-animado] com o grupo função semântica do sujeito, obtiveram-se os seguintes resultados, conforme Tabela 13 a seguir:

Tabela 13
Cruzamento de animacidade com função semântica do sujeito

		Mais animado		Menos animado		TOTAL	
Pressu-posição	VS	46	4%	60	46%	106	8%
	SV	1159	96%	70	54%	1229	92%
	Total	1205		130		1335	
Foco	VS	77	41%	66	80%	143	52%
	SV	113	59%	17	20%	130	48%
	Total	190		83		273	
TOTAL	VS	123	9%	126	59%	249	15%
	SV	1272	91%	87	41%	1359	85%
	TOTAL	1395		213		1608	

Os resultados confirmaram a previsão de que os sujeitos pressupostos com o traço semântico [+ animado] não favorecem a ordem VS, ao contrário, são quase categóricos na ordem SV, com 96% de freqüência, como também constituem a grande maioria dos casos (1159 casos) em que foi possível detectar os traços sob análise.

Quanto aos 4% na ordem VS, observou-se que há muitos casos de sujeito quantificado, como vai ilustrado nos exemplos em (63):

(63) a. INF: É, num vei **nenhum**. (CZ09)
b INF: e home, mora **todos aqui**. (HV01)

c. INF: gente vai na praia... vai **tudo**, né? (HV13)
d. INF: Mas nasceu **todos doi....(**SP09)

Em (63a), o sujeito está representado pelo quantificador *nenhum*; em (63b), observa-se a presença de um tópico à esquerda, *home,* e do quantificador flutuante *todos*, em posição pós-verbal[125]; em (63c), é o quantificador *tudo*, também pós-verbal; em (63d), observa-se, na posição de sujeito, a presença do numeral *dois*, precedido do quantificador *todos*.

De referência às ocorrências de foco com sujeito inanimado, também se verificou o favorecimento da ordem VS, com 80% dos casos. Já o foco no sujeito animado apresentou percentual um pouco maior na ordem SV**,** 59%, para 41% em VS. Como se pôde verificar, decorre, muitas vezes, da presença de partículas focalizadoras, como em (64a), ou, como no caso de (64b), de um NP modificado por pronome possessivo, ou, então, de um foco contrastivo (como em (64c,d)).

(64) a. INF: **os derradêro mesmo saiu** ia dá seis hora (CZ01)
b. INF: **meus irmão quase num saía** (CZ01)
c. INF: **eu já fui** (CZ06)
d. INF: **ele já foi**, o prefeito (CZ06)

Em face do que foi observado, conclui-se que a presença do traço [-animado] no DP propicia uma maior freqüência de VS nas sentenças, justificando a seleção dessa variável para a caracterização dessa ordem.

Constata-se também que, quando outros fatores vêm juntar-se a esse traço, podem reforçar a tendência à ordem VS, como é o caso dos traços [- definido] e [+pesado]. Ao contrário, podem alterá-la para SV, em casos em que se somam os traços [+ definido] e [- pesado], bem como em estratégias de focalização do DP.

[125] Exemplo já apresentado em (26d), subseção 3.1.2. Observe-se, a propósito, o comentário então feito, bem como a nota 13, relacionada ao caso. Acrescente-se aqui a possibilidade de uma leitura em que se entenda a presença de um *pro* expletivo anteposto ao verbo na posição de sujeito. A leitura seria: *e home, eles mora todos aqui*.

3.1.8 Tempo do verbo

Essa variável, a última selecionada pelo programa VARBRUL, apresentou um nível de significância (.055) ligeiramente além dos padrões aceitáveis em termos de cálculo estatístico (.050) , mas não chegou a ser excluída.

Inicialmente, foram definidos os seguintes fatores: indicativo simples e composto, subjuntivo simples e composto, imperativo e infinitivo. Posteriormente, foram amalgamados: subjuntivo simples, composto e imperativo, tendo em vista o número reduzido de casos encontrados no subjuntivo composto e também no imperativo. Depois de os dados codificados terem sido submetidos ao pacote de programas VARBRUL, os resultados encontrados são os seguintes, conforme Tabela 14:

Tabela 14
A inversão VS segundo o tempo do verbo

Tempo do verbo	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. indicativo simples	235 / 1523	15%	**.74**
2. indicativo composto	7 / 67	10%	.51
3. subjuntivo/imperativo	4 / 29	14%	.35
4. infinitivo	16 / 40	40%	.17
TOTAL	270 / 1685	16%	.05

Da leitura da Tabela, constata-se que o infinitivo é um fator desfavorecedor da ordem VS, com peso relativo .17, possivelmente por conta da ação da preposição, que atribui caso ao sujeito e requer adjacência para os sujeitos definidos. Dos casos encontrados em VS, citam-se

ocorrências de sentenças adverbiais (65) ou então de substantivas cujos DPs são pesados ou se constituem no foco informacional (66):

(65) INF: chuva **de corrê água**. (CZ09)
(66) a. INF: ni jornal, eu tenho visto **passá corrida de argolinha nos ôtos canto** (CZ11)
b. INF: num espera **vim um de fora pá casá** (SP09)

Em (67) e (68), observa-se que as sentenças na ordem VS apresentam DPs genéricos e indefinidos.

Por sua vez, o indicativo composto (67a), o imperativo (obviamente) e o subjuntivo ((67b,c) respectivamente) também não favorecem a inversão. O indicativo simples, com peso relativo .74, o mais alto do grupo, parece favorecer a inversão. Exemplos, em (67), de ocorrências desses tempos na ordem VS, observando-se os DPs pesados:

(67) a. INF: Mas só que, nesse dia, eu num tava aí não, **poque tinha morrido uma tia minha** (SP01)
b. INF: **Vá lá a sua parte aí** e cá, o meu.. .(SP12)
c. INF: **se cai(r)**[126] **uma semente no meio da ININT ali...** (CZ11)

De acordo com Palmiere (2002), a ordem VS é quase categórica com esses verbos, quando flexionados no pretérito perfeito. De modo contrário, com verbos inergativos, prevalece o presente do indicativo e o progressivo, que, por sua vez, são raros nas construções inacusativas (p.151-153). Desse modo, a autora conclui que o pretérito perfeito e a ordem VS são indicadores de inacusatividade.

(68) a. caiu o relógiu (N.: 3; 4.3)[127]
b. caiu tudo (T. 2;2.27)
c. caiu a caderona! (N.:2;2.27)

(69) a. egô cainhu (T.2;0.18)
b. cabô cacholu (T.2;3.11)
c. chegô u dois (T,2;4.11) (PALMIERE, 2002)

[126] Conforme transcrição encontrada no banco de dados. Há outros exemplos em (CZ11) com os verbos no infinitivo, como:
(i) um mal estrada pá sai (r) da [barrinha]
(ii) [ele] no sai(r) de uma lagoa de uma aberta,
[127] T. é Tiago, entre 2;0 e 3;0 anos de idade; e N. é Natália, entre 2;0 e 4;0 anos de idade.

Verificando-se, então, no *corpus* desta pesquisa, as construções com verbos inacusativos na ordem VS[128], confirmou-se a maior ocorrência desses verbos no pretérito perfeito simples do indicativo, em comparação às marcas flexionais do presente do indicativo, por exemplo, embora estas últimas também sejam bastante freqüentes. Nos 270 casos de construções inacusativas na ordem VS levantadas neste *corpus*, há um percentual de 39% de ocorrências (106 casos) de pretérito perfeito (como em (70a)), para 36% de freqüência (98 casos) no presente do indicativo (como em (70b)), de modo que não se pode afirmar que o pretérito perfeito seja indicador de construção inacusativa na fala adulta de um dialeto rural afro-brasileiro. Observem-se os exemplos em (70):

(70) a. Quando...aí daqui **chegô** todo mundo, que **foi** vários carro.(CZ01)
b. a vez, se '**doece** um, a gente pede um ... socorro (CZ03)

O que se pôde verificar foi que, nas narrativas de eventos ocorridos, as formas do pretérito perfeito simples são as mais recorrentes, em relação às demais. Quando o informante se reporta a eventos habituais, sem dúvida o presente do indicativo é a forma escolhida. A seguir, apresentam-se exemplos, na ordem SV, colhidos em trechos de entrevista com uma informante da comunidade de Cinzento (Inquérito 01) sobre uma viagem à Lapa:

(71) a. Aí, nós **foi** de caminhão!
b. e a gente **subia** nas escada, né,...
c. pois quande gente **vai** pa Lapa, gente **vai rezano** né,?
d. E, aí, quano a gente **chegô** lá, que a gente **disapiô** do...todo mundo **disapiô** do caminhão,
e. Aí, eu nunca **tinha ido**,
f. essas peda num **vai desabá** de lá pra cá ni riba de você
g. gente **subia** assim,
h. A¡, quane **foi** doze hora, nós **saiu** da gruta. (CZ01)

[128] Como, na codificação dos dados, não houve seleção de tempos verbais, e sim de modos, separando-se, apenas, formas simples e compostas do indicativo e do subjuntivo, além do infinitivo e do imperativo, só foi possível identificar a freqüência dos tempos presente e perfeito do indicativo, posteriormente, nos 270 casos de verbos inacusativos na ordem VS, já que, na ordem SV, o número de ocorrências é excepcionalmente maior. Isso, todavia, não deve interferir no que se pretende observar, uma vez que não se está conferindo maior incidência de pretérito perfeito na ordem VS em relação à ordem SV).

Nesses trechos, como se pode constatar, há formas de pretérito perfeito simples (*foi, chegô, disapiô*), imperfeito (*subia*), presente (*vai*), futuro composto (*vai desabá*) e mais-que-perfeito composto do indicativo (*tinha ido*), além do progressivo (*vai rezano*), e a ordem predominante em (72) é SV.

Procedendo ao cruzamento dessa variável com a variável função semântica do sujeito para observar a interveniência desse segundo grupo de fatores sobre o primeiro no que diz respeito à ordem SV/VS, os resultados são os seguintes:

Tabela 15
Cruzamento de função semântica com tempo do verbo

		INDICATIVO SIMPLES		INFINITIVO		INDICATIVO COMPOSTO		SUBJUNTIVO		TOTAL	
PRESSU-POSIÇÃO	VS	97	8%	4	7%	0	0%	5	19%	106	8%
	SV	1130	92%	56	93%	22	100%	22	81%	1230	92%
	Total	1227		60		22		27		1336	
FOCO	VS	129	51%	2	40%	4	80%	8	100%	143	52%
	SV	126	49%	3	60%	1	20%	0	0%	130	48%
	Total	255		5		5		8		273	
TOTAL	VS	226	15%	6	9%	4	15%	13	37%	249	15%
	SV	1256	85%	59	91%	23	85%	22	63%	1360	85%
	Total	1482		65		27		35		1609	

Como já foi comentado, os sujeitos pressupostos favorecem a ordem SV em altíssima freqüência e em todos os tempos e formas levantados no *corpus* (indicativo simples e composto, infinitivo e subjuntivo (aí amalgamado o imperativo), observando-se ainda que: não há ocorrência de sujeito pressuposto em VS no indicativo composto; das baixas freqüências em VS, a mais alta em relação às demais é a do subjuntivo (19%). Verificaram-se,

então, os casos de subjuntivo em VS e se encontraram inúmeros exemplos, como os que seguem:

(72). a. se **vinhé** ôtro /empréstimo/ eu encaro de novo. (CZ03)
b. Assim que **entrá** a quaresma, quarta-feira de cinza, (HV07)
c. Se **acontecê** uma briga e **facilitá**, eles bate. (SP01)
d. Se **chegá** um, num pode matá um (HV07)
e. mas se **vim** argum, a gente vai fazê o quê? (SP04)

Trata-se de ocorrências de orações adverbiais na ordem VS, com os verbos no futuro do subjuntivo, que parece favorecer essa ordem, diante de DPs, geralmente, indefinidos.

Já a informação nova, o foco no sujeito favorece a ordem VS, também em todos os tempos e formas dos verbos inacusativos levantados, observando-se que: nas formas do subjuntivo, não há ocorrência da ordem SV; no indicativo simples, a diferença percentual entre as ordens VS e SV é a menor, sem dúvida em razão de ocorrências com sujeito pré-verbal focalizado (com foco contrastivo ou em casos de clivadas sem "é que"), construções que são muito comuns no PB atual, como em (73):

(73) a. INF: **até eu mesmo** 'inda caio no meio ainda (HV12)
b. INF: **Esse** morreu![129] (HV04)
c. DOC: Só tem você de mulher?
INF: Só...só...só é **eu só**, mas **ôta** morreu. (CZ08)

Conforme se pôde verificar, as evidências comprovam a importância desse fator semântico-discursivo na organização da sentença, em particular, no que diz respeito à variação na ordem VS/SV.

[129] Exemplo apresentado em (10d) e (48a).

3.1.9 Concordância verbal

A propósito da concordância entre o sujeito e o verbo, o trabalho de Silva (2003) sobre essa questão num *corpus* do português afro-brasileiro já observa que os verbos a que chama de "ergativos" não favorecem a aplicação da regra de concordância[130].

Como já foi salientado na seção 2.5.1, uma provável explicação para a ausência de concordância sujeito-verbo na ordem VS diz respeito ao fato de o falante parecer não reconhecer como sujeito o DP posposto ao verbo. Todavia, também na ordem SV, não é freqüente a concordância sujeito-verbo nos dialetos populares falados do PB. Isso vale dizer que a questão tem a ver com a perda da morfologia de concordância em virtude da mudança no sistema pronominal da língua**.** Desse modo, com essa variável, procurou-se observar o papel do verbo inacusativo na concordância, em particular na concordância de número, apesar de, na codificação dos dados, ter sido observada a morfologia de primeira pessoa no verbo (conforme a seção 2.5.1, exemplo (14)).

Submetidos os dados levantados e codificados à aplicação do pacote de programas VARBRUL, obtiveram-se os seguintes resultados, de acordo com a Tabela 16:

Tabela 16
A inversão VS segundo a concordância sujeito-verbo

Concordância sujeito-verbo	N° de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. não-concordância	69/302	23%	.64
2. concordância	1/331	1,5%	.37
TOTAL	70/633	11%	.05

[130] Dos 95 casos de verbos "ergativos" (denominação dada pelo autor) selecionados no *corpus* dessa pesquisa, apenas 8 foram pluralizados, representando 8%do total, conforme o autor.

Confirmou-se o esperado, isto é, a ordem VS não favorece a concordância verbal. Na verdade, a única ocorrência de concordância de número verificada refere-se a um DP representado por um coletivo, que vai reproduzido a seguir em (74):

(74) INF: aí **chegaro esses pessoal** que tem mais, como se diz, mais podê no mêi do ININT. (HV12)

Observe-se a presença do morfema de plural no demonstrativo que modifica o coletivo: *esses pessoal.* Em outras ocorrências desse coletivo, no *corpus*, o morfema de plural está sempre presente no determinante, *os pessoal*, podendo tratar-se de emprego isolado desse coletivo no plural pelos falantes[131], ou ser alguma tendência, nesses dialetos, à pluralização de coletivos.

A propósito, Silva (2003, p.158), no seu trabalho sobre concordância verbal em três dialetos rurais afro-brasileiros, observa que "o fator a mostrar maior influência na pluralização do verbo foi o lexical[132], isto é, a idéia de coletivo", valendo dizer que "um vocábulo sem marca de plural, mas com idéia de plural levou o verbo, na maioria dos casos em que apareceu, para o plural". Desse modo, no caso relatado por Silva, não há marca de plural no DP com idéia de plural, o qual, ainda assim, leva o verbo ao plural, como no exemplo a seguir:

(75) A nova geração tão animado (CCV6-02) (SILVA, 2003, p.158)

Quanto aos casos de concordância na ordem SV, é recorrente a pluralização do verbo com um pronome pessoal sujeito, como em (76), sendo raros os casos de concordância verbal com DPs formados por nomes, o que foi computado em apenas duas ocorrências (conforme 77) :

[131] É possível, ainda, que se trate de alguma tendência, nesses dialetos, à pluralização de coletivos.
[132] Silva (2003) compara três fatores: quantificador, mórfico e lexical.

(76) a. INF: aí **a gente**[133] **vamo** pra lá direto (CZ03)
b.INF: aí a amiga minha que **nós moravum** junto (CZ01)

(77) a. INF: quano **os japonês viero**, (HV04)
b. INF: que **uns menino vêm** (CZ01)

Observe-se, a propósito, que o caso em (77b) deixa margem a dúvidas, podendo tratar-se de um engano da transcrição, na oitiva do verbo *vir* na 3ª pessoa do indicativo presente.

Há, ainda, dois casos interessantes, de emprego do verbo no plural, referindo-se a DPs no singular. Em (78a), observe-se a pausa depois do DP, que fica topicalizado, e o pensamento é retomado com o verbo no plural, como se referisse aos *pés de feijão* que nasceram (haveria, então, na posição de sujeito, o expletivo *pro*, não realizado foneticamente). Em (78b), o DP, formado pelo quantificador *muito,* é repetido na segunda oração, mas, ao que parece, só nesta o verbo permite perceber foneticamente o plural, numa forma de maior saliência fônica[134]. A transcrição, no singular, do verbo *vir*, na 3ª pessoa do indicativo presente em (78b), deve reforçar a análise dessa forma, transcrita no plural, em (77b):

(78) a. INF: que a fejão da ranca ...**nascero** (CZ09)
b. INF: mutcho vem[135], mutcho **vão** (CZ09)

Concluindo, os resultados colhidos no *corpus* deste trabalho[136] praticamente confirmam a não-concordância verbal na ordem VS, que é quase categórica. Observou-se, ainda, que a concordância na ordem SV tem como favorecedor o pronome pessoal.

---

[133] No que se refere ao emprego de *a gente* como pronome pessoal, há variação na concordância do verbo que ora fica no singular, ora vai ao plural.

[134] Segundo o princípio da saliência fônica proposto por Lemle e Naro (1977), quanto maior for a diferença mórfica entre a forma flexionada e a forma não-flexionada, maior será o grau de marcação da categoria gramatical. Para Naro (1981), esse princípio norteia a variação singular/plural na terceira pessoa dos verbos portugueses, notadamente no PB.

[135] Aqui é o mesmo problema de oitiva do exemplo em (78b).

[136] Sobre as sentenças com sujeito nulo, *pro*, e verbo no plural[136] não se tratará neste trabalho, que diz respeito à questão da ordem SV/VS.

3.2 AS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS OU SOCIAIS

Das variáveis extralingüísticas codificadas, só foram selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL as variáveis escolaridade e estada fora da comunidade, excluídas, como irrelevantes, as variáveis faixa etária, gênero e comunidades.

Das duas primeiras, a escolaridade apresentou resultado percentual e peso relativo mais altos para os alfabetizados quanto ao maior emprego da ordem VS, em relação aos analfabetos (conforme Tabela 17), enquanto a variável estada fora da comunidade detectou favorecimento da ordem VS pelos informantes que não saíram da comunidade por um período de tempo igual ou superior a quatro meses[137] (Tabela 17):

Tabela 17
A inversão VS segundo o traço escolaridade

Escolaridade	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. alfabetizados	149 / 807	18%	**.59**
2. analfabetos	109 / 845	13%	.41
TOTAL	258 / 1652	16%	.05

Assim, parece que aqueles com algum letramento fazem mais inversão, o que, de certa forma, não era esperado, tendo em vista a tendência hoje observada no PB ao emprego da ordem SV. Os números obtidos na Tabela 17 podem entender-se como contraditórios em relação àqueles da Tabela 18, que segue. Todavia, não se esperavam resultados significativos em relação a essa variável, não só por não haver diferenças expressivas entre alfabetizados e analfabetos no que tange à escolarização (como se destacou na subseção 2.6.5), como também

[137] De acordo com o informante do Inquérito nº 03, da comunidade de Cinzento, suas permanências em São Paulo, em número de três, foram por um período de quatro a cinco meses.

pelo fato de, ao que parece, as ordens SV e VS não constituírem, propriamente, um caso de variação socialmente estratificada, mas um fenômeno em distribuição complementar.

Tabela 18
A inversão VS segundo a estada fora da comunidade

Estada fora da comunidade	Nº de ocorr./Total	Freqüência	Peso relativo
1. Não	166 / 882	19%	**.58**
2. Sim	92 / 770	12%	.41
TOTAL	258 / 1652	16%	.05

Os resultados obtidos na Tabela 18 demonstram que quem nunca saiu da comunidade faz mais inversão.[138] Assim, seria o caso, talvez, de se entender, em linhas gerais, como uma situação dos falantes dessas comunidades rurais afro-brasileiras, vivendo em relativo isolamento? Esses resultados refletiriam, portanto, situação anterior à tendência mais atual, observada no PB hoje, de preenchimento da posição de sujeito, a ponto de se afirmar que o PB está se tornando uma língua *não-pro-drop,* ou ainda, *semi-pro-drop*[139]. De toda sorte, o entendimento é o de que a questão da ordem SV/VS com os verbos inacusativos não parece constituir-se num caso de mudança em curso, o que os resultados contraditórios vieram reforçar.

Quanto às demais variáveis sociais (já enumeradas), conforme salientado, em razão da insignificância dos pesos relativos – todos próximos da média, .50 – não foram selecionadas

[138] Haveria alguma relação com a questão da aquisição do português como língua materna? Pesquisas sobre a fala infantil (Figueira, 1985, Whitaker-Franchi, 1989, Palmiere, 2002), como já se observou, verificaram que é quase canônica a posição pós-verbal do argumento único dos verbos inacusativos, e os poucos casos na ordem SV são de sujeitos representados por um pronome. Também neste *corpus*, as ocorrências na ordem SV são majoritariamente de DPs representados por pronomes pessoais. Para Figueira (1985), a predominância da ordem VS reflete uma tendência da criança em preservar a ordem SVO, quando não há agente expresso no evento, por conseguinte a criança estaria evitando ocupar a posição de sujeito com um constituinte que não se refere ao agente.

[139] Sobre essa questão, consulte-se Duarte (1993,1995) e Nicolau (1995), entre outros.

pelo programa. Assim, esses resultados não têm relevância, mesmo porque, se tivessem, não haveria como explicar o condicionamento sintático das variáveis.

De acordo com os resultados obtidos segundo a variável faixa etária (Tabela 19), os mais velhos fazem mais inversão, seguidos dos mais jovens, enquanto aqueles de faixa etária intermediária usam menos VS; de referência ao gênero (Tabela 20), os homens fazem mais inversão do que as mulheres; finalmente, em relação às comunidades (Tabela 21), a de Cinzento utiliza mais VS do que a de Helvécia, seguida da comunidade de Sapé.

Tabela 19
A inversão VS segundo a faixa etária dos informantes

Faixa etária	Nº de ocorr./Total	Freqüência
1. 20 - 40	85 / 514	17%
2. 41 - 60	77 / 656	12%
3. 61 - 85	96 / 482	20%
TOTAL	258 / 1652	16

Tabela 20
A inversão VS segundo o gênero dos informantes

Gênero dos informantes	Nº de ocorr./Total	Freqüência
1. masculino	117 / 991	21%
2. feminino	141 / 661	12%
TOTAL	258 / 1652	16%

Tabela 21
A inversão VS segundo as comunidades

Comunidades	Nº de ocorr./Total	Freqüência
1.Cinzento	119 / 673	18%
2. Helvécia	69 / 523	13%
3. Sapé	70 / 456	15%
TOTAL	258 / 1652	16%

Assim, a ordem VS nos verbos inacusativos não apresentou uma distribuição nítida na estrutura social das comunidades de fala analisadas. As únicas variáveis sociais selecionadas pelo programa – escolaridade e estada fora da comunidade – exibiram resultados contraditórios. Não se observou um quadro de mudança em direção à ordem SV na distribuição das ocorrências pelas faixas etárias. Isso reforça o entendimento já expressado de que a questão da variação na ordem SV/VS com os verbos inacusativos não reflete uma situação de mudança, mas, sim, de condicionamento a fatores sintáticos e semântico-discursivos.

4 CONCLUSÃO

Os resultados estatísticos obtidos através da análise quantitativa dos dados fornecem algumas evidências sobre a ordem VS e a variação SV/VS nas construções com verbos inacusativos, nos três dialetos rurais afro-brasileiros.

A primeira variável lingüística selecionada pelo programa VARBRUL foi tipo de sujeito. A análise dos fatores selecionados nesse grupo revelou que os contextos mais favorecedores da ordem VS, seguindo a ordem de maior incidência, são os que têm o DP sujeito representado: por um sujeito simples, por um pronome demonstrativo, por um pronome indefinido e por um sujeito em leitura de lista, com diferenças mínimas entre os pesos relativos desses quatro fatores.

Em relação aos sujeitos pronominais, observou-se, também, que os pronomes pessoais e possessivos, ao contrário, são grandes favorecedores da ordem SV, enquanto a ordem VS é mais recorrente com sujeitos quantificados por numerais e quantificadores universais. Além disso, chamou a atenção a freqüência alta de sujeitos preenchidos por pronomes nominativos de primeira pessoa, mesmo no caso de realização da morfologia verbal de primeira pessoa, quando não há possibilidade de o sujeito nulo provocar ambigüidade no reconhecimento da pessoa do referente. Isso talvez revele a tendência ao preenchimento da posição de sujeito e ao enrijecimento na ordem SV, mesmo com verbos inacusativos.

Confirmou-se, também, que os verbos existenciais (*stricto sensu*) são quase categóricos no condicionamento da ordem VS, e os DPs selecionados apresentam o traço [-definido], de modo que esses verbos só admitem DPs com o traço [+definido] em situações especiais de leitura de lista e de interpretação única, ou de DPs formados por pronomes demonstrativos (geralmente no plural), ou ainda por DPs cujo núcleo é um pronome demonstrativo.

Já os verbos existenciais locativos e os de movimento intencional, principalmente, são grandes favorecedores da ordem SV. Essa ordem preferencial pode vir a ser alterada, entre outras situações, por exemplo, no caso de o DP sujeito ser o foco informacional, (geralmente reforçado com a presença de partículas focalizadoras do tipo de *só*, *até, mesmo*). Tal fato demonstra a relevância do grupo de fatores função semântica do sujeito, no estudo da ordem SV/VS com verbos inacusativos.

Ilustram essa relevância inúmeras ocorrências, encontradas ao longo do *corpus*, de construções na ordem VS por força desse traço semântico, em situações nas quais a ordem SV seria a esperada. É o caso, por exemplo, de ordem VS com um verbo existencial locativo ou de movimento intencional, em que o sujeito focalizado está preenchido por pronome pessoal (tanto o verbo existencial locativo, como o pronome pessoal são condicionadores da ordem SV). Ao contrário, se o sujeito é o elemento pressuposto, a informação dada, a ordem SV, é a mais encontrada.

Cumpre observar, todavia, que, no cruzamento de tipo de verbo inacusativo com função semântica do sujeito, no cômputo geral, certos tipos de verbos mantiveram sua tendência para SV ou VS, tanto com sujeito pressuposto, como com foco no sujeito (Gráficos 3 e 4). Isso revela a importância da natureza do verbo em sua relação com o argumento interno que seleciona, para a questão da ordem SV/VS, em sua complexidade.

De toda sorte, a interferência de certos fatores conjugados pode reforçar ou alterar determinados condicionamentos da ordem, em função do tipo do verbo ou da natureza do DP sujeito. Citem-se, por exemplo, os quantificadores *vários*, *alguns*, *todo(s), toda(s), tudo e* do numeral , que aumentam a freqüência de sujeito simples em VS.

É também o caso do DP com o traço [+ pesado], condicionador da ordem VS, de tal modo que a extensão da massa fonológica do DP é fator determinante da sua posição em relação ao verbo na sentença. Assim, DPs pesados tendem a ocupar a posição pós-verbal,

mesmo no caso de verbos cujos DPs ocupam a posição pré-verbal de forma quase categórica (como os verbos de movimento intencional ou os existenciais locativos).

Outros fatores que se mostraram favorecedores da ordem VS foram os traços [-animado] e [- definido] do DP. Sobre o primeiro, vale lembrar sua importância na identificação do verbo de movimento sem volição, distinguindo-o do verbo de movimento intencional, que mais se adequa a um DP [+definido] e [+ animado], ao qual é possível associar a idéia de volição. Pode-se concluir, então, que a conjunção dos traços [-definido] e [-animado] no DP sujeito induz à ordem VS. Associando-se a eles o traço [+ pesado], a ordem VS é a favorecida.

Ainda a propósito do traço [+animado], que favorece a ordem SV, foi possível observar, neste *corpus*, que sujeitos pressupostos com o traço [+animado] são quase categóricos nessa ordem.

Outro grupo de fatores lingüísticos abordado neste trabalho foi o tempo do verbo. Verificou-se, então, que as formas do indicativo simples são as mais recorrentes entre os verbos inacusativos selecionados, apresentando um peso relativo alto na ordem VS, embora sua freqüência seja baixa, 15%, em relação à ordem SV. Observou-se, ainda, a freqüência mais alta, na ordem VS, de uso do pretérito perfeito simples, embora o emprego de formas do presente (entre outras encontradas) também tenha sido bastante recorrente, ao contrário do que foi verificado por Palmiere (2002), na fala infantil.

Quanto à concordância sujeito-verbo em VS, que não era esperada em dialetos rurais afro-brasileiros, assim como em geral nos dialetos do PB, chamou a atenção a ocorrência de um verbo inacusativo concordando, no plural, com um DP coletivo a ele posposto e empregado com morfema de plural no determinante desse DP: *os pessoal* . Sendo essa a única ocorrência, nada mais pode ser dito sobre a questão.

Passando para as variáveis sociais, as duas únicas selecionadas pelo programa VARBRUL, estada fora da comunidade e escolaridade, apresentaram resultados assimétricos: a) os que se ausentaram da comunidade usam mais a ordem SV do que os que nunca saíram; b) os semi-alfabetizados empregam mais VS do que os analfabetos.

Considerando que os estudos nos dialetos urbanos mostram a tendência à ordem SV, seria de esperar que essas variáveis, no que se refere a (a) e (b), apontassem para uma mesma direção, a ordem SV, tendo em vista a tendência do PB atual ao enrijecimento dessa ordem, que poderia ser incrementada por aqueles que se deslocaram para estudar ou para trabalhar nos centros urbanos, onde a mudança se processa, geralmente, de forma mais acelerada, enquanto comunidades rurais mais isoladas tendem ao conservadorismo (não seria uma mudança de gramática, que tem a ver com aquisição, mas uma mudança nos hábitos lingüísticos dos falantes).

Dentre as outras variáveis sociais, a faixa etária também não correspondeu ao que era esperado: os mais jovens e os mais velhos usam mais a ordem VS do que aqueles da faixa etária intermediária, de modo que não há indícios de mudança em progresso, quanto ao enrijecimento da ordem SV, como é apontado no parágrafo anterior. Por sua vez, as comunidades não apresentaram diferença percentual significativa entre elas. Observando as tabelas 18 e 20, tem-se a impressão de que a comunidade de Cinzento, por ser uma comunidade mais isolada, apresenta freqüência mais alta, embora com diferença percentual mínima, de emprego da ordem VS em relação à de Helvécia, cujos moradores saíram mais, para trabalhar em outras regiões, o que favoreceria o contato com outros dialetos e o uso da ordem SV. No entanto, a comunidade de Sapé, pelas mesmas razões de Cinzento, também deveria apresentar percentuais mais altos de ordem VS, o que não ocorreu.

Na verdade, há aí dois movimentos contrários: de um lado, a ordem VS, a forma básica dos verbos inacusativos; do outro, a tendência do PB atual a uma ordem SV, resultante

das profundas alterações que se verificaram em seu sistema pronominal, levando a um enfraquecimento das marcas morfológicas do verbo no que diz respeito à identificação de pessoa, o que a sócio-história da língua pode explicar.

Portanto, confirma-se a hipótese antes formulada de que a variação na ordem SV/VS nos verbos inacusativos é um fenômeno de ordem estrutural.

REFERÊNCIAS

AMBAR, M. M. (1992). *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. 1992. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. (1997). A relevância dos processos de pidginizaçãoe crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Lingüísticos e Literários:* EDUFBA, Salvador, n.19, p. 65-84.

BELLETTI, A. (1988). The case of unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, vol. 19, n. 1, p.1-34.

BERLINCK, R. A. (1988). *A ordem VSN no português do Brasil*: sincronia e diacronia. 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
_____. (1989) A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F (Org.). *Fotografias sociolinguísticas.* São Paulo: Pontes; UNICAMP. p. 95-112.

BURZIO, L. (1981) *Intransitive verbs and auxiliaries.* 1981. Tese. (Doutorado). Michigan Institute.
_____. (1986) *Italian syntax*. A government-binding approach. Dordrecht: Kluwer Academic Publishing Company.

CANÇADO, M. (1995) *Verbos psicológicos*: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional. 1995. Tese. (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
_____. (2000) O lugar da semântica em uma teoria gramatical. *Estudos lingüísticos*, n. 29, p. 67-78.
_____. (2002) Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL,* São Paulo, Humanitas/Contexto. Número Especial: Em memória de Carlos Franchi.
_____ . (2003) Hierarquia temática: uma proposta para o PB. *Revista Letras*, n. 61, p. 60-62.
_____ . (2005) *Posições argumentais e propriedades semânticas*. Manuscrito.

COELHO, I. L. (2000) *A ordem VDP em construções monoargumentais*: uma restrição sintático-semântica. 2000. Tese. (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications.

CÔRTES JR., M. S. (2006) *Clivadas e pseudo-clivadas*: um estudo de suas realizações estruturais no português rural afro-brasileiro. 2006. Dissertação. (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COSTA, J. (2001) Postverbal subjects and agreement in unaccusative contexts in European Portuguese. *The linguistic Review*, v. 18, p. 1-17.
_____. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (2003a). In: On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics. *GLOW Workshop on Information Structure in Generative Theory vs. Pragmatics*, University of Lund., p. 1-18.
_____. (2003b) N*ominal and verbal agreement in Portuguese*: an argument for distributed morphology. Lisboa: [s.n.]. p.1-35.

DIXON, R. M. W. (1994) *Ergativity.* Cambridge: Cambridge University Press.

DOWTY, D. R. (1979) *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: D. Reidel
_____. (1989) On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. In: CHIERCHIA, PARTEE; TURNER. (Ed.) *Properties, types and meaning:* studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues. Daordrecht: Kluver. p. 69-129
_____. (1991) Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, v. 67, p. 547-619.

DUARTE, Inês. (2003) A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS et al. (Org.) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
_____.; OLIVEIRA, Fátima. (2003) Referência nominal. In: MATEUS et al. *Gramática da língua português*. Lisboa: Caminho.

DUARTE, M. Eugênia L. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. IN: ROBERTS, I. e KATO, M. (Org.) *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP.
_____. (2000) The loss of the "avoid pronoun" principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Ed). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana. p. 17-36.
_____. (2003) O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org). *Português brasileiro*: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro; 7 Letras. p. 123-131.

DUARTE, Yara. (1993) A hipótese inacusativa e as evidências do português. *D.E.L.T.A*. , vol. 9, n.1, p. 31-58.

ELISEU, A. M. G. S. (1984) *Verbos ergativos do português*: descrição e análise. Trabalho de síntese – Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

ENÇ, M. (1991) The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, vol. 22 (1), p. 1-2,.

FERREIRA, A. B. de H. (1999) *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FIGUEIRA, R. A. (1985) *Causatividade:* um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança. 1985. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996) *A posição sujeito no português brasileiro*: frases finitas e infinitivas. Campinas: UNICAMP.

FRANCHI, C. (1975) *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. 1975. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
_____. (1994a) *Anotações sobre a teoria generalizada dos papéis temáticos*. Manuscrito. São Paulo: Unicamp/USP.
_____. (1994b) Anotações sobre o princípio da Hierarquia Temática. São Paulo: Unicamp/USP. Manuscrito.
_____. (2003) Predicação. In: CANÇADO, M. (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 11, n.2.
_____; CANÇADO, M. (1997) *Teoria generalizada dos papéis temáticos*. Manuscrito. Unicamp/UFMG.
_____.; NEGRÃO, E; VIOTTI, E. (1998) Sobre a gramática dos verbos impessoais com Ter/Haver. *D.E.L.T.A.* , São Paulo, v. 14. Disponível em: <http://www.scielo.br/delta>. Acesso em: 19 out. 2004. (Número especial)

GALVES, C. C. (1993) O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP. p. 387-408.

GUY, G. R. (1981) *Linguistic variation in Brazilian Portuguese*: aspects of the phonology, syntax and language history. 391 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – University of Pennsylvania, Filadelfia. Mimeografado.

HAEGEMAN, L. (1996) *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blackwell.

KATO, M. A. (1999) *A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil*. In: FORUM LINGÜÍSTICO, 1999, Florianópolis: **Anais**... Florianópolis, UFSC. p.1-21.
_____ ; TARALLO, F. (1988) *Restrictive VS syntax in brasilian portuguese*: its correlation with invisible clitics and visible subjects. In: GEORGETOWN UNIVERSITY

ROUNDTABLE IN LINGUISTICS, 34., 1988, Washington: **Anais**… Georgetown University Press.
_____ et al. (1996) Padrões de predicação no português falado no Brasil. In: KATO, M. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP. v.5.
_____; RAPOSO, E. (1996) European and Brazilian Word order: questios, focus and topic constructions. In: PARODI, C. et al. (Ed.) *Aspects of romance linguistics*.Washington: Georgetown University Press. p. 267-277

LABOV, W. (1983) *Modelos sociolingüísticos*. Tradução J.M.M. Herreras. Madrid, Espanha: Cátedra. (Versão original em inglês).

LEMLE, M.; NARO, A. (1977) *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras. (Mestrado) – Fundação MOBRAL e Fundação Ford, Rio de Janeiro.

LEVIN, B.; HOVAV, M. R. (1995) *Unaccusativity*: at the syntax – lexical semantics interface. Cambridge: The MIT Press.

LIRA, S. (1982) *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. Tese. (Doutorado) – University of Pennsylvania:University Microfilms International.
_____. (1986) Subject postposition in portuguese. *D.E.L.T.A*. v. 2, n.1.

LUCCHESI, D. (1988) *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri.
_____. (1999) A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. *A cor das Letras*, n. 3, p. 73-100, dez.
_____. (2000) *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira*: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. (1994) *O português arcaico:* morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto. p. 63 e 64.

MOURA NEVES, M. H. (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.

MONGUILHOTT, I. O. S. (2002) Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESSEN, P. (Org.) *Variação e mudança no português falado na região sul.* Pelotas: EDUCAT.

NASCIMENTO, M. do . (1984) *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Tese. (Doutorado) – Université de ParisVIII, Paris.
NARO, A. (1981) The social and structural dimentions of a syntatic change. *Language*, LSA, 57 (1), p. 63-98.

NICOLAU, E. M. das D. (1995) *As propriedades de sujeito nulo e a ordem VS no português brasilero*. 1995. Tese. (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. (2003) In: MIRA MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.

PALMIERE, D.T. L. (2002) *A inacusatividade na aquisição da linguagem*. 2002. 197 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PERLMUTTER, D. (1978) Impersonal passive and the unaccusative hypothesis. In: JAEGER, J. et al. (Ed.) *Proceedings from the IV Annual Meeting of the BLS*. Berkley, California.

PONTES, E. (1983) Ordem VS em português: tentativa de explanação. *Cadernos de Lingüística e de Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, n. 9, p. 49-70.
_____. (1986) *Sujeito*: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática.

RAPOSO, E. P. (1992) *Teoria da gramática*: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho.

RIBEIRO, I. (2002) *Ensino reflexivo de conceitos gramaticais*: partindo da gramática normativa para a análise de dados do vernáculo. Salvador: UFBA/CNPQ.
_____. (2005) *Um estudo da ordenação dos constituintes em duas versões da Crônica Geral de Espanha*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ABRALIN, Brasília: **Anais**...

SCHERRE, M. M. P. (1993) *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro: UFRJ.
_____. (1996) Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.) *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 37-50.

_____.; NARO, Anthony Julius. (2003) Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA, Maria Cecília; Braga, Maria Luísa (Org.). *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto. p. 147-178.

SILVA, Jorge A. A. (2003) *A concordância verbal no português afro-brasileiro*: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do estado da Bahia. 2003. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

SILVA, Maria Cristina F. (2004) *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. 2004. Dissertação. (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SPANÓ, M. (2002) *A ordem VSN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu*. 2002. Dissertação. (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SPORTICHE, D. (1988) A theory of floating and its colloraries for constituent structure. *Linguistic Inquiry,* v. 19 (3).

TARALLO, F. (1983) *Relativization strategies in brazilian portuguese*. 1983. Dissertação. (Mestrado) – Universidade da Pennsylvania, Microfilms International.
_____ . (1985) *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.
_____. (1991) Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p.11-12.
_____. (1993) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.) *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: UNICAMP.

TAVARES SILVA, C. R. (2004) *A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS*: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu. 2004. Tese. (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

TORRES MORAES, M. A. C. R. (1996) Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e o caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.) *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: UNICAMP. p.263-306.

VAN VALIN, R. D. (1990) Semantic parameters of split intransitivity. In: *Language*, n.66, p.221-260.

VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

VIOTTI, I. de C. (1999) *A síntese das sentenças existenciais do português do Brasil.* 1999. Tese. (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. (1989) *As construções ergativas*: um estudo sintático e semântico. 1989. 190 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.